

GREGÓRIO DE MATOS
Araripe Júnior



GREGÓRIO DE MATOS
Araripe Júnior

Prefácio: Alcmeno Bastos





Os Correios, reconhecidos por prestar serviços postais com qualidade e excelência aos brasileiros, também investem em ações que tenham a cultura como instrumento de inclusão social, por meio da concessão de patrocínios. A atuação da empresa visa, cada vez mais, contribuir para a valorização da memória cultural brasileira, a democratização do acesso à cultura e o fortalecimento da cidadania.

É nesse sentido que os Correios, presentes em todo o território nacional, apoiam, com grande satisfação, projetos da natureza desta Biblioteca Básica Brasileira e ratificam seu compromisso em aproximar os brasileiros das diversas linguagens artísticas e experiências culturais que nascem nas mais diferentes regiões do país.

A empresa incentiva o hábito de ler, que é de fundamental importância para a formação do ser humano. A leitura possibilita enriquecer o vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Assim, os Correios se orgulham em disponibilizar à sociedade o acesso a livros indispensáveis para o conhecimento do Brasil.

Correios



O livro, essa tecnologia conquistada, já demonstrou ter a maior longevidade entre os produtos culturais. No entanto, mais que os suportes físicos, as ideias já demonstraram sobreviver ainda melhor aos anos. Esse é o caso da Biblioteca Básica Brasileira.

Esse projeto cultural e pedagógico idealizado por Darcy Ribeiro teve suas sementes lançadas em 1963, quando foram publicados os primeiros dez volumes de uma coleção essencial para o conhecimento do país. São títulos como *Raízes do Brasil*, *Casa-grande & senzala*, *A formação econômica do Brasil*, *Os sertões* e *Memórias de um sargento de milícias*.

Esse ideal foi retomado com a viabilização da primeira fase da coleção com 50 títulos. Ao todo, 360 mil exemplares serão distribuídos entre as unidades do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, contribuindo para a formação de acervo e para o acesso público e gratuito em cerca de 6.000 bibliotecas. Trata-se de uma iniciativa ousada à qual a Petrobras vem juntar suas forças, colaborando para a compreensão da formação do país, de seu imaginário e de seus ideais, especialmente num momento de grande otimismo e projeção internacional.

Petrobras - Petróleo Brasileiro S. A.



Apresentação	xí
Prefácio – Alcmemo Bastos	xííí
I – A sátira – Suas origens – Os verdadeiros satíricos	3
II – A “Boca do Inferno” – Malignidades de um poeta	7
III – O fauno – Brejeirices do poeta em Coimbra e em Lisboa – O Marinicolas – Um juiz de má morte e as três freiras do Convento da Rosa	12
IV – A terra – O fenômeno da obnubilação – A Bahia; meio híbrido; influência da negra mina – O Recôncavo e as suas riquezas	26
V – A verdadeira musa do poeta – Influência da mulata sobre suas trovas e epigramas	38
VI – Os três ódios do poeta – A questão da murça – Sátiro e caipora – Contra padres – Contra advogados – O braço forte e o braço de prata	44
VII – Ainda os três ódios do poeta – Advocacia pornográfica – Nativismo feroz; Guerra ao “unhate” – Contra mulatos; psicologia dessa raça	57
VIII – O mofino político – Contra governadores – Caricaturas e retratos – o “Nariz de embono”	69
IX – O parasita – De viola em punho; pelos engenhos – Os amigos do poeta – Galeria de mulatas; lirismo crioulo	83
X – O deportado – Em Angola; último pleito do poeta – Em Pernambuco; para a eternidade	100

XI – <i>In excelsis</i> – Filosofia e pessimismo	
– O capadocismo – Profecias do poeta	106
XII – <i>In excelsis</i> ainda – O autor das Reprovações e o Padre Antônio Vieira – Poética – O gênio de lundu – A língua de Gregório de Matos	123

Notas e aditamentos

I	132
II	132
III	133
IV	135
V	135
VI	136
VII	137
VIII	138
IX	138
X	139
XI	140
XII	141
XIII	141
XIV	141
XV	141
XVI	142
XVII	143
XVIII	143
XIX	143
XX	145
XXI	146
XXII	147
XXIII	148

A Fundação Darcy Ribeiro realiza, depois de 50 anos, o sonho sonhado pelo professor Darcy Ribeiro, de publicar a Coleção Biblioteca Básica Brasileira – a **BBB**.

A **BBB** foi formulada em 1962, quando Darcy tornou-se o primeiro reitor da Universidade de Brasília – UnB. Foi concebida com o objetivo de proporcionar aos brasileiros um conhecimento mais profundo de sua história e cultura.

Darcy reuniu um brilhante grupo de intelectuais e professores para, juntos, criarem o que seria a universidade do futuro. Era o sonho de uma geração que confiava em si, que reivindicava – como Darcy fez ao longo da vida – o direito de tomar o destino em suas mãos. Dessa entrega generosa nasceu a Universidade de Brasília e, com ela, muitos outros sonhos e projetos, como a **BBB**.

Em 1963, quando ministro da Educação, Darcy Ribeiro viabilizou a publicação dos primeiros 10 volumes da **BBB**, com tiragem de 15.000 coleções, ou seja, 150 mil livros.

A proposta previa a publicação de 9 outras edições com 10 volumes cada, pois a Biblioteca Básica Brasileira seria composta por 100 títulos. A continuidade do programa de edições pela UnB foi inviabilizada devido à truculência política do regime militar.

Com a missão de manter vivos o pensamento e a obra de seu instituidor e, sobretudo, comprometida em dar prosseguimento às suas lutas, a Fundação Darcy Ribeiro retomou a proposta e a atualizou, configurando, assim, uma nova **BBB**.

Aliada aos parceiros Fundação Biblioteca Nacional e Editora UnB, a Fundação Darcy Ribeiro constituiu um comitê editorial que redesenhou o projeto. Com a inclusão de 50 novos títulos,

a Coleção atualmente apresenta 150 obras, totalizando 18 mil coleções, o que perfaz um total de 2.700.000 exemplares, cuja distribuição será gratuita para todas as bibliotecas que integram o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, e ocorrerá ao longo de três anos.

A **BBB** tem como base os temas gerais definidos por Darcy Ribeiro: O Brasil e os brasileiros; Os cronistas da edificação; Cultura popular e cultura erudita; Estudos brasileiros e Criação literária.

Impulsionados pelas utopias do professor Darcy, apresentamos ao Brasil e aos brasileiros, com o apoio dos Correios e da Petrobras, no âmbito da Lei Rouanet, um valioso trabalho de pesquisa, com o desejo de que nos reconheçamos como a Nova Roma, porém melhor, porque lavada em sangue negro, sangue índio, tropical. A Nação Mestiça que se revela ao mundo como uma civilização vocacionada para a alegria, a tolerância e a solidariedade.

Paulo de F. Ribeiro
Presidente
Fundação Darcy Ribeiro

A obra poética de Gregório de Matos (1636-1696)¹ permaneceu praticamente inédita até o século XVIII, quando veio a público o códice manuscrito dos seus poemas, organizado pelo licenciado Manuel Pereira Rabelo. E somente em 1850 ocorreu a primeira publicação em livro de seus poemas, no Tomo I do *Florilégio da poesia brasileira*, de Francisco Adolfo de Varnhagen. Pode-se dizer, portanto, que o estudo de Araripe Júnior é dos primeiros a dar conta da importância do poeta no quadro da literatura brasileira. Publicado em 1894, esse ensaio crítico apareceu primeiro nas páginas do *Jornal do Brasil*, nos meses de fevereiro e março do ano anterior, e foi acrescido dos capítulos XI e seguintes para publicação em livro.

Tristão de Alencar Araripe Júnior nasceu em Fortaleza em 27 de junho de 1848 e morreu no Rio de Janeiro em 29 de outubro de 1911. Formou com Sílvio Romero (1851-1914) e José Veríssimo (1857-1916) a trindade dos críticos literários mais influentes do século XIX, embora não tivesse deixado, como os outros dois o fizeram, uma história da literatura brasileira. Exerceu a crítica

¹ Nas Notas e aditamentos, Araripe Júnior observa que “Da biografia escrita pelo licenciado Rabelo [Manuel Pereira] e do trabalho de [Alfredo do] Vale Cabral publicado como introdução ao 1º volume das *Obras poéticas* de Gregório de Matos, verifica-se que o poeta” nasceu, “segundo o códice mais aceito em 7 de abril de 1623”. Contudo, o licenciado Rabelo, na referida biografia, *Vida do excelente poeta lírico, o doutor Gregório de Matos Guerra*, publicada como “Apêndice da 1ª edição”, dá como data de nascimento o ano de 1633 (cf. Volume II de *Gregório de Matos: obra poética* / edição James Amado; preparação e notas de Emanuel Araújo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1990, p.1251-1270). Araripe Júnior não esclarece a razão de haver recuado dez anos no tempo para o nascimento de Gregório de Matos.

literária nas páginas dos jornais e revistas da época, e este *Gregório de Matos* é bem representativo dos seus métodos de crítica literária.

Logo na apresentação, a que deu o título de “Prevenção”, declara ter adotado o mesmo método que seguia desde 1878, quando teve a atenção voltada para a filosofia e a crítica, e deixou de lado, embora a ele voltasse mais tarde, o romance. Nas palavras do próprio Araripe Júnior, nessa “Prevenção”, seus trabalhos de crítica literária passaram então a ser baseados “no evolucionismo spenceriano e adestrado nas aplicações de Taine”, reforçado com o “estudo comparado dos críticos vigentes”. Nada, portanto, que divergisse radicalmente das ideias vigentes no final do século XIX.

Contudo, Araripe Júnior não aplica mecanicamente nenhuma teoria determinista. Dá, sim, grande importância ao meio social no qual a obra de Gregório de Matos foi produzida, mas não esquece de singularizar o temperamento do poeta. Segundo Araripe Júnior, o espírito Gregório de Matos “devia ser atraído por todos os elementos que constituíram a vida íntima da colônia”, de modo que o contato com a terra natal, com as peculiaridades da vida na colônia, como, por exemplo, a acentuada mestiçagem, propiciou o florescimento de sua veia satírica. Esta já fora exercida em Portugal, quando da estada do poeta na metrópole, mas sem a contundência que lhe valeu, na colônia, o apelido de “Boca do Inferno”. Desse modo, dentre os fatores que determinariam o caráter da poesia de Gregório de Matos, o mais importante foi, no entender de Araripe Júnior, o meio físico-social, especialmente o social, pois Gregório, sendo um sátiro, como faz questão de afirmar o crítico, era também um psicólogo e tinha, em consequência, sua atenção voltada para a vida social. Tanto que a paisagem física não lhe despertava o interesse.

Araripe Júnior adotou uma expressão que ventila a rigidez das concepções positivistas, qual seja a “obnubilação”, que define com toda a clareza como sendo a “transformação por que

passavam os colonos atravessando o oceano Atlântico, e na sua posterior adaptação ao meio físico e ao ambiente primitivo”. Esse conceito é central nas considerações de Araripe Júnior sobre a obra poética de Gregório de Matos, pois explicaria satisfatoriamente as diferenças observáveis entre a produção gregoriana de seu tempo em Portugal, onde viveu por cerca de trinta anos, de 1650 a 1682, e a poesia praticada no Brasil. Diz Araripe Júnior que, se Gregório de Matos não tivesse voltado ao Brasil, “não iria além das sátiras agressivas do gênero do *Marinícolas*” (apelido sarcástico, atribuído a Nicolau de Oliveira, provedor da Casa da Moeda ao tempo do Rei D. Pedro II de Portugal).

Em reforço da influência do meio sobre a poesia de Gregório de Matos, é de considerar-se que o poeta voltou ao Brasil em idade já avançada, já quarentão, o que poderia representar que seu perfil humano e literário estava fixado de uma vez por todas. Mas a Bahia produziu, segundo Araripe Júnior, um “novo” Gregório de Matos, justamente aquele que importaria à vida literária no Brasil. Gregório de Matos viveu mais tempo em Portugal que no Brasil, onde viveu, depois do seu regresso, até 1694, quando foi banido para Angola, de onde regressou, definitivamente, para morrer em Pernambuco, em 1696.

Decorre do peso decisivo atribuído à vivência brasileira, especialmente baiana, de Gregório de Matos que a atenção maior, quase exclusiva, de Araripe Júnior vai para a poesia satírica, mais adequada à crônica do viver colonial que às manifestações de lirismo convencional. Nas palavras de Araripe Júnior, Gregório de Matos “apoderou-se de todos os tipos e personagens que lhe afrontaram o olhar perscrutador e maligno”. A partir dessa correlação entre o indivíduo e o meio físico-social, é possível ao leitor acompanhar não apenas a biografia de Gregório de Matos, mas a própria história da Bahia, da sucessão dos seus governantes, das tramas políticas, dos crimes, da podridão moral de praticamente todas as camadas sociais. Como um atento sismógrafo, Gregório

de Matos registrava em seus poemas satíricos os acontecimentos políticos. A história, para Araripe Júnior, não é apenas pano de fundo ao desenho da trajetória do “Boca do Inferno”, mas a moldura indispensável ao repasse das informações biográficas. Estas, por sua vez, são pontuadas por citações de poemas que ridicularizam pessoas e costumes da Bahia da época em que viveu o poeta.

Assim sendo, quase não há espaço, no estudo de Araripe Júnior, para o lirismo amoroso de Gregório de Matos, já que as matrizes desse domínio de sua produção poética são claramente europeias, sem tipicidade local. Ainda que esses poemas pudessem informar sobre costumes de galanteria do tempo, não se adequavam tão bem aos propósitos beligerantes do “Boca do Inferno”. Araripe Júnior se refere, sim, a um “lirismo *crioulo*” (itálico nosso) praticado por Gregório de Matos, “que constituiu a maior originalidade de seu estro”, apesar da ressalva de não “lirismo” ser a palavra adequada, pois Gregório “descascava a própria madeira nacional e dela fazia a viola que um século depois havia de ser tangida por Lerenó”. O objeto desse “lirismo crioulo” efusões eram sempre as mulatas, a quem o poeta cortejava despididamente, a despeito de sua já avançada idade. Tão forte teria sido a impressão deixada no poeta que Gregório de Matos, “logo que enxergou mulatas, meteu os pés no cultismo e entrou na posse plena de sua originalidade”. Araripe Júnior exemplifica essa inclinação do poeta com a nominação das inúmeras mulatas pelas quais se apaixonou o poeta e comenta em pormenores suas desditas amorosas.

Nos capítulos finais, Araripe Júnior discorre sobre a “estética” de Gregório de Matos, que lhe parece “muito simples”. Gregório de Matos “dava o impulso à máquina e não se ocupava em meditar, cingindo-se à regra de Quintiliano, *detrahere, adjicere et mutare*”, isto é, *remover, adicionar e alterar*. Uma estética quase instintiva, portanto, condicionada ao estímulo imediato, como resposta a uma provocação. Araripe Júnior nega a Gregório de Matos “invenção”, pois sua “fantasia, pouco complicada, não se prestava às

combinações que se encontram em escritores do outro lado do Atlântico”. Mas reconhece nele forte “imaginação”. Gregório de Matos, diz Araripe Júnior, “conseguiu descobrir e tornar visível o colorido da vida tropical baiana, que ninguém percebia naquela época”. Mas esse “colorido” não se cifrava no “sentimento do pitoresco”, por conta da sua “inaptidão para exercícios contemplativos”. Desse modo, Araripe Júnior, a rigor, divorcia Gregório de Matos do próprio Barroco, tão acentuada nele seria a vocação de cronista de costumes, desinteressado dos retorcimentos antitéticos da escola, por exemplo. A poesia de Gregório era, portanto, reta, objetiva, sem os torneios retóricos dos poetas espanhóis, sobretudo, e portugueses seus contemporâneos.

O estudo se fecha com considerações sobre a influência de Gregório de Matos na posteridade literária brasileira. Araripe Júnior admite que tal influência “é difícil de determinar por via documentária”, sendo escassas as referências a seu nome, antes do período romântico. Fora do âmbito literário propriamente dito, porém, essa influência se “reproduziu na musa popular”. Tece ainda algumas considerações sobre a linguagem do poeta, dizendo que ele “usou de uma língua sua”, com um “vocabulário rico, variado, cheio de termos tropicais”, e que sua sintaxe “nada tem de comum com a que usavam os poetas do tempo”, concluindo: “Outros terão subido mais na sublimidade do estro; nenhum, porém, representou tão originalmente o gênio do Brasil inteligente”.

Para os padrões atuais, o estudo de Araripe Júnior não se define como de crítica literária, apenas, e nem se apresenta como biografia, simplesmente. A biografia de Gregório de Matos é lacunosa, a começar pelo fato de que ele nada publicou em vida. A fonte primeira é a biografia feita pelo licenciado Manuel Pereira Rabelo, que abre o códice manuscrito das poesias completas de Gregório de Matos, de data incerta, provavelmente do início do século XVIII. Araripe Júnior a ela recorre ocasionalmente, mas sem

deixar de apor reparos à fidelidade do registro. Essa carência de informações biográficas não demove o crítico do seu propósito de unir vida e obra e é amplamente compensada com o painel vigoroso do cenário em que atuou o “Boca do Inferno”. A já mencionada mudança ocorrida no poeta, após sua volta ao Brasil, é a chave para a afirmação do nativismo gregoriano, de sua consciência de pertencer a um meio social que ele vergastou e de que foi também exemplo. Araripe Júnior deixa muito claro que Gregório de Matos foi o primeiro poeta social brasileiro. Seu desinteresse pela face lírica da poesia de Gregório de Matos é exagerado, mas é inegável ter sido Araripe Júnior o primeiro crítico a dar importância à brasilidade do poeta. Releva notar ainda, como já dito, que suas convicções positivistas não o levaram a desenhar um Gregório de Matos apenas expressão de um meio físico-social condicionante. A singularidade do poeta foi, portanto, preservada, mesmo decorrendo ela, em grande parte, do meio e do momento histórico.

ALCMENO BASTOS É PROFESSOR DE LITERATURA BRASILEIRA DA UFRJ – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. DOUTOR EM LETRAS PELA MESMA INSTITUIÇÃO.

Referências bibliográficas:

ARARIPE JÚNIOR, T.A. *Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: Fauchon, 1894.

ARARIPE JÚNIOR, T.A. Gregório de Matos. In: _____. *Obra crítica de Araripe Júnior*.

Volume II 1888-1894. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Casa de Rui Barbosa, 1960, p. 383-490.

GREGÓRIO DE MATOS —
Araripe Júnior



A SÁTIRA — SUAS ORIGENS — OS VERDADEIROS SATÍRICOS

§1

A sátira, antes de ser um fenômeno social e literário, é um fenômeno fisiológico. Irritação do forte, sadio e triunfante contra o fraco que se arrasta na sua impotência, na sua tristeza, entanguido pelo aleijão, a sátira, em sua expressão mais pura, não passa da malignidade produzida pela exuberância vital, momentaneamente desviada do eixo sobre o qual giram todos os fenômenos da vida universal. Diferenciação do riso, que, como bem o definiu Spencer, é a válvula por onde se dão as descargas do sobre-excesso de vida e de satisfação, ele começa a manifestar-se desde o irracional, e, ascendendo até a vida social, na sua característica estética, apresenta em todas as suas fases o mesmo sinal — a preponderância dos sentimentos maus sobre os benignos.

Os irracionais são muitas vezes satíricos; e não é pouco verem-se nas ruas das cidades cães alterosos e soberbos de casas fidalgas atirarem-se em troça sobre o pobre lazarento, faminto e gozo, que teve a desventura de vir, com a cauda entre as pernas, mariscar as migalhas de alguma cozinha de restaurante. Essa hostilidade dirigida contra a fraqueza, contra a miséria, que raramente deixa de confundir-se com o ridículo, tive eu, um dia, ocasião de observar, com pasmo, em um frangote, garboso e de linda plumagem, o qual com uma insistência maligna e feroz se entretinha em beliscar um pinto depenado e engrujado, a quem gogo tirara os últimos resquícios de alegria. Entre as espécies inferiores, quem não vê que o

macaco e a raposa são espécimes perfeitamente acentuados dessa malignidade refugiada nos confins da vida? Para convencer-mos do acerto basta recorrer ao bom senso do observador popular e ler as fábulas de La Fontaine, onde “maître Renard” representa toda a sutil e enganosa perversidade do homem, junta aos instintos agressivos do mais apurado mefistofelismo. Acompanhe-se o ciclo medieval do romance do Raposo e depurem-se no crisol da crítica todas as saídas, repentes e agudezas que o povo pôs na astúcia do personagem de onde Goethe tirou *Reinech Fuchs*, e ninguém duvidará de que do animal daninho ao celebre Mefisto o caminho a percorrer não é tão longo como talvez se pense.

As origens fisiológicas da sátira, portanto, não se envolvem em muito grande obscuridade; e, transpondo os umbrais, que lhe dão ingresso na vida social, se por um lado essa manifestação complicasse, por outro oferece-nos, talvez, dados mais certos do que qualquer outra, para não a confundirmos com o sublime, com o belo, com o amor e com as formas intermédias da sensibilidade humana.

§2

A história literária da sátira está em grande parte feita. Reina, porém, em toda ela uma deplorável confusão.

A sátira é a malignidade traduzida em estilo poético. Entretanto, muitos historiadores querem-na encontrar no fundo das concepções literárias do budismo, bem como no de outras literaturas pessimistas; e, ligando-a ao satanismo medieval, vem prendê-la ao *humour* de Swift, de Sterne e dos seus imitadores. Nessa filiação, porém, há grande erro de aplicação do princípio filosófico do transformismo alemão e uma fatal preocupação de escola radical. É suficiente, como já indiquei, considerá-la uma diferenciação do riso sadio, para que ninguém se lembre mais de chamar satíricos, pelo menos satíricos orgânicos, aos autores de *Gulliver* e de *Tristram Shandy*.

E sabem qual a razão de equívoco tão prejudicial à boa inteligência dos textos? É a inversão dos métodos literários operada pelo talento daqueles escritores.

Swift, que nascera para pregador, doutrinário, fez-se poeta e procurou a forma do apólogo para traduzir seu profundo pessimismo religioso, político e filosófico. Do encontro do seu mundo de ideias com a forma antagônica que lhe propunham resultou a ilusão de efeitos que deu lugar a que dissessem:

– Swift é um satírico.

Sterne fez quase a mesma coisa. Era uma alma mística, de asas cortadas e arrojada ao lamaçal de uma sociedade, por suposição sua, corrupta, desorientada, e convictamente louca. A resultante foi esta: Sterne fingiu voar com os cotos das asas sobre o lameiro, em que ele se sonhava submerso; e o seu sonho ainda repercutiu na consciência dos críticos, como se se tratasse de um Luciano ou um Apuleu.

Há também repreensível erro em considerar Juvenal um satírico orgânico. Juvenal, apesar de ter dado ao seu livro o nome de *Satyras*, não se purgou bastante do caráter de puro moralista para que a sua malignidade tomasse a conveniente orientação. Muito mais satírico do que ele foi Horácio, lúbrico e gaiteiro, ferindo os vícios que lhe pareciam ridículos, mas rebolecando-se noutros, onde sua lascívia e sua instintiva perversidade encontravam repasto ao sibaritismo literário de Mecenas. A alma de Juvenal, ao contrário disso, figura-se-me a revivescência da alma indignada de Catão, sob cujo ponto de vista assemelha-se pasmosamente à de Tácito, e, nos tempos modernos, à de La Rochefoucauld. Todos os três, profundos psicólogos e ainda mais profundamente saturados das enfermidades de seu tempo, tiraram da clarividência do espírito toda a força e eloquência existente nos escritos que nos legaram. São moralistas indignados; apenas divergentes na forma literária que adotaram. Tácito, porque tinha aprendido a historiar, escreveu as biografias tétricas de Tibério, Calígula, Cláudio e Nero. La Rochefoucauld preferiu fazer psicologia em máximas e pensamentos. Juvenal, porém,

forçado pela época, exibiu-se no gênero que mais convinha aos seus leitores, e lançou as sátiras que todos conhecemos. Todavia, no fundo não se descobre o mínimo elemento de malignidade ou de espírito destruidor. Quando muito a crítica descobre naqueles trechos imortais a adaptação da forma de um gênero estranho aos intuitos de um moralista acre, violento, picante nos conceitos, mas nunca esquecido do que devia a si e à dignidade humana.

Facit versum indignatio, disse o legislador da crítica no século XVII, repetindo a máxima de outro legislador mais antigo. Pois bem, a indignação dos grande psicólogos sempre deu e há de dar o que se encontra nas entrelinhas da sátira juvenalesca. Pois desse modo também seriam satíricos Shakespeare, em grande parte de suas tragédias, principalmente quando *Ricardo III* pinta o caráter de Gloucester, e Saint-Simon, quando nas suas *Memórias* descobre as minudências mais recônditas, ou antes os segredos das ações sempre festejadas dos grandes e nobres do seu século.

O verdadeiro satírico, portanto, é um psicólogo *à rebours*. Nem é o irônico, nem o pessimista, nem o cômico, nem o humorista doentio. O verdadeiro satírico é Aristófanes; é Diógenes, na antiguidade; é Gregório Matos, nos tempos modernos,

A sátira, como dizia A. Comte, é a sistematização do espírito destruidor. Eu poderia, para convencer meus leitores desta verdade, deitar abaixo toda a livraria que existe hoje sobre o *humour* de Swift e de Sterne, sobre o *cômico molieresco*, sobre a ironia shakespeariana e sobre outras manifestações do espírito humano; e as críticas francesa, inglesa e alemã me ofereceriam um vasto campo de erudição, onde escolhesse exemplos para confirmar a tese que sustento. Mas, por outro lado, as opiniões seriam tão embrulhadas e contraditórias, os preconceitos dos alemães contra a França, e vice-versa, se apresentariam por tal modo revoltantes e absurdos, que acho preferível provocar a convicção pela análise do tipo a que dediquei este estudo.

Vamos, pois, a *O Boca do Inferno*.

O “BOCA DO INFERNO” — MALIGNIDADES DE UM POETA

§1

O Padre-mestre Antônio Vieira, referindo-se a Gregório de Matos, disse que “maior fruto produziam as sátiras do poeta que as missões dele jesuíta”. E houve quem assegurasse que o *Boca do Inferno* com seus versos conseguira moderar o desregramento dos costumes e impedir que se incrementasse o desgoverno da colônia.

Aí *tem uma* lenda como qualquer outra. Vieira, que, sob alguns pontos de vista, recorda o ceticismo e a mordacidade dos Srs. Lafayette e Ferreira Viana; Vieira, que, como esses nossos conterrâneos sempre amou o paradoxo e o folhetim eclesiástico; Vieira não podia acreditar que a sátira fosse capaz de melhorar a alma de ninguém. Se, portanto, ele dirigiu aquela barretada ao poeta baiano, naturalmente o fez deixando-se levar pela admiração que votava ao talento de Matos, cuja carreira, solta a todos os ventos do paradoxo, causava-lhe certa inveja, e a que só a samarra da companhia lhe impedia acompanhar, conforme o gênio lhe indicava.

Um notabilíssimo canalha, eis o que ele era. Perdoe-se o uso da frase com que o povo às vezes define incisivamente o caráter de certos indivíduos.

E não podia ser senão isto o homem que teve bastante coragem para afrontar as coisas mais delicadas da vida conjugal.

O povo pôs em Gregório de Matos a alcunha de *Boca do Inferno*; e nunca professores de crítica ultrapassaram a exatidão dessa psicologia em duas palavras.

– Ó boca do inferno! – diziam as velhas quando viam o poeta subir caxingando as ladeiras da Bahia; e ele silencioso, apenas confrangendo o rosto em rictos danado, como Dante em Ravena, prosseguia em seu caminho meditando a obra do seu engenho, que, se não era uma construção semelhante à *Divina comédia*, produzia-se pelo menos, naquele cérebro, com intensidade igual à do celebre florentino. O satírico cevava-se na sua descomunal mordacidade.

O seguinte fato, referido pelo licenciado Manuel Pereira Rebelo, em falta de outros mais miúdos, será suficiente para dar a nota capital da índole de Gregório de Matos. Diz o biógrafo que, tendo o poeta ligado a sua sorte à de uma senhora de gênio um tanto impaciente, sucedeu que um dia, tocada pelas necessidades e pelas distrações constantes do marido, “cujas desenvolturas são patentes de suas obras”, essa mulher não pôde mais aturá-lo e saiu de casa. Recebeu-a um tio, que era homem prudente, o qual, não obstante reconhecê-la inocente, julgou mais acertado repreendê-la, aconselhando o regresso ao lar abandonado para evitar a risota dos vizinhos e o escândalo da cidade; depois disso foi ter com o sobrinho e lançou-lhe toda a retórica de que dispunha para convencê-lo de que era obrigação sua receber a esposa outra vez, como quem devia dar o exemplo de retidão e mais largo juízo do que o que de ordinário se encontra no sexo frágil. Que pensam que fez o *Boca do Inferno*? Não se houve pelos autos. Teve raiva, e, dando pasto à sua veia satírica, não trepidou em sacrificar o carinho da esposa a uma frase de efeito, a uma anedota que o celebrizasse.

– Minha mulher – respondeu ele – fugiu de casa como qualquer escrava boçal. Pois bem: só há um meio de consentir que volte ao tugúrio marital. Que venha amarrada em cordas e por mão de competente capitão-do-mato.

Aceita como inabalável a resolução do poeta, o tio, e pelo modo mais decoroso, refere a crônica, tratou de reconduzir a sobrinha

ao lar doméstico, e assim cumpriu-se o nefando capricho do ofendido. O capitão-do-mato fez seu dever e em tempo pagou-se-lhe “a tomada do regimento”.

Ora, eis um fato que só por si revela de sobressalto toda malignidade e espírito malfazejo do homem que se julgava destinado a *enderechar los tuertos* e salvaguardar o império da lei, dando cumprimento ao texto da Ordenação do liv. V, tít. 36, onde diz que ao marido compete castigar brandamente as mulheres atrevidas e mal-educadas.

§2

A ferocidade de Gregório de Matos não ficou somente nos dislates praticados com a esposa, que deveria merecer-lhe, como lírico que era e da melhor espécie, o carinhoso cuidado do marido e o amor paternal do protetor. O poeta acreditava em Deus, tanto assim que, nas horas em que o perfumava o lirismo religioso, ditava versos da ordem dos que vou transcrever:

*Pequei, Senhor, mas não, porque hei pecado,
Da vossa alta piedade me despido:
Antes quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.*

*Se basta a vos irar tanto pecado,
Abrandar-vos sobeja em só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido
Vos tem para o perdão lisonjeado.*

*Se uma ovelha perdida, já cobrada,
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra História,*

*Eu sou, Senhor, ovelha desgarrada:
Cobrai-a e não queirais, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.*

Pois bem; esta dulcíssima unção de cristão converso desaparecia completamente, desde que o tomava a raiva e diante de seus olhos surgiam clérigos de que ele não gostava. É para admirar-se, então, como a animalidade o assoberbava e como o cinismo o fazia descer até ao mais desbragado desrespeito a coisas reputadas santas. Diante da contração satírica tudo cedia, tudo se desfazia, tudo se esbandalhava, e à boca vinha o volvo excrementício, que o poeta vomitava colérico-risonho, saboreando em um infernal prazer e horror contumelioso dos pobres padres assustados de tanta acrimônia e modéstia.

*A nossa Sé da Bahia,
Como ser um mapa de festas,
É um presepe de bestas,
Se não for estrebaria:
Várias bestas cada dia
Vejo que o sino congrega:
Caveira mula galega,
Deão burrinha bastarda,
Pereira mula de albarda,
Que tudo da Sé carrega.*

É verdade que Frei João de São José refere que Gregório de Matos morrera como ímpio, sem embargo de o exortarem padres muitos doutos, inclusive o bispo de Pernambuco; mas que apesar disso, vendo este de crucifixo em punho e o Cristo com os olhos ensanguentados, lembrando-se de umas crianças suas vizinhas que sofriam de sapiranga, soltara este satânico quarteto:

*Quando meu olhos mortais
Ponho nos vossos divinos,
Cuido que vejo os meninos
Do Gregório de Moraes.*

É bem provável que o frade se tivesse iludido como outros se iludiram a respeito de tantos homens célebres na hora tremendíssima da morte. Seja, porém, como for, o que é certo é que o poeta, se fez os versos, não seria por mera impiedade, porque para isso era indispensável uma outra organização, mas pelo entranhado amor que votava ao próprio talento de que não se esquecia mesmo no momento solene do transe supremo.

Gregório de Matos era a sátira personificada. Tirá-la a ele era o mesmo que o matar. Secretá-la, o maior de seus prazeres. Como a mais vigorosa função do seu cérebro, a sátira devia, portanto, ser a última que morresse; daí a referência zombeteira, que por certo não lhe teria acudido aos lábios, se porventura não o afligissem com exortações os homens de batina, que por tantos anos o haviam atazanado.

Gregório de Matos inquinara o lar doméstico e rira-se à custa da divindade.

A sátira é sempre assim; reagente de decomposição social nunca para em seus efeitos. Away! Away! E o produtor da sátira, envolvendo-se a todo o instante, a todos os momentos, nos seus incansáveis movimentos clônicos, devora tudo como o fogo, a tudo fere como o raio, cego, sem piedade, insofrido, ávido de gozo e do prazer que o mal provoca em certas naturezas. Imagine-se o selvagem debatendo-se entre as arestas da sociedade e da moral que o tentam deter e que o comprimem e ter-se-á a imagem fiel do satírico da espécie que eu figuro, do Gregório de Matos que a crônica, os documentos e as respectivas obras me revelam...

III

O FAUNO — BREJEIRICES DO POETA EM COIMBRA E EM LISBOA — O MARINICOLAS — UM JUIZ DE MÁ MORTE E AS TRÊS FREIRAS DO CONVENTO DA ROSA

§1

Impossível para a vida regrada das pacatas conveniências, entramos Gregório de Matos desde logo, na universidade de Coimbra, fazendo estouro e incompatibilizando-se com os colegas pela veemência dos epigramas, armado de azorrague contra gregos e troianos, aterrando os imbecis, impondo o orgulho que lhe incute esse tremendíssimo talento do qual ele mesmo dizia:

*Noutras obras de talento
Só eu sou o asneirão,
Mas, sendo sátira, então
Só eu tenho entendimento.*

E porque, logo ao alvorecer da vida escolástica, viu que dispunha de uma arma irresistível, lançou-se através da sociedade, sem receio de que algures o molestassem, certo da vitória, e portanto inconsciente das resistências que vencida e das torturas que causava. Deste dia por diante o poeta passou a amar a sátira, ou antes o seu talento, muito mais do que a si próprio, e por isso mesmo mais do que à verdade, *gemesse quem gemesse*. Daí o pouco caso que fazia de muitas coisas delicadas, das quais nunca teria tido o descoco de apartar-se, se a imunidade do gênio e temor dos que o cercavam não o fizessem sobrenadar ovante e satisfeito.

Seria magistrado, seria jurisconsulto e advogado nas terras dos Brasis; sua inteligência absorveria tudo; mas o que nunca ele suprimiria do seu programa era o direito que a natureza lhe concedera de rir-se à custa do mundo, de divertir-se com as fraquezas do próximo, e de, exercendo a tirania do epigrama, saborear as contorções da vítima abatida diante dos seus olhos cúpidos do efeito tóxico do veneno propinado.

Quantas vezes não se encontram crianças malfazejas a contemplar, numa satisfação atroz, as convulsões de um sapo, ou de outro animal inofensivo e feio, ao qual aplicaram qualquer substância corrosiva? Entretanto, riem-se e riem-se por acharem ridículos, grotescos, os movimentos convulsos do batráquio e não terem ao mesmo tempo noção alguma da dor sofrida. Em Gregório de Matos é bem provável que o caso fosse o mesmo. Nem é possível explicar por outro modo o abuso de expedientes artísticos tão perversos, aliás, como já foi dito, justificados sob o ponto de vista de alta justiça social.

Não é fácil conciliar a austeridade moral do espírito epigramático de que o estudante conimbricense se servia para afrontar a gente da cidade, com as obscenidades dos seu versos e principalmente com esse bandolim sempre visto entre os seus dedos nas assuadas e convescotes à margem do Mondego.

As obscenidades são desculpadas pela influência da época. Como todos sabem, a contar de Boccacio, houve na Europa culta um movimento pornográfico, que só terminou ou se escondeu, literariamente falando, durante a reação romântico-religiosa de Chateaubriand. Século houve, porém, como o XVII, em que, se não era sinal de bom gosto, era pelo menos luxo ostentar nas obras mais sérias essa tendência para porcarias e indecências bem-metrificadas. Em Portugal, por exemplo, como bem observou Camilo Castelo Branco, no monólogo a *Os ratos da Inquisição*, o judeu Serrão de Castro “escreveu poemas inéditos de uma obscenidade

que transcende as poesias fesceninas de Frei Simão, *o torto*, de Frei Pedro de Sá, o provérbio da brejeirice, e do Lobo da Mandragoa, as delícias do Sr. D. Pedro IV”. Não era muito, portanto, que o poeta brasileiro, nascido com um sangue escaldado pela seiva tropical baiana, a exemplo do que se fazia então, portas adentro da Academia dos Singulares, em Lisboa, onde se perpetravam sonetos desbragados, metendo a ridículo tudo quanto havia de mais sagrado; não é de espantar que Matos, digo, desse largas também à sua brejeirice, que, além de nativa, podia muito a tempo cair no goto do rei ou de alguma freira jucundamente amada.

Tudo isso estava nos cânones da época e constituía, de parceria com os trocadilhos, agudezas e conceitos das escolas espanhola e italiana, uma atmosfera literária em que todos os poetas, mesmo os mais conventuais, mergulhavam sem querer, julgando praticar o mais inocente dos jogos permitidos. Nessa atmosfera, pois, o poeta brasileiro mergulhou o gênio satírico que lhe dera a natureza e o fez bem a fundo. O sangue queimado pelo sol tropical desse Brasil, onde florescia o *parica* indígena e os tupinambás encausticavam os órgãos sexuais para aumentar as delícias do amor, deu-nos em Gregório de Matos o *fauno* mais acabado de quantos produziram as terras de Paraguaçu.

Fauno era ele; e nenhuma outra fisionomia clássica serve tão exatamente como esta para caracterizar o autor do *Marinícolas*. O seu retrato, tal qual o encontramos descrito na citada biografia composta pelo licenciado Rebelo, não recorda outra coisa pelos traços da figura: “boa estatura, seco de corpo, membros delicados, poucos cabelos e crespos, testa espaçosa, sobrancelhas arqueadas, olhos garços, nariz aquilino, boca pequena e engraçada e barba sem demasias”. Este é o retrato do poeta quando já entrado em anos; por ele, porém, pode-se calcular o que não era ao tempo em que nas ruas e vielas de Coimbra exercia o epigrama sobre a gente simples do lugar e se lançava, na malta dos colegas, através das

surriadas dos adoradores da *sebenta*, de batina levantada e com os olhos congestos pela ferocidade da vaia jogralesca.

É pena que os documentos coevos sejam tão escassos a respeito das miudezas íntimas relativas à vida do poeta durante o tempo decorrido entre a sua formatura e o seu regresso para o Brasil.

Não obstante a escassez dos documentos, através das poesias satíricas desse brasileiro, de quem Belchior da Cunha Brochado dizia “com suas imagens e seus tropos bailava Momo às cançonetas de Apolo”, tão refinado era seu gênio, daqui o estou eu o enxergando a fazer a psicologia de Lisboa.

Para pôr em relevo a alma do fauno brasileiro, durante o exílio na terra de seus detestáveis avoengos, basta, entretanto, recorrer aos versos que ele ali compôs.

Varnhagen, na *História do Brasil*, atribui ao autor do *Marinícolas* o propósito estudado de imitar o castelhano Quevedo no que respeita ao tecido de anedotas que constitui a substância de sua vida aventureira; mas Varnhagen não tinha razão. Em primeiro lugar, Quevedo ocupou outra posição na sociedade espanhola; adquiriu proventos, foi diplomata, intrigou na corte e assumiu nos acontecimentos de sua época um interesse de que nunca o poeta brasileiro sequer teve noção; em segundo lugar, um temperamento não se imita, e Gregório de Matos tinha em si todos os elementos para ser extravagante por sua conta, e no meio em que vivia encontrava provocações suficientes para ser o originalão que universalmente nele se reconhece.

Temperamento de fauno existem em toda parte; mas faunos da qualidade de Gregório de Matos é que não se descobrem aos pares. Relendo aqueles seus versos e suprindo o muito que podiam dar suas composições rigorosamente obscenas e perdidas, pode-se imaginar o poeta, depois de sete anos vividos em Coimbra, atravessando o Mondego e chegando em Lisboa aromado de toda a vã filosofia e das sutilezas teológicas que naquele tempo se ensinavam,

sedento de viver e ainda mais curioso de verificar as reações que o seu gênio satírico, experimentado e buído nas justas da samarra, produziria nas almas dos tolos e na simplicidade das beatas. Aí se encontraria o diabo, o perverso tocador de gaita e bandolim, provavelmente em 1664, nas suas primitivas expansões, talvez ainda muito distante do Gregório de Matos da Bahia, o chacoteador que, só com o pôr dos óculos sobre o cavalete do nariz, quando à tarde olhava para as vidraças das casas nas ladeiras da cidade, provocava tanto riso e curiosidade como se o próprio Momo se mostrasse; mas em todo o caso já trombeteiro de *má morte*.

§2

Nessa época começou a desenrolar-se um dos quadros da vida histórica de Portugal mais digno de ser observado por um crítico de raça e de ser transmitido à posteridade em versos imperecíveis. Todavia durante essa época que foi tão imoral, em face de tamanhas devassidões principescas, a musa de Matos vibrou apenas cinco ou seis vezes, pois não passam desse número as sátiras que ser encontram nas coleções até esta data publicadas.

É provável que grande cópia das poesias obscenas, as quais, segundo afirma o licenciado Rabelo, dariam matéria para um grosso volume, fosse produzida nesse tempo. Nelas talvez se contivessem dados mais positivos sobre a atividade do poeta. Não há base, porém, para assegurá-lo.

As execuções que a crueldade de D. João IV decretara em 1641 haviam além disso tornado sóbrias e discretas as mandolinatas dos tunantes e capadócios. Entretanto, que gaifonas o poeta não devia ter soltado como espectador das farsas que precederam a empresa arrojada do enérgico e astucioso Conde de Castello Melhor? Diz a história que esse ambicioso, em 1662, explorando a inépcia, a impotência e o mau caráter de Afonso VI, que vivia a

jogar pedras nas ruas de Lisboa de parceria com os garotos, conseguiu numa hábil conspiração proclamá-lo maior aos 18 anos de idade, e arrebatá-lo desse modo a uma tutela incômoda e impolítica, a de D. Luiza. Ainda a história nos conta que esse pobre moço, idiota, vivia então nas garras de um célebre Antonio Conti, taverneiro genovês, devasso e ruim, que, segundo as crônicas referem, com terríveis minudências, fora pescado pelo príncipe nas arcadas dos Paços da Ribeira; outrossim reportam essas crônicas que a rainha mãe, vendo o filho apoiado no conselho desse miserável *cáften*, como hoje se diria, o qual lisonjeava todas as paixões baixas do menino, constituindo-se ministro secreto de prazeres e libertinagens régias, a troco de uma influência infamíssima nos negócios públicos, acabou por não suportá-lo, e, dando rebate aos sentimentos maternos, tomou o expediente de suprimir o *cáften*, deportando-o, e privou o rei-menino do regente dessa inenarráveis indecências. Sabe-se também que essa deportação serviu ao astuto conde de pretexto para que levasse a efeito planos longamente amadurecidos; e porque a mãe privara o rei-menino do seu precioso amigo, não se lhe tornou difícil convencê-lo de que se tramava a sua eterna minoridade e que os amigos da pátria podiam oferecer-lhe uma situação segura ou pelo menos mais decente e digna de um monarca. Mostrou-se então ao imbecil Afonso VI quanto o haviam traído. O conde, apenas de posse do poder na qualidade de primeiro-ministro, cuidou, qual outro Mazarino, de sistematizar-lhe os prazeres por meio de um *ministro de loucuras*, lugar que então coube ao *conspícuo* Henrique Henriques de Miranda, tenente-general de artilharia; e posteriormente arranjaram o casamento do menino com a famigerada Maria Francisca.

Tais alicantinas dariam para rir às claras, se o ambicioso ministro não fosse, além de habilíssimo, muito versado na arte das escamoteações políticas. Parece, contudo, que Gregório de Matos, no que toca ao genovês, não emudeceu de todo.

Sucedeu que Antonio Conti não se cingiu, na profissão de le-nocínio, a negócios de quartos baixos ou a ladroeiros de porçariço; e tudo dá a perceber que por artes italianas chegara até às altas finanças, concorrendo para a falsificação do peso da moeda real, expediente que aliás muitos reis portugueses já haviam larga-mente usado.

Gregório de Matos não o poupou, e, flagelando, escornando, jungindo o tipo ao patíbulo da sátira, como Apolo a Marsias, escorchou-o vivo, tirou-lhe o couro sem piedade, e não houve apodo que não lançassem a esse cavaleiro “de lindas partes”, me-tido em sege, “mais fidalgo que as mesmas estrelas”, descendente “por machos de sangue tudesco, porém pelas fêmeas de humor meretriz”. O perfil do *Marinícolas* é de uma energia brutal e tem um calor extraordinário, inflama, queima, combure.

O fauno estava ainda em Lisboa e portanto não recebera a influência do meio brasileiro; mas já os seus versos tinham uma acrimônia calcinante que antecipava todos os horrores da sua fu-tura musa. Vê-se no *Marinícolas* toda a pornográfica ideia que ele formava do meio social lisboeta. Os versos na sátira que se inscreve com aquele nome são obsceníssimos, e, em alguns pontos, degra-dam-se na baixeza do pensamento e no bordalengo das célebres expressões do calão indiano, que depois tornaram tão procurado o livro 7º das *Obras* de Bocage. Sem embargo disso, os intuitos do baiano vão muito mais alto. No *Marinícolas* vibra o látigo da im-piedade econômica e social. Pela descritiva vê-se que se tratava de pessoa de estirpe estrangeira, que chegou a exercer influência nos altos conselhos da monarquia e embrulhou a todos em magníficas combinações financeiras. Na Bahia, o poeta (1686), muito tempo depois, fez alusão a esse fato, ao saber que tinham diminuído o va-lor a que se havia erguido a moeda quando ele estava na Corte.

Nesse ponto, o poeta além da sátira, mantinha-se na linha das boas ideias, profligando, naquele tempo, os arbitristas de grandes

patifarias para aumento rápido da própria riqueza e desrespeito das leis humanas e divinas.

O poeta, pois, celebrou a sua vitória e teve o prazer de ver as profecias realizadas.

*Tratam de diminuir o dinheiro,
O dinheiro a meu pezar,
Que para a coisa baixar
O melhor meio é subir.
Quem viu tão alto ir,
Como eu vi a moeda,
Lhe prognosticou a queda,
Como eu lha prognostiquei;
Dizem que o mandou El-Rei,
Quer creais, quer não creais,
– Não vos espanteis que inda lá vem mais.*

Gregório de Matos, agredindo desse modo o Marinicolas, causador de tantos males, exercia um ato de alta justiça. Não lhe permitindo o temperamento faunesco atacar essa questão com a necessária sobriedade e no tom exigido pelas discussões de ordem econômica, ele vingou-se vomitando sobre aquele desgraçado toda a bÍlis que tinha concentrado contra Portugal. Segundo a sua veia, o *Marinicolas* era o compêndio de todos os vícios. Desde a pederastia passiva e o lenocínio, até o tribadismo e os gozos superlativos na alta nobreza, tudo o poeta lhe atribuía; e não obstante tudo isso, esse explorador da própria esposa e sogro, à custa de quem o

*... o pícaro vil
Se regala à ufa
Comendo e bebendo como mochachim.*

Foi quase elevado a *Excelência*, despachando-se com hábito e tença, como se diz que acontecera, por iguais merecimentos, ao Marquês de Montalvão. Gregório de Matos, inexorável, pedia o alto da força para tão insolente ladravaz.

*E porque de mecânica tanta
Não foi dispensado, tenho para mim
Que em usar de mecânica falsa
Se soube livrar da mecânica vil.*

*É possível que calce tão alto
A baixa vileza de um sujo escarpim,
Para o qual não é a água bastante
Da grossa corrente do Gualdaquivir?*

*Marinícolas é finalmente
Sujeito de prendas de tanto matiz
Que está hoje batendo moeda
Sendo ainda ontem um vilão ruim.*

Mas acredita-se que Marinícolas foi apenas deportado.

Se por esse motivo foi o poeta distinguido, tendo agradado aos condutores da revolução, e, algum tempo depois por outras insinuações caiu no valimento de D. Pedro II, é certo que não tardou em se tornar verdadeiro hóspede nessa afamada corte de Lisboa.

§3

Asseguram os cronistas que D. Pedro II o apreciou até ao ponto de decorar versos seus muito agressivos e muito livres, em que se atacava um grande personagem. Outrossim, diz-se que, tendo o

poeta prestado serviços a D. Pedro na usurpação do trono do infeliz irmão Afonso VI, havia-lhe o príncipe prometido, em troca do auxílio, o lugar de desembargador da Casa da Suplicação, mas que a palavra dada não fora cumprida. *Inde irae*, acrescentam os biógrafos, e, como consequência, atribuem a isso ter o poeta regressado à terra natal, desgostoso, descrente, mazombeiro, como dizia o verzejador Pinto Brandão, o qual, sendo seu companheiro de viagem, exaltou depois o *crime de ser poeta*. Não acredito, porém, que o mazombismo de Matos pudesse ter por sorte essa desinteligência com o grosseiro usurpador. Em primeiro lugar é muito pouco provável que Gregório de Matos tomasse parte tão importante na empreitada que levou D. Pedro à esquisita regência, em nome do irmão deposto *si e in quantum*, como bem se poderia dizer usando da linguagem da chicana. Depois, como homem de espírito, era impossível que ele esperasse coisa alguma desse irmão infame, que não hesitara em amasiar-se com a cunhada, associando-se com ela para a luta empreendida contra o válido Conde de Castelo Melhor.

Gregório de Matos devia, pelos tempos que então corriam, estar muito farto dos escândalos de que a corte andava cheia. A impudícia de D. Maria Francisca, o seu desprezo pelo esposo, o escárnio francamente exposto à curiosidade pública, a nulidade do seu casamento escandalosamente pronunciada pela autoridade eclesiástica, as suas declarações no processo de que o marido nunca a abraçara, e, por último, o seu casamento com o usurpador; todas essas infâmias de romanesca e pornográfica memória não podiam deixar o poeta indiferente; nem os hábitos epigramáticos do autor do *Marinícolas* suportariam, sem denúncia metrificada, alianças e amizades dessa ordem.

Tais considerações, portanto, trazem a convicção de que outras foram as causas do regresso do poeta baiano ao Brasil.

Além disso, quais os serviços que Gregório de Matos, naquelas condições, poderia ter prestado a D. Pedro II? Poupá-lo em

suas sátiras? Mas, nos tempos de então, seria muito perigoso motejar de relações amorosas tão equívocas e, sobretudo, do incesto praticado pelo infante. Acresce que D. Maria Francisca não era mulher para perdoar a mínima alusão à sua honorabilidade; e não haveria satírico bastante vigoroso para antepor-se aos desejos lúbricos dessa princesa, que via na virilidade do cunhado a realização de todas as suas aspirações de mulher ciosa e de política refalsada.

Gregório de Matos não era um imbecil; e tinha bem presentes na memória as desgraças de que o poeta Ovídio fora vítima por menos graves alusões. O seu silêncio revela a sua prudência. Comprimido, sem encontrar campo para o seu gênio, não havia outra coisa a fazer senão voltar para o Brasil. Sua filosofia já demonstrara que ele não era homem para coadunar-se com a gravidade do cargo de juiz do crime e de órfãos, que por volta de 1671 exercera na cidade de Lisboa. *Um juiz de má morte*, disse ele de si mesmo, denunciando a incompatibilidade de caráter.

Fauno em toda a parte em que aparecia, na política, nas artes, na praça pública, no foro, na vida particular, a sensação que Matos produzia era a mesma que o deus silvano produzia nos pastores da Arcádia, quando o caprípede, roçando os chavelhos nos gravetos das árvores, quebrando com o pé fendido as palhas secas, despertava os habitantes do fundo dos bosques, lançava a inquietação em suas almas com um olhar reveso, e perseguia as náiades e pastoras com sua lascívia endiabrada.

A malignidade juvenil de Gregório de Matos foi consumida quase toda em Portugal, onde ele passou os mais formosos anos de sua vida. E durante os trinta e cinco anos que aí esteve, a sua índole vagabunda nunca lhe abriu ensanchas para que tomasse estado. Boêmio, descuidado, hoje o chamariam de bilontra; e seguramente por isso não casou enquanto moço; manteve-se até voltar à pátria

solteirão, e talvez que isso fosse causa das eternas irregularidades do seu comportamento. As jogralidades seduziam-no de contínuo, e Portugal não tinha os encantos da Bahia. Não obstante nas suas sátiras de Lisboa encontram-se vestígios de que ele não perdeu largo tempo em esperar desembargatórias.

Época de escândalos nas altas regiões, estavam em moda os outeiros e aproximavam-se os tempos dos amores freiráticos de D. João V. Às janelas dos conventos havia surriadas; e o satírico não foi menos frequente do que outros a essas diletas assembleias. O cabritismo brasileiro não se conteve diante das pobres monjas portuguesas.

Na poesia intitulada *As três freiras do Convento da Rosa*, três irmãs, conforme declara o poeta, a quem o autor ouviu cantar e a uma tanger o rabecão, encontra-se um perfume entontecedor. Embora no lirismo de tais versos se achem ressaibos dos conceitos então em moda, há nessa poesia um *indefinível*, que não se descobre nas composições dos contemporâneos. Descreve ele três meninas chamadas Clara, Branca e Maria. A primeira é a “rosa das freiras”; a segunda “ensina Cupido a atirar setas”; e a terceira “chove-lhe a graça dos olhos”. Essas três gentis deidades concedem ao atrabiliário baiano uma sessão de música conventual. O poeta não resiste, e, uma vez no aprisco, quer as três ao mesmo tempo.

*Entretanto logo um sol,
Em consequência jucunda,
Prima terceira e segunda,
A lira formam de Apolo;
Vaguei de um e outro polo
Mas foi diligência vã,
Porque a cara mais louçã
Cotejando-a nas brancuras,
Com as três irmãs formosuras.
Não vi formosura irmã.*

*Vendo tão raros primores,
Para em retrato adorar-vos,
Trataram de retratar-vos,
Estes meu versos pintores;
E me tendo já de cores
Essas vossas luzes puras
Entre métricas pinturas
Ficam, de muito emendados,
Meus versos os retratados,
E não vossas formosuras.*

O lirismo do poeta, sobretudo, era difícil em Portugal. E aí tem um dos maiores desgostos do baiano.

Gregório de Matos parece que nunca topou galegas que verdadeiramente o agradassem, a não serem freiras, pelos atrativos que advinham dos mistérios dos claustros; e se de galegas se ocupou foi para dizer somente que eram:

*Pés de puas com topes de seda.
Cabelos de cabra com pés de marfim,
Pés e puas de riso motivo,
Cabelos e topes motivos de rir.*

Em outro hemisfério devia ele descobrir o verdadeiro tipo de mulher.

Seja como for, evadindo-se da ingrata terra de seus avós, Gregório de Matos despediu-se de Coimbra, do Tejo e dos seus fidalgos de linhagem em termos próprios do Aretino.

Lisboa era para ele a cidade “tão nobre” e de “gente tão honrada”, onde

*O fidalgo do solar
Se dá por envergonhado*

*De um tostão pedir emprestado
Para o ventre sustentar;
Diz que antes o quer furtur
Por manter a negra honra,
Que passa pela desonra
De que lho neguem talvez.*

Lisboa era a cidade dos amores de D. Pedro, e bem mostrava a sua glória a quem quisesse ver e dizia que

*A donzela embiocada
Maltrajada, pior comida.
Antes quer na sua vida
Ter saia que ser honrada.*

Lisboa, enfim, que para manter “a sua negra honrinha” se amancebava com toda clerezia e aconselhava aos maridos a tolerância de Frei Thomaz, e que por cima de tudo ainda deixava aos letrados, advogados peralvilhos, comerem nas questões “de ambos os carrilhos”, que se orgulhava de juízes madraços, fabricantes de sentenças sem pejo, que se revogavam por dinheiro, que se babava com a fradalhada ladra dos conventos, “qual formiga em correição”, e mantimenteira da honra das famílias, que os mercadores roubavam em 200% na compra e venda, e os pais e irmãos faziam crescer correndo todo o dia *a la coxia* “com recadinhos “aos cupidos e aos adônis; pois bem, a essa Lisboa afinal, coito incurável de moléstias, o cansado Gregório de Matos partindo enviou um adeus de mão fechada, e, arrancando o chavelho de fauno aborrecido, atirou-o às heroicas plagas de Camões para que os seus patrícios o roessem, em sua memória, eternamente,
E assim passou-se para o Brasil.

IV

A TERRA — O FENÔMENO DA OBNUBILAÇÃO — A BAHIA; MEIO HÍBRIDO; INFLUÊNCIA DA NEGRA MINA — O RECÔNCAVO E AS SUAS RIQUEZAS

§1

O regresso de Gregório de Matos para a *Terra dos papagaios* constitui fato capital em sua biografia.

Um dia o poeta arrumou nas malas o gênio que o diabo legara-lhe em testamento, ensacou as contrariedades de envolta com a roupa suja, e, embrulhado no manto de Diógenes, atravessou o Atlântico em busca dos seus penates. O autor do *Marinícolas* nunca se lembrou de contar a história dessa travessia; mas pode-se imaginar o azedume da musa durante uma viagem longa, como eram as que se faziam naqueles tempos. Depois de trinta e cinco anos de Portugal, suportar cinquenta ou sessenta dias de encerro, em um navio estreito e imundo, entre mar e céus, sem companhia de letrado, senão a de outro poeta lírico, devia ter sido para Gregório de Matos motivo de sátiras candentes contra os causadores de tamanhos dissabores. É provável também que o enjoo lhe embaraçasse a verve, obrigando o bacharel *mazombo* a filosofar sobre o futuro que o aguardava na Bahia. O que é certo é que a sua chegada ao Brasil criou-lhe uma *alma nova*. O confronto da obra que o poeta realizou dessa data em diante com a efetuada nos anos anteriores demonstra que ele, se não voltasse à pátria amada, não teria ido além das sátiras agressivas do gênero do *Marinícolas*.

Pisar nas areias de sua terra foi o mesmo que libertar-se, desintoxicar-se e restituir a si o gênio perdido em Portugal. Gregório de Matos, portanto, evadindo-se do meio onde se achava, salvou o melhor poeta satírico das Américas.

Em outra parte eu já expliquei que a chave para a compreensão da originalidade da literatura brasileira, pelo menos nos dois primeiros séculos, estava na análise do fenômeno aqui operado e a que conferi o nome de obnubilação. Consiste esse fenômeno na transformação por que passavam os colonos atravessando o oceano Atlântico, e na sua posterior adaptação ao meio físico e ao ambiente primitivo. Basta percorrer as páginas dos cronistas para reconhecer essa verdade. Portugueses, franceses, espanhóis, apenas saltavam no Brasil e internavam-se, perdendo de vista as suas pinaças e caravelas, esqueciam as origens respectivas. Dominados pela rudez do meio, entontecidos pela natureza tropical, abraçados com a terra, todos eles se transformavam quase em selvagens; e se um núcleo forte de colonos, renovado por contínuas viagens, não os sustinha na luta, raro era que não acabassem pintando o corpo de jenipapo e urucum e adotando ideias, costumes e até as brutalidades dos indígenas. Os exemplos históricos surgem em penca: Hans Staden, Soares Moreno, Pae Pina (Amanayara), Anhanguera, e os trugimões ou línguas que deram tanto que fazer a Villegaignon. O mesmo jesuíta Anchieta não escapou a essa influência; a sua vida entre os selvagens e o seu prestígio contra os sacerdotes índios atestam que esse padre, se não por imposição do meio, ao menos por arte refinada, se fez um legítimo *pajé*. A missão do taumaturgo brasileiro, como o chamavam, nas florestas do Sul, não se pode explicar senão pelas feitiçarias, aceitas ou habilmente copiadas, dos piagas, e com que ele catequizou seus caboclos.

§2

Quando Gregório de Matos aportou em 1679 à Bahia, com a idade de cinquenta e seis anos, a cidade de São Salvador havia passado por grandes transformações.

Os bons tempos dos padres da Companhia de Jesus e daquele a que Varnhagen chamava o *Orfeu americano*, o grande Nóbrega, esses

tempos áureos já estavam muito longe. Havia uma coisa, porém, que não mudara. Os aspectos da natureza tropical continuavam a ser os mesmos: e tanto bastava para que o poeta se sentisse reviver. O velho fauno, pois, hauria o mormaço da terra como se haure uma bebida embriagadora: e a poesia se lhe desabotoou nos versos quentes e cantaridinos que todos os amadores das boas letras devem conhecer. Antes que cantasse “na sua lira maldizente” as “torpezas do Brasil, vícios e enganões”, o autor dos tercetos aos viciosos foi por momentos otimista. Nem todas as poesias de Matos vertem o fel da sátira: enquanto durou-lhe a influência sedativa dos novos ares, ele se deleitou em cantar as delícias da Bahia. As impressões que os coqueiros do Recôncavo, os prados risonhos e os outeiros floridos das ilhas produziram em sua imaginação deviam ter cicatrizado muitas úlceras abertas em sua alma pela vida antipática de Lisboa.

Esse ninho tépido de amores chamado Bahia de Todos os Santos muito melhor se apelidaria de Citera, se os encantos e as louçanias com que a natureza arreou esse berço da civilização brasileira não tivessem atraído para aí os jesuítas e os mais refinados políticos produzidos no país. Não foram os frades e cronistas indiferentes a tão perigosa tepidez. No jargão em que escreviam as suas notícias legaram-nos verdadeiros poemas descritivos, tal a força das sensações que lhes deixavam os beijos da paisagem, o aroma das resinas, o matiz das flores, o cheiro das frutas e o ruído dos passarinhos. A prole encarregou-se depois de comentar esse desavergonhado lirismo. Frei Bastos teve de muito longe seus precursores. Todos os paraísos possuem a sua árvore de luxúria. No Recôncavo, com certeza, essa árvore fora plantada com a mesma cavilação da legenda, porque, segundo contam os ditos cronistas, já no tempo em que os tupinambás percorriam como senhores absolutos as costas do Brasil, nesse retiro operara-se por causa de uma Helena indígena uma guerra tão crua, senão pior do que a de Troia celebrada pelo divino Homero.

Os antigos acreditavam numa influência sobrenatural, a que denominavam *genius loci*. Na Bahia esse gênio manifestou-se em várias coisas e por vários modos. Gabriel Soares, por exemplo, pretendeu surpreendê-lo no conjunto da cidade nascente cujo aspecto risonho, alegre, dava de longe um verdadeiro rebate de satisfação elétrica ao espectador. As casas brancas cavalgando a falda da colina; os quintais tufados de pomares em flor; as laranjeiras carregadas de frutos maduros; as palmeiras surgindo por sobre os telhados e balouçando-se ao som da aragem balsâmica que soprava de Itaparica; o conjunto de tão belos aspectos, circundados pelas ribeiras de terra e pelas águas esmeraldinas do mar, que saíam barra afora para perder-se na amplidão do oceano; tudo isso o enlevava e obrigava o cronista a soltar gritos de prazer, desse prazer sadio que é pródromo dos grandes trabalhos de observação. O seu *Tratado descritivo do Brasil*, com efeito, mostra que ele afiara o seu engenho nas sutilezas que por essa terra jucunda lhe eram reveladas. E não foi só ele a vítima desse encantamento tropical. O severo Manuel da Nóbrega, o espirituoso Cardim, o dedicado Aspilcueta Navarro, todos os que foram aportando àquelas plagas se deixaram sucessivamente dominar por essa bebedeira tropical.

Terra sugestiva, lugar miraculoso, sem a solenidade acroceráunia das montanhas do Guanabara, a angra de Todos os Santos dir-se-ia ter sido construída de propósito para um enorme biotério, morno ainda da força geradora dos tempos pré-históricos. Posta no centro do Brasil, tendo o Rio de São Francisco quase à mão, a região de Paraguaçu se destinava pela natureza das leis geográficas a ser ponto de partida das impulsões civilizadoras do país. E os fato se encarregaram de exagerar esse direito primacial. Apenas Tomé de Souza fundou a povoação, que de futuro seria a cidade híbrida que hoje conhecemos, de toda a terra dos Brasis começaram a convergir para aquele ponto os elementos que deviam constituir a vida brasileira.

Fora intuito do rei de Portugal, mandando o primeiro governador para o Brasil, tirar este país da anarquia em que o tinham posto os capitães-mores donatários; e Tomé de Souza, assumindo as rédeas do governo da colônia, soube corresponder às vistas da metrópole. Rapidamente realizou-se o que el-rei recomendara em sua carta régia de 7 de janeiro de 1549. Para “conservar e enobrecer as suas terras do Brasil”, a povoação da Bahia de Todos os Santos fez-se “grande e forte” como ele desejava; deu-se “favor e ajuda” a outras povoações, “cumpriu-se o serviço de Deus,” e centralizou-se a administração com o auxílio de um ouvidor-geral, um provedor-mor e um capitão-mor da costa encarregado de defender o litoral. Tanto bastou para que o que era até então amorfo surgisse como um corpo válido, rijo e cheio de vida. O Brasil teve uma cabeça e essa cabeça ofereceu logo sérias resistências. Todavia, os jesuítas que acompanharam o primeiro governador em missão espiritual e civilizadora, tendo à frente o nunca assaz lembrado Manuel da Nóbrega, encontraram dificuldades quase invencíveis, porque o Recôncavo havia sido viciado pelo célebre Caramuru, o qual, fazendo larga prole entre os indígenas e transigindo com as suas péssimas inclinações, desencadeara nesses bárbaros a cobiça e ensinara-lhes o caminho de obterem dos brancos as vantagens sem o troco de serviço. À vista disso os próprios jesuítas concordaram que se tomassem as primeiras medidas de rigor. Mas isto era o menos, porque os brancos que se tinham aclimatado naquelas regiões, de parceria com os índios, e completamente entregues à mais brutal relaxação, sem excetuar os mesmos sacerdotes, ofereciam o mais repugnante exemplo do quando pode a luxúria em terras tropicais. O Padre Nóbrega, mal encetou sua missão, tratou logo de extirpar da fraca colônia portuguesa esse pecado nefando e horroroso. Servo de Deus, o que poderia ele alegar senão que por ali andavam artimanhas do diabo? Ignorando, com certeza, a influência das leis mesológicas e outras interferências,

de cuja descoberta se orgulha a ciência moderna, o heroico jesuíta atacava o fato como este se lhe mostrava, e, de cruz alçada, ia pregando contra os vícios pecaminosos, ao mesmo tempo que escrevia para Portugal solicitando instantemente a remessa de mulheres brancas, ainda mesmo prostitutas, que se converteriam casando com os degredados. Tudo isso, porém, tinha seu destino. Era indispensável para a constituição do tipo baiano que se fizesse uma caldeação de raças, de sentimentos e de instintos, antes que a Bahia conquistasse a sua autonomia. Foram os tupinambás os primeiros a dar seu contingente. O que eram esses indígenas, em matéria de amores e artes correlativas, refere-o, com tintas de um realismo admirável, Gabriel Soares no seu *Tratado descritivo*, de modo a não se pôr dúvida à parte que tiveram no ensinamento dessas artes ao colono boçal, despedido da metrópole e ávido de sensações. O capítulo CLVI daquela inestimável obra indica as loucuras de que seriam capazes esses pobres colonos diante das tupinambás, vergastados pela solidão, pelo clima, por um alimento acre e pelas sugestões de uma vegetação sempre verde e enormemente carregada de resinas afrodisíacas.

Não tardara unir-se a esse elemento erótico o forte sensualismo do africanos. Este importantíssimo elemento de nossa colonização impregnou a Bahia, mais do que a qualquer outra região do Brasil, de umas tonalidades originais de mestiçagem, dignas de serem analisadas ao clarão da crítica de um Taine, ou de um Hennequin. A negra mina, carinhosa, inteligente e bela, seduzindo com a formosa carnadura e pelo busto lustroso e escultural da Vênus africana o português libidinoso, não custou a vencer a indígena nesse concurso de procriação. É verdade que a mulher tupinambá tinha a indolência das orientais, o abandono das naturezas mórbidas, a moleza, a indecisão, o embalar eterno da rede e o gozo vago, intermitente, quase indefinível dos batráquios. Enervantes, depravadoras, é bem certo que, se não concorresse a outra mestiçagem, o

colono português nunca mais sairia do tejuapar, nem abandonaria a rede para brandir a enxada ou o machado e desbravar a floresta. Mas essa enervação não podia deixar de causar-lhes medo. Os instintos sabem buscar os seus caminhos. Acresce que a índia desconfiada não era capaz de constituir *foyer*. Ao contrário de tudo isso, a negra mina apresentava-se com todas as qualidades para ser uma excelente companheira e uma criada útil e fiel. Escrava, resistente a todos os trabalhos, sadia, engenhosa, fina, sagaz, cautelosa, ao mesmo tempo que nutria um fogo inextinguível, ela sabia dirigi-lo e aproveitá-lo em benefício da própria prole. Com semelhantes predicados e nas condições precárias em que no primeiro e segundo séculos se achava o Brasil em matéria de belo sexo, era impossível que a mina não dominasse a situação. E, de feito, em toda parte do país onde houve escravatura ela influiu poderosamente sobre o galego e *vacinou* a família brasileira.

Podia, portanto, o Padre Nóbrega bradar quanto quisesse contra o que reputava “grande mal” escrevendo ao Padre-mestre Simão Rodrigues que “a gente da terra vivia em pecado mortal e nenhum havia que deixasse de ter muitas negras das quais se enchiam de filhos”; a preta mina não recuaria, e, vitoriosa, daria tom a essa mesma libertinagem, a essa desenfreada poligamia de que tão incomodado se mostrava o missionário jesuíta. Cada vez mais entranhada no seio da família colonial, a africana, quando não senhora do lar, era a medianeira da cozinha e a providência dos quartos baixos. Não possuindo força intelectual para elevar-se sobre a fatalidade de sua raça, ela empregava toda a sua sagacidade afetiva em prender o branco e sua gente na tepidez do colomacio e acariciador.

Foi nesse regaço, pois, que a Bahia medrou e se desenvolveu. Aí formou-se a *iaiazinha*, e embalada na coxa aveludada aprendeu a ser dengosa e a nada fazer. Nesse colomacio lhe ensinaram a ser supersticiosa, ao som de cantigas africanas e reminiscências

fetichistas. Foi nessa escola também que a menina brasileira aprendeu a ser dissimulada e a enfeitiçar os outros com a sua indolência tropical. À negra africana igualmente deve-se a criação do petulante e vicioso *ioiô*. Com ela ensaiou-se o adolescente nas primeiras batalhas do amor. Até o próprio *sinhô velho* deixou-se seduzir pelas suas cautelosas e discretíssimas carícias, que a *sinhá da sala* deixava de enxergar talvez preocupada com os múltiplos serviços que a preta lhe prestava, condimentando os acepipes e instruindo-a com a riqueza culinária da contracosta.

Nesse aconchego lúbrico, apimentado pelos vatapás, pelo dendê, fortalecido, intensificado pelo coco e pelas delícias da moqueca; enlanguescido pelas cantigas e lundus e por mil outras coisas miúdas que a imaginação da africana levantava a fim de tornar a vida tão acre como ela a sentia nos adustos desertos do continente negro; nesse ninho de volúpia gerou-se uma raça de mestiços, eloquente, ressonante, apaixonada e um tanto cheia de paradoxos nos costumes, a qual, mestiça no sangue, por sua vez encarregou-se de mestiçar as ideias, os sentimentos e até a política dos brancos dominadores da terra,

De onde procede o *capadocismo* baiano senão deste híbrido regaço?!

§3

O meio, constituído pelo modo anteriormente descrito, evoluiu e diferenciou-se sob o influxo de várias interferências, as quais em seu lugar serão devidamente analisadas. Da mesma maneira, porém, que a colônia de Penn na América do Norte formou núcleo de resistência, conforme observa Tocqueville, influiu sobre todas as formações posteriores, e reagiu contra as outras raças, dando por último o tipo *yankee*; assim o molde, levantado durante o predomínio de Tomé de Souza na Bahia, não se quebrou, e o

resíduo, o *sarro* quilotado no fundo do cadinho pelas primeiras paneladas, nunca mais deixou de ressaibar as combinações determinadas depois pelos novos elementos que concorreram para o incremento da colônia.

O prestígio dos jesuítas por fim enfraqueceu. As diversas ordens religiosas, principalmente a dos beneditinos, que no Brasil não achavam matéria para estudos de eruditos, começaram a procriar *cabritos* nas suas fazendas e a aperfeiçoar os métodos de cruzamento étnico *ad majorem dei gloriam*. As missões perderam o seu caráter primitivo e santo; e aos padres pareceu preferível ficarem a cômodo, engordando nos claustros e tocando viola, a se arriscarem nos ínvios sertões atrás de índios, como Anchieta, para batizá-los e ensinar-lhes doutrina cristã. Cresceu a desmoralização da colônia, se bem que a força e a vida se tornassem mais intensas. E para isso largamente concorreram os fatos políticos.

Antes de tudo encontramos o estabelecimento da primeira Relação na cidade da Bahia. Esta criação não foi um benefício, como fora antes do ouvidor-geral. A Bahia enriquecia e a fatura andava depravando os apetites. Nessas condições, o que um bom governo devia fazer era refrear esse apetites, ordenar a riqueza, mas nunca aumentar o número de comedores reinóis improdutivos, corrompidos teórica e praticamente com a ideia fixa da exploração do *mazombo*, e portanto dispostos a enriquecer pela chicana e pelas tratantadas. Sucedeu, pois, o que devia suceder. Em 5 de maio de 1609, instalada a Relação com o regimento de 7 de março, agasalhados os ilustres desembargadores por D. Diogo de Menezes, caiu sobre a Bahia uma verdadeira praga de letrados, advogados e rábulas, os quais, embebedados pela riqueza da terra, e pelo desaperecimento de seus habitantes, pela luxúria dos padres e pela facilidade em entregar os possuídos da maior parte, tornaram-se mais audazes do que os cartagineses, mais cruéis do que os antigos piratas do

Mediterrâneo. Esta praga, valha a verdade, durou apenas dezesseis anos, porque, sobrevivendo a conquista holandesa, cessaram as funções da Relação, e os letrados se afugentaram do Brasil por perto de cinquenta anos.

Outras causas, porém, de relaxação entraram na colônia e a privaram por longo tempo de regime político, forte e moralizador.

A decadência da metrópole, traduzida por último nas loucuras de D. João V e preparada pelas artimanhas comerciais da Holanda e pelo desastrado jugo espanhol, fizeram do Brasil um atoleiro de vícios. Mandava quem queria: ninguém obedecia. Durante um século de desgoverno, todavia, pulularam nesta terra primorosa todas as fontes de prosperidade; remexeu-se a seiva de uma nova raça e fez-se o húmus moral de onde devia sair a futura vida nacional. Tudo crescia pela força natural das coisas, e a Bahia foi refletindo todo esse crescimento de um modo espantoso. Surpreendem as estatísticas da riqueza do Recôncavo no século XVI, que parece ter sido o período da fundação das verdadeiras fábricas de açúcar, dessas fábricas que haviam de arrancar à pena de André João Antonil um livro admirável, o célebre *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, em 1711.

Toda essa fenomenalidade devia-se ao contato do homem e da terra. Por menos operoso que fosse o colono, a produção exuberava, e a liberdade o fazia agir. Depois, havia muito arrojo de aventureiro, muito delírio romanesco nos povoados; a febre das descobertas e dos diamantes exacerbava a cobiça e a imaginação dos povos; e, ao passo que os baianos no Recôncavo desenvolviam a propriedade rural, os paulistas remexiam o sertão, invadiam os desertos, *bandeiravam* os índios e tocavam as riquezas das minas para os núcleos coloniais. De quando em quando os naufragos dos *Descobertos* surgiam na cidade de Todos os Santos; e não foram sem exemplo as sortidas ao Sincorá, ao Orobó, a Jacobina, de onde, se não vieram rios de ouro e diamantes, derivavam maiores

e mais altos desejos de riquezas, por milagre. Foi nessa época que se iniciaram pelo menos as lendas de Robério e os romances de tesouro de *Mil e uma noites*.

O luxo despropositou-se. Que fim tinham dado aos degredados e aos missionários que faziam as suas choupanas de juncos com as próprias mãos? Tudo isso já ia muito longe. E ao mesmo tempo que, em Pernambuco, Maurício de Nassau infundia na população um sentimento de luxo e grandeza invejáveis, levantando palácios encantados e dando festas por ocasião da aclamação de D. João IV, quase tão esplendorosas pelos brocados e fanfarras como as que se faziam na Holanda, o feudalismo dos senhores de engenho da Bahia se erguia pujante, deslumbrando os colonos recém-chegados e a população miúda com a prodigalidade de seu viver voluntarioso e tropical.

Em 1587 já a Bahia exportava 120.000 arrobas de açúcar, produzidas por 16 engenhos “moentes e correntes”; ostentava 40 igrejas, concluía a sua Sé, tinha o seu rico mosteiro de São Bento, e por suas 16 freguesias esparzia a alegria e o frescor da vida. Tudo isso o autor do *Tratado descritivo* atribui à fertilidade do solo e à pujança biológica da flora e da fauna brasileira. É quase incrível o que ele refere a respeito da reprodução dos animais e da fecundidade das fêmeas, das plantas e dos *mantimentos*. Com duas podas ordinárias as parreiras davam duas *novidades* por ano. Os frutos caíam das árvores todo dia. A figueira abundava, a pacova, o cará, o inhame e o milho rompiam de toda a parte, como um encantamento de país fantástico. “As novilhas”, acrescenta ele em sua linguagem pitoresca, “como são de ano, esperam o touro e aos dois anos vêm paridas, pelo que acontece mamar o bezerro na novilha e a novilha na vaca juntamente, o que se vê também nas éguas, cabras, porcas e ovelhas.” Pode-se por estes dados avaliar o incremento posterior dessa terra de abundância. Daí a alegria baiana e as festas e folganças que tanto aturdiram a Fernão Cardim, quando

ali parou. Havia mais de cem moradores, diz Varnhagen, que colhiam por ano de mil a cinco mil cruzados, e fazendas que valiam 20.000 até 60.000 cruzados.

Nesses tempos de fartura, em que os ricos das Bahia não dispensavam os luxuosos palanquins da Índia, as mais duras cabaias, os serviços de prata, os cavalos de preço, ajaezados de guiões e selins de ouro, e os criados e os moleques a caráter, chegava o luxo até para os peões, os quais, segundo os informes do tempo, não queriam senão sedas e damascos para as vasquinhas e gibões seus e de suas mulheres. Um viver morno e delicioso.

Nesse meio, embora em crise e cansaço, caiu Gregório de Matos, cheio de despeitos contra Portugal. Alguns letrados de gênio tinham-no antecipado, nomeadamente o célebre Padre Vieira, que, com ser um grande pregador e um inexcedível escritor, não deixou por isso de mostrar-se o mais paspalhão de quantos quiseram ser políticos nos Brasis. Por que não seria ele um seguidor desses grande homens?

A musa de Gregório de Matos entrou, pois, na Bahia, amena, festiva, e aceitou, ebrifestante, o conluio com esse carnaval biológico que passava.

§1

As cenas que mais impressionaram o poeta foram as que se singularizavam pelo contraste com as da vida metropolitana. Todavia, os aspectos exteriores não o interessavam

O satírico é sempre um psicólogo. Os espetáculos que o ferem e impressionam são os da alma humana; o seu campo de operações é o dos costumes. Já se vê, portanto, que Gregório de Matos não podia ser atraído pela paisagem. A natureza morta não tinha ação sobre os seus nervos, nem incentivos para obrigá-lo a esse poetar novo, desconhecido, característico da prosa do pré-romântico Anchieta e da de outros contemplativos, que escreveram crônicas e relações sobre o Brasil durante o século XVI. De fato, não há entre as poesias do autor do *Marinícolas* um só verso que de longe ao menos traduza o bucolismo da vida brasileira daqueles miraculosos tempos.

O gênio de Gregório de Matos era de guerra; buscar a quietação da natureza que tem efeito sedativo para os nervos, que seduz o coração, eleva o espírito e santifica a alma, seria para ele o mesmo que requerer a morte. A sua índole votava o mais soberano horror ao repouso e ao idílio. O sossego alheio dava-lhe gana de brigar. O ambiente brasileiro, pois, devia colhê-lo por meios indiretos, e o veículo dessa captação foi a mestiça, a mulata da Bahia. Ele, porém, não se entregou a essa influência obnubilante de todas as ideias e gostos antigos e manias eróticas contraídas nas margens

do Mondego, sem que primeiro atravessasse uma fase de guerra crua e desapiedada contra tudo quanto na colônia lhe lembrava a vida de Lisboa.

Inconsistente no querer, se é verdade que ele, dotado de tão alto engenho, tinha razão para aspirar às maiores posições numa terra de reinóis desbandeirados e de mestiços atrevidos, não menos exato parece que o seu saber, a sua teologia e o seu direito não lhe davam critério para encaminhar os seus esforços em um sentido único. Como veremos adiante, Gregório de Matos meteu-se com todos, tudo experimentou, de tudo se retirou e com pouco reconheceu que não largava a mesma caipora que o perseguira em Portugal.

Rápidos correram-lhe os anos na Bahia. Casando-se em avançada idade, talvez para arranjar-se, mas por último repellido unanimemente e inutilizado tanto em anos como em honorabilidade, vamos encontrá-lo reduzido a um reles boêmio, quase louco, sujo, malvestido, a percorrer os engenhos do Recôncavo, de viola ao lado, tocando lundus e descartando poesias obscenas para regalo, naturalmente, dos devassos e estúpidos mecenas da roça que lhe nutriam a gulodice senil. O fauno de Coimbra, em última análise, degenerava no velho sátiro do mulatame.

Todavia valha a verdade, se nessa época acha-se condensada a vida negra desse mau marido e péssimo cidadão, foi durante ela que a musa do poeta se apurou e produziu as melhores sátiras, que o Brasil possui, e o lirismo crioulo, cuja originalidade, com pesar o digo, enaltece a nossa literatura tropical.

§2

Relendo os seus versos descubro vestígios evidentes da sua estada na vila de São Francisco e nos engenhos da Cajaíba, de Parnamirim e outros. Foi nesses pitorescos lugares que o seu

sibaritismo implacável refestelou-se a gosto e deu tratos à cachola dos seus brutos inimigos. Foi aí também que as mulatas inspiraram os melhores e mais quentes versos de sua lira, e lhe infundiram talvez o único movimento de gratidão que se estereotipou nas afamadas estâncias da despedida à *Gente da Bahia*, quando o Governador D. João de Lencastre o remeteu para Angola.

*As mulatas me desprezaram,
A quem com veneração
Darei meu beliscão
Pelo amoroso.*

*Geralmente é mui custoso
O conchego das mulatas,
Que se foram mais baratas,
Não há mais Flandres.*

*Não há no Brasil mulata
Que valha um recado só,
Mas Joana Pacaró
O Brasil todo.*

*Se em gostos não me acomodo,
Ao mais não haja disputa,
Cada um gabe a sua truta,
E haja sossego.*

Esse sossego é o que, apesar de tudo, nunca o satírico conseguiu lograr. A sua internação no Recôncavo colocou-o no mundo que lhe aprazia. Os canaviais, as casas de purgar, os telheiros de açúcar, as folias da moagem, as noitadas nas senzalas, ofereciam ao velho desmoralizado a liberdade, sem espionagem, que ele

desejava para passar o resto de seus dias, alegre e maldizente. Na capital da Bahia havia devassidão, mas também havia governador e cabido; todos se escondiam quando buscavam seus amores; no Recôncavo, porém, reinavam a maior franqueza e a mais franca hospitalidade, e os próprios *senhores feudais* eram cúmplices na erótica safardanagem. Compreende-se perfeitamente essa insólita situação.

Homens fortes e escaldados não podiam limitar-se à monotonia e regularidade da vida conjugal no lar doméstico. De dia, ralhos com a dona da casa, inspeção das fábricas, dormir a sesta e chicote nos escravos; de noite, em que ocupariam o corpo e o pensamento? Nas cidades havia o jogo, a intriga e a *botica*; na fazenda só se encontrava o recurso das senzalas dos vizinhos. Essas senzalas, pois, faziam-lhes os mesmos recreios que hoje proporcionam aos casados bilontras o Polytheama e as *cavernas* das sociedades carnavalescas; e porque a negra africana, pesada, dura, conservadora, era mais própria para a mancebia regrada do que para os excessos da vida airada, sucedeu que as mulatinhas desequilibradas, as mucamas ociosas, tiveram gradualmente de fugir dos aposentos reservados da senhora e criar o tipo essencial do miudinho e do lundu.

O *folk lore* brasileiro está cheio de cheio de trovas e dançados, cuja origem não se encontra senão no sensualismo doido e inútil das mestiças dessa espécie. A riqueza das silvas populares é infinita. Desde a toada do jongo primitivo até a delicada cantiga de recente data *Onde vai seu Pereira de Moraes?* verifica-se a poderosa inspiração insuflada na musa inculta do povo pelos encantos e vivacidade da mucama.

Cair no meio dessa gente foi para Gregório de Matos o mesmo que aglutinar-se e resumir em forma culta tudo quanto de doce e suave existia nessa estesia demótica. Foi então que o seu lirismo ascendeu à originalidade de um Petrarca sertanejo. O chiste das

morenas, conchas dos seus quindins, arditosas, partistas e faís-cas, apoderou-se-lhe da viola e não deixou de guiá-lo, diverti-lo, inspirá-lo até morrer.

É preciso ver o carinho com que o poeta afagava esse gênero de deidades nos versos de *Duas moças pardas*:

*Altercaram-se em questão
Thereza com Maraquita
Sobre qual é mais bonita,
Se Thereza, se Assumpção;
Eu tomo por conclusão
Nesta questão altercada,
Que Assumpção é mais rasgada.
E Thereza mais senhora,
E o galante que as namora
Verá a conclusão provada.*

*Se Thereza é mui bonita,
Mulata guapa e bizarra,
Com mui bom ar se desgarra
A mestiça Maraquita:
Ninguém a uma e outra quita
Serem lindíssimas cambas,
E o Cupido, que dentre ambas
Quis escolher a sua,
Escolha vendo-as na rua,
Que eu para mim venero ambas.*

*As damas desta cidade,
Ainda as que são mais belas,
Não são nada diante delas,
São bazófiãs da beldade:*

*São patarata em verdade,
Se há verdade em pataratas,
Porque brancas e mulatas,
Mestiças, cabras e angolas
São o azeviche em parolas,
E as duas são duas pratas.*

*Jamais amanhece o dia,
Porque sai a aurora bela,
Se não porque na janela
Se põem Thereza e Maria:
Uma manhã em que ardia
O sol em luzes divinas,
Pelas horas matutinas
Vi eu Thereza assistir,
Ensinando-a a luzir
Como mestra de meninas.*

A delicadeza e a generosidade que trescalam dessa poesia tinham, porém, de transfundir-se em versos menos certos, mais ardentes e mais consentâneos com a violência epigramática de Gregório de Matos.

VI

OS TRÊS ÓDIOS DO POETA — A QUESTÃO DA MURÇA — SÁTIRO E CAIPORA — CONTRA PADRES — CONTRA ADVOGADOS — O BRAÇO FORTE E O BRAÇO DE PRATA

§1

Gregório de Matos era orgulhoso, e tinha principalmente em grande conta o seu talento poético. A esse orgulho, muito natural em quem tantos gabos merecera dos melhores poetas de Portugal, acrescia um profundo desprezo dos meios práticos de ganhar a vida. O poeta tinha horror ao dinheiro, achava asqueroso todo homem rico e, como a maior parte dos ingênuos, era por esse lado incorruptível.

A primeira parte da sua vida na Bahia pode-se formular no seguinte: — a luta inglória e desastrado da virtude feroz de um gênio satírico contra o conluio da bandalheira social, política e doméstica; inglória porque o poeta não tinha noção das proporções do mundo no qual vivia; desastrada porque, virtuoso no que tocava a dinheiro, mostrava-se cético quanto ao resto e muito cheio de lacunas no moral.

Que podia, com efeito, esse moralista truncado obter dos habitantes de sua terra, quando essa terra andava repleta de reinóis jubilados, e de todos os pontos do horizonte soprava aquele bafo pestilento e depravado que levou o excelso Padre Antônio Vieira, apesar do seu caráter de ministro da religião, a aconselhar ao rei de Portugal a compra das consciências nos negócios de Pernambuco?

Desembarcando na Bahia, na forma já aludida, os primeiros tempos foram de festas. Vinha para ser aproveitado; e de fato, logo depois, ele, que fora padre para os agrados da chegada, como se diz

ainda hoje nos estados do Norte, provido na dignidade de tesoureiro-mor da Sé da Bahia, recebeu de D. Gaspar Barata de Mendonça, primeiro arcebispo do Brasil, o cargo de vigário qual, de modo que em 1681 o vemos entrar no exercício de ordens menores. Foi o primeiro caiporismo e a origem do primeiro ódio do desastrado poeta.

Entendia Matos que o hábito não fazia o monge, e toda vez que se retirava das suas obrigações eclesiásticas punha a batina ao canto da sacristia e, tomando os trajos seculares, empunhava o látigo da sátira. Diz o licenciado Rebelo que “esse capricho principiou a arrufá-lo com os governadores do arcebispado”, e daí nasceu a questão que o expeliu daquele importante cargo. Outrossim, os historiadores dão a entender que o poeta alienara o amor da clerezia baiana, de uns, pela inveja que causavam seus talentos, de outros, por hipócritas, tementes dos seus versos venenosos. Nada disto, porém, parece razoável à vista dos informes do tempo. É verdade que os cônegos da Sé armaram-lhe o quixó em que o atrabiliário vigário-geral devia se estrepar. – “Veste a batina, ou deixa o cargo!” Eis o ultimato. Gregório de Matos sacudiu a albarda e respondeu com um redondo NÃO. Os cônegos conspiraram e tais golpes em segredo lhe desfecharam que por fim lhes despiram a murça capitular, depois de sentença do Arcebispo Dom Frei João da Madre Deus, sucessor do que lha vestira. Todavia, é forçoso admitir que o poeta deixou a prebenda antes por ser desarrazoado do que por força das circunstâncias, porquanto o dito arcebispo fez piedosamente tudo o que estava a seu alcance para evitar essa catástrofe, exortando o poeta a que tomasse ordens sacras; mas Gregório de Matos seguiu o seu fadário. Continuar um sátiro a usar a murça seria coisa nunca vista. O pretexto lhe pareceu motivo de maior incompatibilidade, e as contumélias dos cônegos, juntas à mansuetude do prelado, o irritaram ainda mais, provocando a tremenda descompostura à Sé da Bahia que os leitores já conhecem. “Presepe de bestas” era na sua conta a ilustre congregação. O biógrafo chama a isso valentia, horror à hipocrisia, e louva a virtude

do poeta. Eu direi antes que o satírico, mostrando ser louco ou imprudente, levava demasiado gosto em brandir “a foice de Saturno, amolada nas esquinas da eternidade”.

§2

Livre da murça, dos processos canônicos e do *timebunt gentes*, com que os doutores, à fiúza de São Tomás de Aquino, do Tridentino e da Santa Madre Igreja, granjeavam as suas propinas, Gregório de Matos atirou-se francamente às samarras, e vê-las de longe bastava para que ele bandeasse o arco e desferisse a seta do epigrama. Que o diga a memória do clerguete, que foi degradado “por dar óleo sagrado” a sua amásia. Podem também confirmá-lo os rosários de epigramas, os bentinhos de amor em graça, que ele pendurou ao pescoço de um por um de seus inimigos de batina.

O confessor de Frei João da Madre Deus foi talvez um dos que menos sofreram. Entretanto, o poeta dedicou-lhe versos em que o menor crime que lhe imputava era o de “ladrão do confessado” a quem “não só absolve o pecado, mas os frutos lhe alcovita”.

*O ladronaço em vigor
Não tem para que dizer
Furtos, que antes de o fazer
Já os sabe confessar;
Cala-os para ouvir melhor,
Pois com ofício alternado,
Confessor e confessado
Ali barbeiam sós:
Porém fique aqui entre nós.*

• • •

*Mecânica disciplina
Vem a impor por derradeiro
O confessor marceneiro
Ao pecador carapina:
E como qualquer se inclina
A furtar e mais furtar,
Se esconjura a escavar
As bolsas co'um par de enxós:
Porém fique aqui entre nós.*

*O tal confessor me abisma,
Que revele e não se ofenda,
Que um frade sagrado venda
O sagrado óleo da Crisma,
Por dinheiro à gente crisma,
E por cera, havendo queixa
Que nem a da orelha deixa
Onde crismando a mão pôs:
Porém fique aqui entre nós.*

*Que em toda a franciscania,
Não achasse um mau ladrão
Que lhe ouvisse a confissão,
Mais que um padre da Apanhia!
Nisto, amigo, há simpatia:
E é que lhe veio a pelo
Que um vá atando no orelo
O que o outro mete no cóis:
Mas fique aqui entre nós.*

*As freiras com santas sedes
Saem condenadas em pedra,*

*Quando o ladronaço medra,
Roubando pedra e paredes.
Vós, amigo, que isto vedes,
Deveis a Deus graças dar
Por nos fazer secular.
E não zote de albernoz:
Porém fique aqui entre nós.*

Ora, que mais era preciso para justificar a sentença do prelado? Podia conservar a murça e dar sentenças no contencioso eclesiástico quem tinha o topete de dizer tamanhas barbaridades embora “aqui entre nós”, e afrontar os dois mais importantes institutos religiosos que então havia no Brasil? Decerto que não. Os jesuítas eram para o poeta a *companhia do olho vivo*; e Vieira não o estremecia! Os franciscanos, os diplomatas da celestial patifaria.

– Furta *ad majorem Dei gloriam*, que eu te absolvo em nome de Jesus, Maria e José, contanto que me ponhas um peso na sacola.

Isso dava Gregório de Matos a entender a todos quantos o ouviam; e no entanto esses franciscanos ainda choravam, de fresco, a morte e a assunção do venerável custódio Frei Cosme de São Damião, o qual, n’aquela mesma heroica cidade da Bahia, por demonstração da providência do Altíssimo, mui recentemente, “tinha participadas as graças de curar enfermos, conhecer interiores e prevenir futuros”.

Na mesma toada agrediu ele a toda a padralhada, brancos ou mulatos. Assim, mais de perto sentiu as suas ferroadas o pregador e vigário da freguesia de Passé, Lourenço Ribeiro, “mulato, segundo se rosnava”, cujo crime fora cantar nas sociedades ao som da cítara e ter, por indiscrição, mofado dos versos do autos do *Marinícolas*. *O retrato* do Padre Damaso da Silva, “cujo feito enfadava o poeta”, e ao qual não sei por que chamava “Frisão da Bahia”, é uma verrina dessa que arrancam pele com cabelo.

*A boca desempedrada
É a ponte de Coimbra,
Onde não entram nem saem
Mais que mentiras.
Ouçam e olhem,
Venha, venham, verão
O Frisão da Bahia,
Que está retratado
Às maravi... maravi... maravilhas.*

*Não é linguagem de vaca
Pelo maldizente e maldita,
Mas pelo muito que corta,
De tirica.*

•••

*E grande conimbricense
Sem jamais pôr pé em Coimbra,
E sendo ignorante, sabe
Mais que galinha.*

•••

*Como na lei de Mafoma
Não se argumenta, e se briga,
Ele, que nada argumenta,
Tudo porfia.
Ouçam e olhem,
Venha, venham e verão
O Frisão da Bahia,
Que está retratado
Às maravi... maravi... maravilhas.*

Longe iria neste parágrafo se fosse a notar todas as maldições de Gregório de Matos no que respeita aos seus figadais inimigos de batina, burel, corda ou correia. Um fato se apurava: os cônegos da Sé o tinham deixado aos paus; era preciso viver; e o poeta, bem ou mal, procurou romper o bloqueio que lhe tinham posto à vida.

Como já notei anteriormente, apareceu-lhe um casamento com uma viúva honestíssima, e, segundo se afirma, muito formosa senhora, chamada Maria dos Povos. Tratando-se de um quase sexagenário, que, além de tudo, não sabia a quantas andava em matéria de ganhar a vida, o próprio tio, Vicente da Costa Cordeiro, buscou arredá-lo dessa loucura. Gregório de Matos, porém, era cabeçudo; não atendeu ao conselho e ferrou na sorte essa tremenda cabeçada. Casou-se sem embargo dos embargos opostos por terceiro; e o tio, porque muito prezava a sobrinha, fez-lhe um donativo, no qual, ao que parece, se compreendia uma sorte de terras, que o desassisado tratou logo de passar nos cobres. Esse dinheiro, na importância de três mil cruzados, a dar crédito ao licenciado Rebelo, “recebido em um saco foi vasado no canto da casa, d’onde se distribuía para gastos sem regra, nem vigilância”. Se o fato não é verdadeiro, está ao menos no diapasão do homem que largara com a murça e sem motivos uma prebenda não pouco rendosa. Que havia de fazer o autor do *Marinícolas*, extinta a dinheirama que o tio da mulher caíra na asneira de não vincular por escritura? Não havia outro recurso senão abrir a banca de advogado; e ele assim o fez. Matos, porém, não nascera para isso.

Os seus biógrafos fazem grandes gabos à sua erudição e literatura jurídica; e confundindo a teoria com a prática e com o bom senso da vida, atribuem o insucesso do advogado à sua honorabilidade e ao desprezo que votava à chicana. E dessa sorte explicam

por que o poeta abandonou as causas cívicas pelas criminais. Mas ponho dúvidas à tal defesa engendrada pelos ditos biógrafos.

Gregório de Matos era de fato um espírito muito esclarecido e arguto, e juntara na cabeça toda a enciclopédia que em Coimbra se ensinava. Acredito mesmo que, se ele houvesse tentado, teria sido um rival temível de Álvaro Velasco, Jorge de Cabedo, Gregório Martins de Caminha, Mendes de Castro, Phoebos, Themudo e outros tratadistas que viveram no anterior e no mesmo século; e disso deram exemplo, antes dele, Ferreira, o poeta da linda Ignez, e quase na mesma época Gabriel Pereira de Castro, a quem o *De manu regia tractatus* não impediu a composição do poema *Ulysseia*.

De fonte mui diversa proveio o fiasco de Matos na sua advocacia. Boêmio incorrigível, vadio e incapaz de trabalho assíduo, nunca lhe foi possível inspirar confiança às partes solicitantes. Daí dizerem que só lhe ficava bem pleitear no crime. Compreende-se tudo; para advogar no civil com proveito, era indispensável ser assíduo na banca, ouvir com paciência, examinar *nocturna et diurna manu* autos e escrituras, andar sempre vigilante com escrivães e *ex-adversos*. Mas quem não vê que o poeta das *Reprovações* era a negação de todas essas qualidades? A semelhantes considerações acresce que Gregório de Matos, por indomável espírito satírico, não poupava os próprios clientes; sacrificava as causas a um dito agudo e muitas vezes, por preguiça, em vez de arrazoar, escrevia nos autos quadras ofensivas dos juizes e dos contrários.

No crime tudo se simplificava. Com parolas e intimidações muito se pode conseguir; e o poeta para esse efeito era advogado de se lhe tirar o chapéu e de se benzer a gente três vezes com o santo breve da marca entre a dentuça.

Várias são as anedotas que neste artigo de calaçaria relatam os contemporâneos do poeta. Conta o mais de uma vez citado seu biógrafo que, andando certo magano com um processo de restituição do dote que dera à filha, fundamentando o libelo em que,

morta esta, o marido alardeava ter a defunta falecido intacta, pelo que a enfeitara de palma e capela, Gregório de Matos arrazoou o feito com os seguintes versos:

Gaita de foles não quis tanger.

Olha o diabo o que foi fazer.

Acrescenta o historiador que tanto bastou para que, pelo laconismo, os tribunais sentenciassem em favor do reclamante. Não se exagere, porém, o efeito desta sátira. A tolice do marido arrazoara a causa; e o poeta que o acionava não fez mais do que obrigar a justiça a rir-se da corriola, na qual caíra o paspalhão, dando provas da não coabitação com a esposa. Esta proeza jurídica, todavia, não autorizava a generalização desse sistema a pleitear. Gregório de Matos pretendeu advogar no cível com *gaita de foles*; mas a gaita acabou por perder palhetas.

§4

Ao ódio que o poeta votava às batinas associou-se uma cruel antipatia pelas becas.

É verdade que a rabulagem da Bahia naquele tempo, a avaliar pelo que dela dissera Diogo de Campos em sua época, devia ter sido a coisa mais detestável deste mundo; Gregório de Matos, porém, em vez de a corrigir com o exemplo e a força do talento, abandonou-a ao seu destino; e tanto por esse abandono, como pelas agressões em que se empenhou várias vezes, exagerando os vícios da própria classe, concorreu poderosamente para aumentar-lhe o desprestígio e portanto a corrupção.

Examinando-se detidamente os seus versos intitulados *Ao braço forte*, verifica-se que já naqueles bons tempos minava o Brasil a praga da advocacia administrativa. Havia governadores patoteiros; e

Antônio de Souza de Menezes, vulgo o *Braço de Prata*, foi um desses, ajuizando-se dos seus merecimentos pela furiosa sátira que lhe fez o poeta.

Aproveitado discípulo do *Xumberga* de Pernambuco, o célebre Governador e Capitão-Geral Jerônimo de Mendonça Furtado, deposto, em 1666, pelo clero, nobreza e povo, do cargo que ali ocupava, como ladrão e avarento, e remetido para Lisboa com o sumário dos seus crimes, o *Braço de Prata* (é o que dizem), contando com os desmandos do governo de então, meteu-se em altas cavalarias no intuito de encher-se, e enriqueceu. Sendo, porém, intermediário dos seus negócios o alcunhado *Braço Forte*, conhecido “regatão de despachos” e “fundidor de mentiras”, sucedeu que este não guardou o recato que tais coisas exigem e pôs os podres do governador na rua. Essa situação cômica não escapou às iras de Gregório de Matos, que, por essa época, sofria grandes apertos de dinheiro e não encontrava, nem no foro, nem na administração, recurso para tamanha enfermidade. Assim, pois, vendo os vexames do *Braço de Prata* e por último presenciando o desespero de tal magano, que não se arreceou de dar com o sócio no xilindró, o poeta arrepiou os ouriços da sátira e escreveu os versos que se inscrevem *Ao Braço Forte*. Nesses diabólicos versos acha-se a história inteira das batotas de Souza Menezes.

É o preso quem fala:

– *Dizem que eu sou um velhaco*
E mentem, por vida minha,
Que o velhaco era o Governo,
E eu a velhacaria.

Quem dissera, quem pensara,
Quem cuidara e quem diria,
Que um braço de prata velha
Pouca prata e muita liga:

*Tanto mais que o braço forte
Fosse forte, que poria
Um Cabo de calabouço
E um soldado de golilha?*

*Porém eu de que me espanto?
Se nesta terra maldita
Pode uma ovelha de prata
Mais que dez onças de alquima?*

*Quem me chama de ladrão
Erra o trinco a minha vida;
Fui assassino de furtos,
Mandavam-me, obedecia.*

*Despacharam-me a furtar,
E eu furtava, e abrangia:
Serão boas testemunhas
Inventários e partilhas.*

*E eu era o ninho de guincho,
Que sustentava e mantinha
Co' o suor das minhas unhas
Mais de dez aves de rapina.*

*O povo era quem comprava,
O general quem vendia,
E eu triste era o corretor
De tão torpes mercancias.*

*Vim depois a aborrecer,
Que sempre no mundo fica*

*Aborrecido o traidor
E a traição muito benquista.*

*Plantar o ladrão de fora
Quando a ladronice fica,
Será limpeza de mãos
Mas de mãos mui pouco limpas.*

*Eles guardaram o seu
Dinheiro, açúcar, farinhas,
E até a mim me embolsaram
Nesta hedionda enxovia.*

*Se foi benfeito, ou malfeito,
O sabe toda a Bahia;
Mas se à traição me fizeram,
Com eles a traição fica.*

•••

*Chovam prisões sobre mim;
Pois foi tal minha mofina,
Que a quem dei cadeias de ouro,
De ferro mas gratifica.*

Depois de tão positivas provas de sua incapacidade para o exercício da profissão de “regatão de despachos,” que poderia mais Gregório de Matos esperar da administração, a não ser desprezo e guerra às suas habilitações de jurista!?

O ouvidor de Pernambuco, que não o estimava, disse, quando soube do falecimento do poeta, que desaparecera quem entendia do direito; mas, nem essa opinião póstuma nem a dos doutos de

sua época lhe valeram na Bahia contra os rábulas para que avezas-se alguma chelpa. As causas cíveis lhe minguaram e por último os processos crimes perderam o interesse pelo muito pouco caso que os comarcões faziam das justiças do Brasil. Essa frialdade do ambiente moral levou o autor do *Marinícolas* a considerar e refletir sobre a verdade contida naquele aforismo onde se diz: *lex non est imponenda aliis ab eo, qui ipsam negligit observare*. E daí partindo, em discurso filosófico em cata de outras verdades conexas, teve ele ocasião de verificar quão judiciosos se mostraram os romanos quando definiram direito natural – aquilo que a natureza ensinou a todos os animais – *quod natura omnia animalia docuit*. Ora, vendo ele que as alimárias dos Brasis tinham recebido da natureza preceitos muito curtos, e que as cavalgadas vindas do reino apresentavam-se cheias de todas as perversidades juntas, de godos, árabes e judeus, não devia ter-se ressentido de que lhe cortassem os mantimentos bestas tão ferozes. Entretanto, Gregório de Matos estranhou o *blocus*, e perdeu talvez a calma, tão necessária para quem combate vícios e tenta impor preceitos a homens desregrados. Acaso não lhe poderia ministrar socorro a sabença dos romanos, nem lhe dariam os Bartolos e Boêmeros conselhos que o livrassem dessas atrozes dificuldades? Com certeza que sim, se não se tratasse de um espírito, rútilo mas desassisado.

Gregório de Matos teria brilhado nesta parte de sua vida se inventasse e propusesse uma ação de alimentos contra a cidade da Bahia, sua madrastra; ou se, tomando ao sério a sua missão de advogado, junto aos bons varões da terra, que os havia com certeza, levantasse a ação de *dammo infecto* contra a gente ruim que ameaçava o Brasil com a ruína da fundação de Tomé de Souza. Essa utilíssima propaganda, infelizmente, porém, não estava nas cordas da índole destruidora do filho de D. Maria Guerra.

AINDA OS TRÊS ÓDIOS DO POETA — ADVOCACIA
 PORNOGRÁFICA — NATIVISMO FERROZ; GUERRA AO
 “UNHATE” — CONTRA MULATOS; PSICOLOGIA DESSA RAÇA

§1

Em Coimbra tinham posto o cabo a esta sovela; era forçoso, portanto, que o poeta furasse o couro alheio até morrer. Desanimado, pois, do foro e desprezada a banca de advogado, o vamos encontrar às voltas com a *gaita de foles* que *não* lhe *quer tanger*. Deu-lhe a advocacia então para o lado das mulatas e principiaram as suas defesas, em verso, a essas clientes dispendiosas, perante o tribunal da chalaça e da opinião dos capadócios pornográficos.

Houve uma dessas suas clientes que deu cabimento a grande briga entre certo vigário, talvez o de Passé, e um ourives de prata de nome Valentim, o qual

*Na obra dessa mulata
 Mete muita falsa liga.*

As lutas por causa de mulheres, quando vêm a público, por mais bem arrazoada que seja a intervenção de uma das partes, caem sempre no ridículo.

Pela descrição que o poeta faz da intriga que houve entre o vigário e o ourives, vê-se que este pretendeu introduzir hissope profano em caldeirinha sagrada, e não só o praticou como também levou consigo o vaso proibido.

Eis o que afirma a sátira:

*É homem tão desalmado
Que por lhe a prata faltar,
E estar sempre a trabalhar
Bate no vaso sagrado?
Não vê que está excomungado,
Porque com tanta fadiga
Numa casa excomungada
Com censura reservada,
Pela qual Deus o castiga?
Briga, briga.*

*Porque com modos violentos
A um vigário tão capaz,
Sobre os quatro que já traz,
Pontos lhe põe quatrocentos?
Deixe-se desses intentos,
E reponha a rapariga,
Pois a repô-la se obriga
Quando afirma que a possui:
E se esta razão não conclui,
Vai esta ponta à barriga.
Briga, briga.*

*Senhor ourives, você
Não é ourives de prata?
Pois que era essa mulata.
Que cobre ou tambaca é?
Restitua a moça que
É peça de igreja antiga;
Restitua a rapariga,
Que se vingará o vigário
Talvez no confessorário*

*Ou talvez na desobriga,
Briga, briga.*

*À mulata já lhe peja
De trocar odre por odre,
Porque o leigo é membro podre,
E o padre é membro da igreja;
Sempre esta telha goteja,
Sempre dá grão esta espiga:
E a obra da rapariga
Que desfazer esta troca,
Quer fazer co'o padre liga:
Briga, briga.*

*Largue-lhe a mulata, e seja
Logo, logo o bom partido,
Que como tem delinquido,
Se quer recolher à igreja:
Porque todo o mundo veja
Que quando a carne inimiga
Tenta a uma rapariga,
Quer no cabo, quer no rabo,
A igreja vence o diabo
Como outra qualquer estriga:
Briga, briga.*

Não diz a história, nem Gregório de Matos informa se o ourives da prata restituiu a gentil mulata. Provavelmente nesse pleito o advogado usou do *tertius gaudet*.

Uma outra questão em que o poeta muito se empenhou foi a do célebre *Mangará*, Capitão Domingos Cardoso, o qual, desesperado por terem-lhe duas mulatas furtado um papagaio, deu querela

contra o furto, com grande escândalo e “desmaio” da população da Bahia. Os provarás foram rimados por Matos com uma graça intraduzível.

• • •

*O papagaio real
Diz que para Portugal
Lindamente dava o pé;
Mas uma articula que
O contrário provará
Mangará.*

*Provará que ela gostara,
E que não satisfizera,
E muitas outras coisas dissera
Se o papagaio falara
Que o capitão intentara
Pagar-lhe em bens de raiz,
Pois sendo mangará quis
Transfigurar-se em cará,
Mangará.*

*Pondo-se o pleito em julgado,
Dar testemunhas procura
Com o primo Rapadura,
E com compadre seu Melado;
Mas há de ficar borrado,
Como o tal primo ficou,
Quando a mulata o deixou
Naquele triste araçá,
Mangará.*

Acrescenta ainda o defensor que as duas moças entraram na “corrente em falta do papagaio”, a primeira “sem pejo, mas a segunda pejada”, de onde se seguiu que saíram dos ferros, em vez de duas, três pessoas, e tudo por conta de um “contrafeito asnaval”, o ilustre capitão de Pirajá, o *Mangará*.

§2

O espírito de Matos devia ser atraído por todos os elementos que constituíam a vida íntima da colônia.

Repellido pelos padres, xingado pelos rábulas do foro, descontente do governador, um grave pensamento democrático o assaltaria.

– Ora, eu que sou homem inteligente, versado na história e no direito – diria ele consigo mesmo; – eu que sou poeta, e tenho a experiência dos homens e do mundo, por que não me hei de meter com o povo, com a gente desta terra e pô-los à minha feição contra os maganos de Portugal?

Não sei se Gregório de Matos formulou tal jaculatória; mas com certeza esse movimento nativista devia ter se produzido instintivamente, se bem que na vida do interior do Brasil já existisse, bastante intenso, um sentimento amargo, hostil, muita vez acobardado, o qual casava-se perfeitamente com as indignações poéticas do baiano. E tanto isso era verdade que o governo português, que muito se inspirou então na necessidade de elevar o nível dos *mazombos*, expedira a provisão de 4 de março em 1679, a qual dava aos naturais do Brasil preferência para os postos militares, benefícios eclesiásticos e outros empregos da administração. A vida de Gregório de Matos foi um contínuo comentário a essa provisão, que nunca se traduziu senão em grosseiros sofismas de reinóis, sempre prontos a rirem-se das pretensões das Caramurus, Tatambas e *tutti quanti* do Brasil.

O primeiro tipo burguês a que o poeta se apegou foi o *unhate*.
O que era o *unhate* na gíria de Matos?

*Santo Unhate irmão de Caco
Porque faz muitos prodígios.*

Era o reinol chegado “por Lisboa ou pelo Minho” degradado por crimes.

*Ou por moço ao pai fugido,
Ou por não ter que comer,
No lugar onde é nascido.*

O poeta enfurecia-se quando via tipos dessa laia saltarem no cais da cidade “descalços, rotos e despídos, sem trazer mais cabedal que piolhos e assobios”, e daí a meses apresentarem-se alugando casas “de preço e valor subido” e postos em tempo breve “com dinheiro e com navios”. E ele, o caipora, o poeta, o jurista, ao lado dos assobios, sem eira, nem beira, nem sedas, nem polvilhos, observava esses mesmos unhates que devoravam a riqueza e descompunham a terra, sem que a pobre Bahia lhes repetisse o mote:

*Ingratos, mal procedidos!
Se eu sou essa que dizeis,
Por que não largais meu sítio?
Por que habitais em tal terra,
Podendo em melhor abrigo?
Eu peço em vós, eu vos rogo?
Respondei: dizei malditos?
Mandeí acaso chamar-vos?
Ou por carta, ou por aviso?
Não viestes para aqui*

*Por vosso livre alvedrio?
Meus males de quem procedem?
Não é de vós? claro é isso:
Que eu não faço mal a nada
Por ser terra e mato arisco.
Se me lançais má semente.
Como quereis fruto limpo?*

Ira, furor, apodos, sátiras, epigramas: eis o que lhe cabia dar de graça a esses forasteiros, “c.. breados”, cujas camisas, quando eles chegavam, eram mais duras do que um “traquete de navio”. Os unhates, porém, eram mais insensíveis a sátiras. Duros de cara e ainda mais de entendimento, aumentavam o número dos cabritos e voltavam para o reino gordos, nédios, escorreitos.

Os governadores se sucediam, os engenhos aumentavam, as negras pariam, os reinóis enriqueciam; mas o poeta não medrava, e a sua sina cada vez mais se escurecia.

Como é natural, ele lembrou-se de responder à gente dura, levantando contra ela a mulataria.

Não lhe saíam da mente os versos da causa, em que requerera o dote da virgem casada predefunta.

*Gaita de foles não quer tanger.
Olha o diabo o que foi fazer.*

§3

Aquela “senhora dona Bahia”, cidade nobre e opulenta “madrasta do naturais e dos estrangeiros madre”, foi surda aos reclamos do poeta, desterrado da pública simpatia. Era embalde que Gregório de Matos vociferava, fazendo ver a todos seus patrícios “os extravagantes meios com que os estranhos dominavam

indignamente os naturais de sua pátria”. Continuavam a ser exaltados os que chegavam e a ser abatidos os que na terra eram bem-nascidos; os reinóis riam-se triunfantes e a sátira não feria nem a epiderme dos alarves.

Na raça mestiça havia, entretanto, uma face simpática, que não passou despercebida ao espírito arguto do autor das *Reprovações*. Para aí, pois, o poeta enveredou.

Mas os mulatos, do mesmo modo que já o tinham feito o cabido, os escravos e os mascates ou *unhates*, refugaram, e puseram-se ao abrigo das cantigas. Altivos, muitas vezes insolentes, imaginosos, lúbricos, talhados para as artes, maxixes para a música, violeiros de força, apaixonados do que hoje na geringonça fluminense chama-se maxixes, audazes, astutos e dissimulados, quando em luta com forças superiores; os mulatos representaram na política do norte, desde os tempos coloniais, papel característico que não passou sem reproches dos historiadores da época. Eram eles que, graças ao ódio dos reinóis, os quais os afagavam quando escravos e desprezavam quando forros, mantinham toda a dinâmica liberal daquelas regiões. Neles existia, como temperamento, o espírito de insurreição, o qual de ordinário tomava a forma da desafronta e do assassinato por pundonor. Basta recorrer à história da dominação holandesa para verificar-se quanto esse espírito de revolta, de ódio inquebrantável, comprometeu a sorte de Pernambuco, onde aliás existia já formado o forte nativismo que dera a guerra dos mascates.

Confundindo os reinóis com os brancos crioulos, o mulato Calabar envolveu toda a colônia no seu despeito, e, dando mão ágil aos batavos, não premeditou, como é mais provável, senão atentar contra o orgulho dos portugueses autoritários, que só falavam de chicote em punho e de verbo alto. A sua chamada traição ia com efeito abrindo espaço a consequências sociológicas de que com certeza teria derivado o malogro de nação colosso a que

nos orgulhamos de pertencer. O espírito, porém, que esse desastre ia ocasionando não era fundamentalmente mau.

Os mulatos não eram práticos, nem persistentes, nem coerentes, nem assíduos no trabalho. Apaixonados, impetuosos, tão fáceis de serem sugestionados por uma coisa, como de abandoná-la desrespeitados, eles durante aquelas épocas foram vistos, ao lado do branco, e contra o branco, sempre inflamados, muitas vezes desarrazoados, mas propulsivos, agressivos, destruidores.

A filosofia poderá absolver, por isso, os reinóis das torturas a que os sujeitaram e dos chascos com que largamente os mimosaram. Chapados na realidade e inclinados sobre o ventre, zelosos do seu sossego e ainda mais da santíssima pataca, os portugueses não se iludiam com o prejuízo que pode resultar de temperamentos turbulentos; e, adotando, por instinto, as regras do ajuizado Sancho Pança, consideravam que mais valia andar devagar a quatro pés do que aos trancos e barrancos como xucros. Desde tempos imemoriais que a sua divisa foi: *o seguro morreu de velho*. Mas também esse conservadorismo axumbergado nos manteve e manteria em minoridade política até quase terminar o século.

Entretanto, as características daqueles mestiços, é forçoso que se diga, por fás ou por nefas, os puseram sempre em tumultos e revoluções, na democracia enfim. Em várias ocasiões foram iludidos e postos a serviço de perversos reacionários para atacarem patriotas; e nos sertões do norte se constituíram o terror das fazendas, onde ainda hoje a palavra *cabra* inspira a muitas famílias susto e um pavor intraduzível. Elemento revulsivo, exagerou-se, oferecendo não raramente os lombos aos chefes do liberalismo, e, durante a regência, chegou mesmo provocar providências sistemáticas tendentes à manutenção da ordem pública,

Não há quem desconheça que foram *Cabanos*, *Balaíos*, *Sabinos*, *Bem-te-vis* e outras curiosas manifestações de nosso folclore

político. E pelo que neles ainda hoje se observa, pode-se avaliar o que não seriam na época em que Gregório de Matos, de engulho, blasfemava, achincalhando-os.

*Não sei para que é nascer
Neste Brasil empestado
Um homem branco e honrado
Sem outra raça.*

*Terra tão grosseira e crassa,
Que a ninguém se tem respeito,
Salvo se mostra algum jeito
De ser mulato.*

Poetas e cantadores, eram eles os que melhor requestavam, e ainda hoje de seu seio saem os rapsodos do sertão. Residindo nessa gente toda alegria dos povoados, dos arraiais e das estradas, Gregório de Matos pensou encontrar nela os seus vingadores, os seus capangas. Iludiu-se. E logo pela frente quem lhe havia de sair? Um padre, que era pardo, segundo se rosnava, o qual o ofendeu tentando disputar-lhe a palma do talento. Os reinóis não lhe queriam arrebatat semelhantes prendas; o que lhe embargavam era a pataca. Os mestiços, porém, dotados de estro e muito sestrosos, foram os que mais se atreveram a guindar-se aos seus dotes poéticos e a negar-lhe primazias. *Inde iræ!* E começou a segunda guerra púnica.

O Padre Damaso da Silva tornou-se o tipo pelo qual se afiaram todas as descomposturas que desde então ferrou nesses novos inimigos. “Boca mentideira”, onde o povo acudia à tarde, como ao curro dos bois, para escutar mentiras doidas; eis o que era esse frisão, cuja língua, por desconto de pecados, era igual à Relação e a todos os vícios da terra.

*Santo Antônio de baeta
Que em toda a parte do mundo
Os casos que sucederam,
Viu e foi presente a tudo.*

*O padre papa-jantares,
Hóspede tão importuno,
Que para todo o banquete
Traz sempre de trote o bucho.*

•••

*Lisonjeiro sem recato,
Adulador sem rebuço,
Que por papar um jantar
De um sacrista faz Núncio;*

*De um tambor, um general,
Um branco de um mameluco,
De uma senzala, um palácio,
E um galeão de um pantufo.*

*O Zote que tudo sabe,
O grande jurisconsulto
Dos litígios fedorentos
Desta cidade monturo.*

*O Bartolo de improviso,
O subitâneo Licurgo,
Que anoitece um sabe nada,
E amanhece um sabe tudo*

•••

*Esse tal de quem falamos
Como tem grandes impulsos
De ser batiza-crianças
Para ser soca-defuntos;*

*E a majestade de el-rei
Tem já com mil esconjuros
Ordenado que o não colem
Nem a uma igreja de junco:*

*Ele por manter desejos
Foi-se ao adro devoluto
Da senhora do Loreto,
Onde está pároco intruso.*

No mesmo tom e pela mesma solfa agrediu, como já fiz ver, a Lourenço Ribeiro, vigário de Passé, a quem chamou de “mulato muito ousado”, ignorante, ufano e “cão revestido em padre por culpa da Santa Sé”.

O que mais irritava o poeta era que essa ousadia, esse ladrar contínuo “contra um branco honrado”, quadrasse “ao bispo, ao governador, ao cortesão e ao senhor”. Em todo caso Gregório de Matos se enternecia quando reparava que esse poeta e pregador, fátuo de tocar cítara, ladrava no púlpito em vão para os brancos, de ordinário só ouvido por tias e tios do Congo suando mondongo e outras imundícies.

Mefistófeles não teria rido tanto, comentando a tolice humana, como riu o autor do *Marinícolas* ouvindo esse pregador cachorro, que não sabia de escritura “mais que aquela que o pusera forro”.

O MOFINO POLÍTICO — CONTRA GOVERNADORES —
CARICATURAS E RETRATOS — O “NARIZ DE EMBONO”

§1

A diante veremos o que era a política de Gregório de Matos, em abstrato. Em concreto, parece que ele nunca chegou a ter compreensão nítida das coisas; e essa conclusão resulta do confronto dos versos atrozes em que atacou os governadores e o pouco caso que em geral fizeram dessas apolíneas agressões os agredidos.

Gregório de Matos não se comprometia seriamente na oposição aos portugueses que com a mão férrea da tirania governavam a colônia, ao talante dos seus caprichos e dos interesses dos amigos.

Por que não foi o poeta preso nem perseguido, ou exilado, pelo *Braço de Prata*? A razão é óbvia. Matos cingia-se a desabafar queixas pessoais, fazendo circular versos que causavam riso aos desafetos do governador. Em 1692, por exemplo, logo depois da posse de Souza de Menezes, os baianos que representavam a nobreza da terra viram subir à confiança do governo um homem que tempos antes fora para Portugal como criminoso e voltara absolvido e de posse do cargo de alcaide-mor da cidade de Salvador. Esse cidadão era o afamado Francisco Toles de Menezes, que, uma vez nomeado alcaide, tratou de tomar dos que anteriormente o haviam recomendado para Lisboa ou concorrido para isso as mais cruéis vinganças; e para esse fim o *Braço de Prata* foi-lhe de magnífico auxílio, senão instrumento cego em suas mãos. Nessas conjunturas e por que além de tudo, com a ascensão de D. Pedro II ao trono, a

política na Bahia mudara sensivelmente, formando-se um grêmio de oposição no qual eram encontrados o provedor da alfândega, o secretário da Câmara e Gonçalo Ravasco, sobrinho do Padre Vieira e filho do Secretário de Estado Bernardo Ravasco, julgou Teles de Menezes a ocasião propícia, e, dando caça aos seus desafetos, recolheu uns às enxovias e a outros, que se haviam homiziado no colégio dos padres, cercou, prendeu e deu destino, perdidos os empregos que passaram às mãos dos bons amigos do alcaide. A reação contra o valido não se fez esperar por longos dias.

Referem os cronistas que Antônio de Brito e Castro, irmão do provedor da alfândega e um dos mais ofendidos nessa empreitada de desabafos, não tendo bofes para tanto suportar, desesperado, um dia dirigiu-se acompanhado de seis amigos, todos mascarados, para trás da Sé, e quando por aí passava o alcaide repoltreado na sua rica serpentina, de volta do palácio do governador, fez-lhe desfechar quatro tiros de bacamarte, que apenas mataram um criado e feriram outro. Não escapou Teles de Menezes, porém, ao golpe armado em plena rua e à luz do dia, porquanto, estando o irmão do provedor disposto a trucidá-lo, avançou para a rede, tirando a máscara, e com a sua própria mão apunhalou-o mortalmente. Depois disso os assassinos retiraram-se sem que fossem perseguidos, e se homizaram no colégio dos jesuítas. Tamanha audácia determinou um acesso de fúria por parte do *Braço de Prata*, que apenas teve conhecimento do fato entrou a insultar a guarda do palácio e toda a oficialidade, que seguramente aplaudira com o silêncio a tragicomédia. Violento e ao mesmo tempo sem tino, o governador mandou prender o respeitável ancião Bernardo Ravasco, secretário de governo, e pôs a cidade numa espécie de estado de sítio; exilou e fez o diabo.

No centro dessa oposição, e sendo muito amigo dos Vieiras e Ravascos, que papel teria representado o cauteloso satírico do *Marinícolas*? Não foi preso, nem perseguido, nem exilado;

entretanto, os seus versos estão cheios de invectivas às imoralidades do *Braço de Prata*; de onde se vê que nem ele intervinha na política local de modo sério, nem inspirava receio aos poderosos pelo prestígio dos seus panfletos, pois como tais deviam ser reputados naquelas eras os versos agressivos do poeta por todos decorados e transcritos de mão a mão. É que Gregório de Matos cingia-se com certa arte precavida a ferir o indivíduo em tudo, menos no que podia atear as fráguas da alma política e ciosa de si mesma. Que importava a Souza de Menezes que um velho tonto lhe emprestasse o sórdido desejo de enriquecer, *gemesse quem gemesse*? Acaso ocultaria ele que a sua vinda para o Brasil, como a de tantos outros, não tinha por alvo senão arranjar a vida e explorar a terra? Seria acaso o primeiro governador arruinado que caía sobre os Brasis para remediar a quebradeira e repintar os brasões embolorecidos? Portanto, gritasse para aí o cão gozo e caduco do Parnaso, que os padres Damasos e Ribeiros se encarregariam de lhe endireitar as cordas da viola, por aquela mesma “solfa de fá bordão”, aquela “solfa escura pelo compasso da mão”, que o próprio Matos receitara ao Brás Luiz. Assim, pois, impunemente o satírico cantou “o rico feitio” do *Braço de Prata*, do mesmo modo por que já lhe atacara a ladroíce, e talvez que assistido da hilaridade do próprio retratado.

§2

À imitação do que fizeram Ovídio com a pulga, Luciano com o mosquito e o grande Homero com as rãs, ele não se perdeu ocupando-se com aquela nova alimária “mais delgada, mais chata, mais sutil, mais esmagada”, aquele percevejo que à cidade da Bahia tonta e fátua a Santa Inquisição tinha enviado. O que é certo é que Souza de Menezes não o perseguiu; e embora, como dizia a sátira, que se inscreve *Retrato do governador*, o braço de

prata impura lhe pendesse da garganta qual balandrau, o outro braço perfeito nunca se ergueu para punir o atrevido poeta que vociferava:

*Tu é mais cego do que eu, que te sussurro
Que em te olhando não vejo mais que um burro.*

Também o desabusado governador não levou a mal que o poeta o figurasse de bengala metida no sovaco, a atravessar as ruas da cidade, do colégio ao seu palácio, xingado pelo negro, praguejado pelo branco,

*O rabo erguido em cortesias mudas,
Como quem pelo... tomava ajudas.*

Tudo isso não ofendia o couro impenetrável do grosseiro português.

Em palácio havia casa de jogo, e, “ainda que o povo risse”, o governador, a quem “nada aleijava”, continuava a roubar e a mentir. Mau e parvo, ao que parece, mereceu talvez a praga que por último o poeta lhe rogou:

*... que a bala que o braço lhe levara
Viesse segunda vez levar-lhe a cara.*

Deixou de vir a bala, mas o governo português não consentiu que o imprudente concluísse o seu triênio, e antes de dois anos lhe deu um cordato substituto. Foi este o Marquês das Minas, o respeitável Antônio Luiz de Souza Teles de Menezes, o qual chegando à Bahia em 1684 “tratou logo de aliviar os magnatas da terra, chamando-os do desterro em que padeciam, amedrontados do seu antecessor pela morte dada por outros ao alcaide-mor

Francisco Teles”. Com efeito, a presença do marquês na cidade da Bahia conseguira aplacar os ânimos excitados pelos acontecimentos políticos anteriores e em grande parte oriundos da elevação de D. Pedro II ao trono de Portugal.

Bernardo Ravasco, o poeta, secretário de estado, dedicou uma décima, em ação de graças, ao advento da paz, e Gregório de Matos, que nunca deixava a tropilha dos descontentes, arrumou-lhe a glosa – *À chegada do Marquês das Minas*. Dessa glosa se colhe um fato bem significativo, e é que Matos, embora desassisado na vida prática, impetuoso e injusto quando se tratava de apanhar qualquer ridículo, não chegou a perder os instintos de conservação. Na sua vida, e principalmente nos seus versos, encontro mais de um documento do qual ressalta que nem sempre ele se fez hostil à adulação.

Os governadores eram, em suma, os representantes do rei, e nada prova que Gregório de Matos fosse inimigo da realeza. Ao contrário disso, o poeta viveu na Bahia a apelar de contínuo nos seus requisitórios para o outro lado do Atlântico. É que ele, entre os desconchavos em que vivia, acreditava que só da força real da monarquia podia vir benefício ao Brasil. Atacando, portanto, reinóis, governadores, com os mesmos confundidos, magistrados, bispos, padres, mulatos atrevidos e os próprio nobres caramurus, o satírico baiano não fazia mais do que inconscientemente solicitar dos reis de Portugal uma providência, que só por incidente eles poderiam dar, isto é, a de dedicarem-se à colônia, inverterem os papéis e transformarem os servidores da coroa em servidores do Brasil. Fossem lá pelos tempos adiante formular essa aspiração ao faustoso D. João V, o rei que mais gozou e luxou em Portugal e que olhava para as terras dos Brasis como para a gruta de Ali Babá, de onde lhe iam os sacos de ouro, as pedrarias, as riquezas, enfim, com as quais assombrava em Roma o papa, oferecendo-lhe festas diplomáticas excedentes de tudo quanto pôde excogitar a fantasia

oriental! Gregório de Matos, pois, não desconhecia a autoridade; mas não entendia os homens e nem sabia como as coisas se passavam. Ingênuo entre os ingênuos, logrado e sempre confundido, e no fundo pouco se dando de tal derrota, ao poeta talvez faltou o conselho amigo de uma alma vigorosa e de vasto remígio que lhe indicasse o que era no íntimo a colônia do Brasil; não houve ao pé de si um filósofo da estofa dos Montaignes que lhe segredasse ao ouvido:

– Acomoda-te, Gregório, que as coisas da Bahia e os negócios do Brasil não vão tão ruins como supões; não continues a estragar a tua filosofia julgando com “sutileza toda culpa de acontecimentos iníquos no tempo abstrato” à conta do *Braço de Prata*. Toma tento, meu velho, e ouve. Se é verdade que D. João IV nunca entendeu das coisas desta terra, e os sucessores não melhoraram a política colonial, não é menos exato que, apesar dos reinóis que só pensam em *fazer brasil*, dos maus governadores, que se arruínam, da devassidão dos franciscanos, dos sonhos e loucuras do Padre Vieira, dos alvarás errados e das economias mal-alinhavadas, o Brasil vai sempre bem, e medra porque a santa madre terra assim o quer, os paulistas revolvem o sertão, as minas crescem, os engenhos produzem, as guerras pouco fazem e os governadores e capitães-mores nada têm com o incremento do país. E por último, meu satírico iconoclasta, governos sempre foram isto! Lembra-te de que o rei esteve quase vendendo Pernambuco aos holandeses e por conselho de um jesuíta. Lembra-te ainda de que esse mesmo rei, frouxo e mal-avisado, sem forças no Tejo e sem dinheiro, apertado por flamengos, mandou a João Fernandes e a Negreiros que não cuidassem em restaurar a sua pátria e integrar suas famílias; mas, sem embargo disso, Pernambuco foi restaurado, os flamengos expulsos e o país purgado. A colônia aumentou de vida própria e tudo se foi fazendo ao natural, aos trancos e barrancos, seja dito de passagem, mas sempre para o melhor.

A glosa de Gregório de Matos, portanto, instintiva e sem intenções filosóficas, não perde por isso o seu alcance político. O que Ravasco e o satírico celebravam, por fim das contas? Celebravam o triunfo da boa gente da Bahia, dos que constituíam a vida nacional, os naturais, alcançado contra a frieza de D. Pedro II e a ganância dos governadores.

O Marquês das Minas trouxera consigo seu filho Conde de Prado. O assunto se prestava. Os dois notáveis entregavam o corpo. Os poetas, cheios de entusiasmo, os fuzilaram com as metáforas e os primores costumados.

*De flores e pedras finas
Floresce e enriquece o Estado:
Floresce sim pelo Prado,
E enriquece pelas Minas.
As aves que peregrinas
Aos montes se retiraram,
Nesta manhã já cantaram
Com tão doce melodia,
Que a noite se tornou dia
Porque as penas se acabaram.”*

*Pelo Prado flor a flor
Se vai a terra esmaltando,
Com que o clima está mostrando
Temperamento melhor.
Do lumiar superior
Por tais influências dignas,
Sendo as pedras e boninas
Da terra únicos primores,
Pois se esmalta pelas flores
E enriquece pelas Minas.*

O gênio ditirâmico da colônia ergueu-se por momentos. Era justo que, depois de tanto bocamarte, houvesse flores e se corresse lanças entre festas e folgares. De feito, parece que o marquês, compreendendo melhor do que o seu antecessor a índole jovial e folgazona dos baianos, permitiu-lhes corridas e largos divertimentos.

É pelo menos o que se depreende da leitura da obra de Gregório de Matos.

No meio dessas festas sua lira deixou de ser uma lira maldizente.

§3

A Bahia foi talvez durante a estada do Marquês das Minas um paraíso para *as aves que regressavam dos montes*. Tiveram os poetas seu dia de glória, e o lirismo brasileiro, que é uma enfermidade regional, como é, por exemplo, a febre amarela, o lirismo do autor do *Marinícolas* deu tréguas à detração e ao ódio reinol para celebrar cavalhadas, torneios, farsas mouriscas, reinados e todas aquelas coisas que nesse tempo eram saborosas e davam grande gosto a colonos e mazombos. Excedeu-se então o poeta nos louvores com que engrinaldou o marquês e o conde, exaltando ao mesmo tempo a galhardia dos cavaleiros bem-aparecidos, que disputaram primazias no terreiro da cidade, por ocasião das festas das virgens em 1685.

Nos versos que descreveram essa festa vive-se a vida da Bahia; e o satírico, entrelaçando o cômico com a seriedade, entre risos e flores, fogaças e carneiradas, faz-nos conhecer os rapazes e os tafuis da terra, como se o dia fora hoje. O Brandão ligeiro, o Marinho generoso, o Barreto alheio a susto, o Eusébio desvelado, o valoroso Moniz, o gracioso Bolatim, o famoso Araújo, todos os rapazes folgazões da brigada de Cupido nos aparecem ricos de brocados, nos brilhantes frisões ajazados. Até o pobre sobrinho do Padre Damaso

se nos mostra nessa festa para folgar e também para trair o espírito zingareiro do poeta. É aquele, segundo reza a respectiva décima, o “ousado patifão” que “ao cheiro acudiu dos patos” trabalhando...

*... a meio trote
Qual servo de D. Quixote
A quem chamam Sancho Pança,
Na sela infame perneta,
E com tramoia secreta,
Eia sobre o seu jumento
Pelo arreio e nascimento
À bastarda e à gineta.*

Raros são os trechos de cronistas que conseguem transportar-nos aos tempos idos, com a mesma veemência e lucidez que se topam nas descritivas de Matos. Tudo depende de sabê-lo ler, e articular os seus informes poéticos com as datas, os sucessos e os homens que o cercavam. É evidente, pois, que o satírico, durante o período do governo do Marquês das Minas, encontrou companhia para os convescotes e largas andaduras para o gênio de boêmio. Tais prazeres, porém, não deviam durar muito tempo, porque ao marquês sucedeu um indiferente e quase incógnito Mathias da Cunha, e a este o grotesco Governador Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho, que, segundo rezam as crônicas, não foi homem de todo mal-intencionado, mas que possuía um defeito insuportável a satíricos, irritante contundente do bom gosto e da estesia.

Câmara Coutinho era feio, alambazado, exótico; o ridículo parece que andava-lhe nas alcatras. Tanto bastava para que o poeta se colocasse na tropilha da oposição.

Os seus versos, todavia, não lhe teriam granjeado amargores, se o governador não tivesse outro defeito mais grave; um filho de nome João Gonçalves, comandante de uma companhia de

infantes e rapaz de poucas graças. Esse rapaz, ao lado do pai, como era de prever, não sorriu à poesia. Interventor nas desavenças do Parnaso, conseguiu logo que o amado progenitor pusesse termo aos dislates métricos de que se não pejava de numa festa pública chamar ao pai de velho Saturno e outras coisas muito feias. Os bons filhos raro perdoam ofensas atiradas às qualidades estéticas de quem os gerou. Ora, Gregório de Matos fizera ao governador a sátira mais estrepitosa, pelas cócegas ao riso, que até hoje se tem escrito em português. Há muita gente que não sabe a história de Câmara Coutinho; mas quem pode ignorar que na Bahia existiu “um nariz de tucano cor de pato?” Quem existe no Brasil que não tenha repetido muitas vezes trecho do célebre *Retrato* de Antônio Luiz em bemol e em bequadro?

*Nariz de embono
Com tal sacada,
Que entra na escada
Duas horas primeiro que seu dono.*

Pois bem, esse nariz era sagrado. E, por tê-lo puxado, Gregório de Matos sofreu o que não conseguiram que ele sofresse os seus ataques à honra do *Braço de Prata*. Vedaram-lhe continuar a escrever sátiras na cidade; e lhe impuseram o exílio para os engenhos do Recôncavo. A vida nessas paragens, como já vimos, não era das coisas mais cruéis; nem talvez para o poeta significava uma pena fulminante. Em todo caso arrebatavam-lhe os últimos meios de subsistência; mas em compensação davam-lhe a patente legal de parasita. Matos a aceitou e começou então a sua peregrinação pelo Recôncavo, quase foragido, e relativamente feliz na sua miséria. Despedindo-se da Bahia, não a poupou, e atirou-lhe a sua frecha do Parto; e escrevendo ao Conde do Prado exprimiu-se com a acrimônia do paria.

*Daqui desta praia grande
Onde à cidade fugindo,
Conventual das areias.
Entre mariscos habito;*

*A vós, meu conde do Prado,
A vós, meu príncipe invicto,
Ilustríssimo Mecenas,
De um poeta tão indigno.*

*Enfermo de vossa ausência,
Quero curar por escrito
Sentimentos, saudades,
Lágrimas, penas suspiros.*

*Ausentei-me desta terra,
Porque esse novo maldito
Me pôs em guerra com todos,
E aqui vivo em paz comigo,*

*Graças a Deus que não vejo
Neste meu doce retiro
Hipócritas embusteiros,
Velhacos intrrometidos*

*Não me entrem nessa palhoça
Visitadores prolixos,
Políticos enfadonhos,
Cerimoniosos, vadios.*

*Visita-me o lavrador,
Sincero, simples e liso,*

*Que entra co'a boca fechada,
E saí com o queixo caído.*

*Dou na varanda um passeio
Ouço cantar passarinhos.
Docemente, ao que entendo,
Exceto a letra e tonilho.*

*Vou-me logo para a praia,
E vendo os alvos seixinhos,
De quem as ondas murmuram,
Por mui brancos e mui limpos,*

*Os tomo, em minha desgraça,
Por exemplo expresso e vivo,
Pois eu, por limpo e por branco,
Fui na Bahia mofino.*

*Queimada veja eu a terra
Onde o torpe idiotismo
Chama aos entendidos néscios
E aos néscios chama entendidos.*

*Queimada veja eu a terra
Onde em casa e nos corrilhos
Os asnos me chamam asno.
Parece coisa de riso.*

*Eu sei de um clérigo zote,
Parente em grau conhecido,
Destes que não sabem musa,
Mau grego e pior latino,*

*Ambicioso, avarento,
Das próprias negras amigo,
Só por levar a gaudere
O que aos outros custa gimbo,*

*Que se acaso em mim lhe falam
Torcendo logo o focinho,
“Não me falem neste asno”,
Responde em todo seu siso.*

*Também sei que um certo Beca,
No pretório presidindo,
Onde é salvage em cadeira,
Me pôs asno de banquinho.*

• • •

*Era eu em Portugal
Sábio, discreto, entendido
Poeta melhor que alguns,
Douto como os meus vizinhos.*

*E chegando a esta terra,
Logo não fui nada disto,
Porque um direito entre tortos
Parece que anda torcido.*

• • •

*Esta é a vida que passo
No descanso em que vivo.
Me rio dos reis d’Espanha
Em seu célebre Retiro.*

*Se a quem vive em solidão
Chamou beato um gentio,
Espero em Deus que hei de ser
Por beato inda benquisto.*

A última promessa do poeta não se cumpriu. Não tinha ele, como seu mestre Horácio (o gentio de que fala), índole para viver *procul negotiis*. Era-lhe preciso o movimento. Como não lhe permitiam o ingresso no fórum, resignou-se ao ruído das senzalas. Os amigos que havia nos engenhos abriram-lhe franca hospitalidade.

O PARASITA — DE VIOLA EM PUNHO; PELOS
ENGENHOS — OS AMIGOS DO POETA —
GALERIA DE MULATAS; LIRISMO CRIOULO

§1

Os leitores já sabem o que eram ou deviam ter sido os engenhos do Recôncavo, ao tempo em que Gregório de Matos, espoliado da cidade pelo “nariz de embono” do governador, perlustrou-os de viola em punho para viver à ufa. Nem todos os senhores feudais da Bahia eram tratáveis, os reinóis seriam bruscos e não deram provavelmente guarida ao poeta, que era capaz de comer-lhes os cuscuzeiros e pagar-lhes a hospedagem em décimas no gênero das do Aretino; mas havia aquilo que começava então a constituir a nobreza brasileira, os fazendeiros nascidos no país; e estes, francos, dóceis no trato e quase perdulários, sabiam ser pródigos com os amigos, abrindo nos seus engenhos todas as portas ao prazer, ao bem-estar, ao sossego, à palestra e aos jogos carteados, que são a suprema delícia dos solitários do trabalho campestre. É fácil, portanto, compreender quanto não deviam ter sido por eles monopolizadas a graça e a veia repentina e anedótica do autor do *Marinícolas*.

A maior parte dos engenhos eram situados à margem da grande angra, ou dos rios circunjacentes. Comunicações fáceis em canoas ou barcos veleiros, vida variada, travessias pitorescas, pescarias aos domingos, convescotes uma vez por outra, caçadas de porcos e mocós, esperas de veados, visitas de engenho a engenho, boas pândegas pelas estradas: nada faltava na situação a que haviam reduzido o poeta baiano, para que ele, salvo a velhice e

a relaxação erótico-senil a que se entregava, se reputasse um homem feliz. Inúmeras poesias da coleção traduzem com eloquência essa quadra de sua vida original. Pelos versos dedicados aos seus amigos vemos em que sítio a musa passou e descuidosa celebrou mulatas e mecenas. São Francisco, Madre-Deus, Cajaíba, São Gonçalo, Paripe e outros sítios foram-lhe assuntos e motivos para deliciosos descantes. Em São Francisco, principalmente, o poeta achou o que mais precisava, um fidus Achates, verdadeira fôrma para seu pé, o músico Ferreira, que de contínuo o acompanhava ao som do violão.

Nos referidos versos, entretanto, o que mais avultava, na prolecta idade que Matos atingira, era a sua predileção pelos quitutes. Um almoço num engenho era com efeito para enlouquecer um rabelaisiano da gema. Ainda não se apagaram dos costumes baianos as tradições pantagruélicas; e quem já visitou senhores de engenho da Bahia ou de Pernambuco pode avaliar aproximadamente o furor culinário de uma época em que comer bem, além de clássico, nas regiões de que se trata, era um conforto, um regalo, uma distração muitíssimo filosófica. A terra pródiga em fornecer os materiais para esses hinos ao estômago; a imaginação das negras africanas e os seus requintes de temperos; as disposições sadias dos contubernais, sempre prontos a exigir abundância, variedade e esquisitice nos pratos: tudo isso junto dava uma resultante que se estendia em almoços e ceias capazes de fazer recuar o mais valente sibarita. As colossais paneladas, irrigadas de aguardente; os sarapatéis de bode; os cuscuzes a leite de coco; as moquecas azeitadas; as peixadas suculentas; as canjicas; os fumegantes inhames e nambus; as tapiocas gostosas; as tumbanças; as pamonhas de milho; as cambicas de toda espécie; o bom leite; a apetitosa coalhada; os bolos de carimã: o nativismo culinário, enfim, levado a seu mais alto grau fazia esquecer as iguarias do outro lado do Atlântico, e influenciando na lira maldizente, retemperando-lhe as

cordas, chegava a torná-la insidiosa e lisonjeira. E por isso dizia o poeta:

*O peixe roda aqui, ferve o marisco,
Come-se ao grave, bebe-se ao Tudesco,
Vêm barcos da cidade com refresco,
Há já tanto biscoito como cisco.*

Como podia o velho sátiro, desencanaiporado pelo nariz de Câmara Coutinho, ser insensível a tantos primores? A veia anacreônica se lhe aguçou nessas conjunturas; e não era sem razão que ele, da ilha de Gonçalo Dias, onde se achava, desgostoso por diferenças que tivera com certo personagem da Cajaíba, escrevia aos seus magníficos amigos aí residentes, chorando não estar em sua companhia entregue às delícias da petisqueira e dos amores *pro derelicto*.

*Que vai por lá, senhores da Cajaíba?
Vocês, se levam vida regalada
Co'a arraia chata, a curimã avoadada,
Que lhes forma em dois lados quatro gibas:*

*Eu nesta ilha, inveja das Maldivas,
Estou passando a vida descansada.
Como o bom peixe, a fruta sazoadada
À vista de um amor sangue de sibas.*

Nessa ilha e em outras amenas estâncias, onde o refestelou a musa chocarreira e trapalhona, continuou Gregório de Matos a escrever versos, os quais seguramente não foram os menos apreciáveis de sua lira desbragada, menos venenosos, porque não o aperreavam no momento, mas eróticos e sensuais em razão da idade, da influência do campo e da condescendência dos amigos.

É pena que o poeta não nos dissesse se os seus amigos da cidade, os poetas como ele, o iam visitar, nem o que então faziam, de súcia literária; quais as ideias que aventavam, e se trocavam versos, rimas, sonetos *interpocula*, como em outras eras haviam feito, mesmo fora de Arcádias, poetas distintíssimos. Apenas encontro, entre os inéditos, um soneto hostil aos visitantes importunos, no qual o autor do *Marinícolas* se mostra muito enfasiado, no seu retiro de São Francisco, de pessoas que lhe solicitavam glosas,

*Anda a poesia a todo trote,
E de mim corre já como um lambique
Não sendo um destilador bricho.*

Com efeito, parece que tanto lhe haviam puxado pela veia picaresca que ele desatinava com pedidos insensatos, próprios apenas para malquistá-lo ainda mais com os poderosos. Por esses tempos só lhe mereciam versos os bons amigos do engenho, o moleque Moçorongo, que o alcovitava, e o cavalo Faísca, em que se transportava de uns pontos para outros. Uma lacuna cruel é, portanto, para os que hoje apreciam o incomparável satírico, a que o descuido dos homens deixou na história quanto às suas relações de ordem literária.

Pela sua obra sabe-se a quem ele agrediu na qualidade de pretensiosos licenciados do Parnaso. Mas de que modo viviam na Bahia, pelo menos de 1861 em diante, época em que o Padre Vieira recolheu-se à cidade do Salvador, Bernardo Ravasco, Eusébio de Matos, o jovem Rocha Pitta e outros cultores das musas e da prosa? Quanto a Antônio Vieira, sabe-se que, tendo ali chegado, velho, desiludido e quase cego, recolhera-se à quinta do Tanque, sítio aprazível que os padres possuíam nas imediações da cidade da

Bahia, e nesse santo retiro se encostara para completar a sua obra literária, revendo os seus sermões e reduzindo a livros os paradoxos a que o furor político o tinha arrastado.

É possível que no Tanque se reunissem os mais conspícuos da sábia colônia para ouvir a palavra ardente do jesuíta, que aliás, nem por viver nessa escolhida soledade, deixou de ser incomodado pelas intrigas de Teles Menezes e, ainda, nomeado provincial do Brasil.

Que Matos respeitava o conselho de Dom João IV e este admirava o poeta do *Marinícolas* não resta a menor dúvida. Mas não podemos saber o que na cidade do Salvador fizeram juntos; como se influenciaram mutuamente nos limites dessa amizade respeitosa. Sobre tão preciosa amizade não há documento algum. No que toca ao irmão Eusébio de Matos, presumo que, nos últimos anos, não fossem cordialíssimas as relações. Deixando a Companhia de Jesus e metendo-se a carmelita, o ilustre poeta sacro e pregador exagerara o seu misticismo; nessas condições, pois, e quando se ocupava em regradar com suas prédicas as freiras do mosteiro de Santa Clara, assistindo-lhes às festas e exortando-as à perseverança na virtude, não é admissível que recebesse com boa cara as invectivas com as quais o irmão desordenadamente mimoseava as inocentes virgens do senhor.

Gregório de Matos não poupou nem mesmo a santificação conventual das donzelas baianas, que, no fervor da crença do tempo, se haviam sacrificado à oração. Desesperado um dia de ver o alarde do Padre Damaso, pensou vingar-se, sujando com a própria sátira o cibório da virgem imaculada. Havia uma freira, de proverbial fealdade, e a quem provavelmente o Padre Damaso distinguia nos outeiros. Pois bem, Gregório de Matos não trepidou em converter essa simpatia clerical em um horroroso crime, em um nefando sacrilégio, tanto mais difícil de praticar-se quanto na Bahia todos se expiavam; e, na inconsciência do seu gênio detrator, uma boa tarde,

fez circular entre os folgazões palestradores de calçadas um soneto, em que afirmava que a freira, por motivo de acharem-na todos muito feia, se gabara de ter emprenhado e parido do “cônego avestruz”. Será crível que Eusébio depois disso não se afastasse do irmão?

Rocha Pitta também fazia parte da nobreza literária daquele tempo. Mas Rocha Pitta, muito moço então, estava a grande distância do futuro autor da *História da América Portuguesa* e ainda não se tinha transformado no *Vago* da Academia Brasileira dos Esquecidos; era apenas um poeta, que pedia a Gregório de Matos uma rima para *mim* e recebia do satírico um *molho de capim*. O autor de *Marinícolas*, pois, não o aplaudiu; e sabe-se que por causa do *capim* o historiador *in herbis* votou-lhe um ódio literário que para sempre os separou. Nada, entretanto, perdeu Gregório de Matos com essa caricata desinteligência; porquanto Rocha Pitta não passava de um árcade atoleimado, incapaz de absorver o que havia de bom em seu país, e que se dedicaria a escrever um *História* cheia de inexactidões para adular o acanhado espírito da época e colocar-se muito abaixo do modesto Frei Vicente do Salvador.

Fosse, porém, como fosse, mais do que Ravasco, mais do que Rocha Pitta, a Gregório de Matos entusiasmavam os companheiros do Recôncavo, que lhe nutriam os vícios senis e de poeta relaxado.

O Bento Pereira, que, como ele, fora arranjado e agora andava aos paus, não o deixava, e muitas coisas lhe indicou. Que prazer não lhe infundia o Henrique da Cunha, ostentoso e por todos disputado, quando do sítio de Itapema vinha à Cajaíba visitar os bons amigos? Logo todo o São Francisco sabia a boa-nova e a pimpona da Apolônia se enfeitava. Nenhum, entretanto, excedia em favores ao Ignácio de Parnamirim, o senhor, ao que parece, do moleque Moçorongo. Era este Ignácio que lhe trazia a lira encordoada, dando-lhe notícias não só das antigas conhecidas, como das que iam aparecendo. Todavia o poeta não lhe perdoou que levasse dois anos a iludi-lo com a entrega de uma viúva, que era a “glória de Itapema”.

Graças a tão amorável remanso pôde o velho sátiro completar a sua galeria de mulatas, dando os últimos toques ao lirismo crioulo que constituía a maior originalidade de seu estro.

Lirismo não é propriamente o nome que deve ter essa inspiração de um *caipora*. Se no fundo dele há a luxúria de Ovídio, na correspondência não existe o susto da mimosa Chloé, nem a mansuetude persuasiva do poeta sedutor.

Gregório de Matos descascava a própria madeira nacional e dela fazia a VIOLA que um século depois havia de ser tangida por Lerenó; as suas Chloris e Cynthias eram muito atrevidas, nada inocentes, quase todas refinadas em requiebrós e senhoras dos segredos de Canídia. As doçuras, portanto, dessa nova lira deviam ser iguais ao sumo de certas frutas tropicais, que afagam o paladar, mas cortam a língua e arrasam os epitélios.

Nessa original galeria não se encontram outros retratos que não tenham a predileta cor de canela. Gregório de Matos só uma vez pintou uma preta retinta, talvez porque o requestara; mas esse retrato é tão violento e recende por tal modo a clássica catanga de africana que parece destinado a fazer *pendant* ao célebre *Retrato do Braço de Prata*, aliás escrito no mesmo tom, em iguais figuras, quase com os mesmo tropos. Os das pardas são o tesouro da sua bem-querença, e o seu *estimaverunt*.

Brites foi-lhe a mais querida, apesar de tê-lo desprezado e admitido esposo.

*O amor correspondido
Não é o mais perfeito amar,
Que não se hão de equivocar,
Amante e agradecido,
Sempre contingência há sido*

*O rigor ou a clemência
E se de correspondência*

*Nascera sempre a vontade,
Não fora amor divindade
Porque o fora a contingência.*

*O amante que procura
Ser em seu amor ditoso,
Tem ambição ao formoso,
Não amor a formosura.
Quem idolatra a luz pura
Da beleza vigorosa,
Com fineza rigorosa,
Ame sempre desprezado,
Porque o ser eu desgraçado
Não vos tira o ser formosa.*

Todos esses desprezos cifravam-se em fugir o corpo ao poeta porque andava alcançado em anos.

Betica, como ele a chamava, dizia ao velho, na roça, que fugisse às moças porque o era; mas o sátiro, sempre jovial e petulante, não deixava o remoque sem protesto.

*A bofé não fugirei,
Enquanto Brites for moça.*

E quando as alusões atingiam a sua virilidade, o autor do *Marinícolas* remoçava, ameaçando-a com batalhas incessantes, e erigia-se como primitivo fauno de Lisboa.

*Nisso mais vos enganais
Que eu penteio desenganos,*

*Não pelo peso dos anos,
Pelo pesar que me dás.*

A ingrata casou-se todavia. O poeta então exultando, blasfemou.

Vós casada, e eu vingado...

• • •

*Chorar vosso casamento
É sentir a minha dor;
E agora me obriga o amor
A sentir vosso tormento.*

• • •

*Levai prudente e sagaz
Esse cargo, essa pensão,
Porque o erro de eleição
Consigo outros erros traz:
Se é de remédio incapaz
O erro do casamento,
Dissimule o sofrimento
Esse erro, porque maior
Não façam o erro do amor
Erros de arrependimento.*

Que, porém, devia esperar Gregório de Matos de Betica, senão esses e outros desenganos? Já então o poeta se esquecera de que lhe negara, havia tempos, cem mil-réis, acrescentando que lhe dirigira versos bem acerbos. Ele não era nenhum “comissário de frotas, que fizesse roupa de franceses dos brocados de Lisboa”. Como, pois, lhe

avesaria maquia tão graúda, se não batia moeda, ele, um idiota
“que para um tostão ganhar estudava toda a noite?”

*Cem mil-réis me vens pedir?
A mim cem mil-réis, menina?
Se eu algum dia os vi juntos.
Deus mos dê e tu mos comas.*

• • •

*Para que sendo tão rica
Pedes como pobretona,
Se esses teus dentes de prata
Estorvam dar-se-te esmola?*

*Que mais cebedal desejas,
Se é tão rica de pérolas,
Que com vários chistes pedes,
Todo um dia a mesma coisa?*

*Tu pedindo e eu negando,
Que coisa mais preciosa,
Que val mais do que desejas,
E a ti nada te consola.*

*Cem mil-réis de uma só vez!
Pois, pobreta, à outra porta:
Deus te favoreça, irmã,
Não há trocado, perdoa.*

Muito injuriado ficou o poeta com o vandalismo da Betica.
Declarou guerra ao casamento e tantas foram as pragas que rogou

às casadas que, por esse fato, não deixavam suas casas para irem folgar na roça, ao som das gaitas, com os gaiatos das ruas, que por um triz não se levantou o belo sexo da Bahia contra os seus desmandos.

– Casem todas – dizia ele – case esta e case aquela “e tão casada fique, que nem para fazer caca o marido a deixe, nem se lhe tire da ilharga”.

E não era isto só! Nunca fúria tamanha se viu um senil poeta despeitado!

*Case, e depois de casar-se
Tanto gema e tanto paira.
Que caia em meio das dores
Na razão das minhas pragas.*

*Case e tanto se arrependa,
Como faz toda a que casa.
Que nem para descasar-se
A vida da igreja saiba.*

De Betica marinhou o poeta para os dengues da Joana Gafeira. Depois do silfo, a jararaca. Esta, ao que se pensa, deu-lhe um ensino formidável, com o focinho torcido, o pescoço empinado e o beicinho esguelhado.

Era Joana Gafeira, na opinião de Gregório de Matos, uma mulata de “modos tão estrangeiros, alheios e peregrinos” que jamais conseguira fazer no seu peito “retroceder as tentações, nem arribar os desígnios”. Quando a rapariga lhe andava fazendo negaças com “um favorzinho de riso”, o poeta vingava-se preferindo-lhe a Úrsula, a Beleta e a notável pimpona da Apolônia, que dava o tom a São Francisco; e por isso não pôs dúvida em ferrar-lhe uma sátira feroz. A Joana arrepelou-se; mas tais arrufos não duraram,

porque o satírico, em tratando-se dessa gente, desfazia-se logo em doçuras de alfenins.

*E só feliz eu serei
Só logro em vossos carinhos.
E me impinges nesta cara
De vossa boca um beijinho,
Tendo-me em vossa graça.
E a queixa se torna em riso,
A malquerença em amor,
O desfavor em carinho.*

A Antônia de Parnamirim foi também outro motivo de desgostos para o autor das *Reprovações*. Os encantos dessa parda, a quem vulgarmente davam o nome de *Carona*, eram tais que o poeta não se pejou de declarar que nada sabia de amor aquele que não a preferia aos outros astros; e parodiando o *alba ligustra cadunt, nigra lilia leguntur* do mavioso mantuano, afrontava os céus para adorar um “pardo planeta”.

*Pisa airosa e compassado,
Sabe-se airosa mover,
Calça que é folgar de ver,
E mais anda a pé folgado;
Conversa bem sem cuidado,
Ri sizuda na ocasião,
Escuta com atenção,
Responde com seu desdém,
E ainda assim responde bem,
É benquista a sem razão.
É parda de tal talento,
Que a mais branca e a mais bela,*

*Poderá trocar com ela
A cor pelo entendimento.
É um prodígio, um portento;
E se vos espanta ver,
Que adrede me ando a perder,
Dá-me por desculpa amor.
Que é fêmea trajada em flor,
E sol mentido em mulher.*

A nada disso, porém, moveu-se a orgulhosa: e segundo refere o próprio cantor desses primores, o lírio, convertendo-se em cardo, fê-lo amargar um “ódio mortal e atroz”, que, não obstante, nunca conseguiu desanimá-lo. Todo o Parnamirim seguramente riu-se dessa doida paixão de velho sem juízo, quando este, regressando a São Francisco, se esforçava por consolar-se com a esperança própria de jovens namorados.

*Mil vezes o tempo faz
O que à razão não conveio,
Meterei, pois, tempo em meio,
Porque ele nos meta em paz.
Nós estais muito tenaz
Em dar-me um e outro não,
E eu, levado da afeição,
Espero tempo melhor
Onde o que não obra amor,
Vença o tempo, obre a razão.*

Tão rigorosa como as precedentes não foi a gentil Anica, que o andou enfeitando nos gerais da Cajaíba. Queixava-se o poeta de que essa mulher faísca o embriagava com segredos e mandingas.

*Não sei que pós foram estes
Que na alma me derramastes?
Não sei com que me matastes?
Não sei o que me fizestes?
Sei que aqui me apareceste,*

*E vendo-vos com antolhos
Topei com tantos abrolhos
Na vossa dura conquista,
Que me tirastes a vista
E me quebrastes os olhos.*

Não obstante, porém, as condescendências dessa guapa, não a poupou o satírico aos seus remoques, regateando-lhe uns sapatos. Um cruzado pediam pelos sete pontos da obra; mas tal era a quebradeira em que se achava o cantor que supôs-lhe pagar tudo com a candura da musa e umas quadrinhas eróticas, muito dignas do antigo estudante do Mondego.

*Um cruzado pede o homem,
Anica, pelos sapatos,
Mas eu ponho isso à viola
Na postura do cruzado.*

*Diz que são de sete pontos,
Mas como eu tanjo rasgado,
Nem nesses pontos me meto
Nem me tiro desses tratos:*

*Inda assim eu não soubera
O como tens trastejado
Na banza dos meus sentidos,
Pondo-me a viola em cacos:*

*O cruzado pagaria,
Já que fui tão desgraçado,
Que boli co'a escaravelha,
E toquei sobre o buraco.*

*Porém como já conheço
Que o teu instrumento é baixo,
E são tão falsas as cordas,
Que quebram a cada passo:*

*Não te rasgo, nem ponteio,
Não te ato, nem desato,
Que pelo tom que me tanges,
Pelo mesmo tom te danço.*

*Busca outros temperilhos,
Que eu já estou destemperado,
Estou na quinta do Pegas
Minhas coisas cachimbando.*

*Se tens o cruzado, Anica,
Manda tirar os sapatos,
E senão lembra-te o tempo,
Que andaste de pé rapado.*

*E andavas mais bem segura
Que isto de pisar em saltos
É susto para quem pisa,
E a quem paga é sobressalto.*

*Quem te curte o cordovão
Porque não te dá sapatos?*

*Mas eu que te roo o osso,
É que hei de pagar o pato?*

*Que diria quem te visse
No meu dinheiro pisando?
Diria que quem to deu
Ou era besta ou cavalo.*

*Pois porque não digam isso,
Leve-me a mim São Fernando,
Se os der, e se tu os calçares,
Leve-te, Anica, o diabo.*

•••

*Fica-te na paz de Deus;
Saudades, até quando?
Vem-te despedir de mim,
Porque de hoje a oito parto.*

Os bons amigos da Cajaíba honraram com certeza a firma do bardo da praia de São Francisco. Não há outra coisa que supor. O lirismo de Matos assim gradualmente se assevandijava, porquanto, se Brites e a Catona representavam na sua viola bandoleira a formosura, o dengue, o amor arisco e fugitivo, não acontecia o mesmo com muitas outras, cujas tafularias já o aproximavam dos bordéis da roça, ainda mais relaxados e vis do que os prostíbulos da cidade. Nestes casos se achavam: a Luzia Parnamirim, de quem o poeta apenas exigia afagos “ao ver e ao apalpar”; a Beleta de Francisco, buliçosa e desbragada; e a Jelu, faquista e desbocada; a Antônia Maritonda, moradora da Rua da Poeira, de cujas propriedades cáusticas nem a sátira pôde preservá-lo. Finalmente o poeta

até buscou os braços de Damásia, mulatinha escrava, faceira e mentirosa, que não se embaraçava em andar pelos batuques com os vestidos da senhora.

O DEPORTADO — EM ANGOLA; ÚLTIMO PLEITO
DO POETA — EM PERNAMBUCO; PARA A ETERNIDADE

Nessa situação, originalmente lírica, mas em excesso deplorável, encontrava-se Gregório de Matos quando chegou à Bahia D. João de Lencastre nomeado governador em substituição ao cunhado Câmara Coutinho. Era esse português dotado de maneiras lhanas e muito afável, e além disso grande amigo e conhecedor dos merecimentos do poeta, tanto assim que, quando passara do governo de Angola, fazendo escala pela Bahia, hospedado em casa do cunhado, mostrara-se imensamente desgostoso por não tê-lo Gregório de Matos visitado. Por essa ocasião exigiu que o autor do *Marinícolas* lhe dirigisse ao menos uma sátira: e este, se bem que receoso do *Nariz de embono*, dedicou-lhe não só uns formosíssimos versos congratulatórios, mas também, na festividade das virgens, celebrou a grandeza de quem se sabia descendente de D. Duardo, o paladino de Inglaterra. Fosse por essa amizade ou pelo que afirmam os biógrafos relativamente à influência de um sobrinho de Câmara Coutinho, D. João de Lencastre, apenas entrou no conhecimento da vida desregrada que o amigo levava em São Francisco e nos engenhos do Recôncavo, procurou por todos os meios arredá-lo dos vícios, moralizando-o. Louca tentativa, porém, era esta de querer dar juízo a um velho crapuloso. Como é fácil imaginar, Gregório de Matos se irritaria com a pretensão de tutelarem-no. Daí é possível que procedesse a resolução tomada pelo governador de remetê-lo para Angola.

Refere o licenciado Rebelo que Gregório de Matos fora apanhado à traição e que o seu maior amigo, Ravasco, justamente servira de instrumento ao governador para atraí-lo à cidade e embarcá-lo na primeira monção. Todos sabem como ele desobrigou-se na despedida do que devia à *senhora dona Bahia*.

Nada encontro nas poesias de Gregório de Matos que denuncie os seus despeitos em Angola. O poeta quando para lá foi deportado já era um septuagenário; o seu espírito, portanto, rodava sobre os mesmo eixos. Dizem, entretanto, os biógrafos que ele ainda pôde advogar com êxito e ganhar ali com que subsistir.

Parece que em Luanda não houve tempo para que o autor do *Marinícolas* entrasse em luta com “a canalha infernal” da localidade. Apenas enquanto demorou-se no degredo, teve ele ocasião de agitar o gênio cômico e atilado numa revolta de soldados. É bastante curioso o fato para que não o exclua desta resenha de acontecimentos referentes ao poeta.

Governava aquelas partes da África portuguesa Pedro Jacques de Magalhães, a quem D. João de Lencastre fizera as maiores e mais carinhosas recomendações no intuito de evitar ao desterrado sofrimentos e vexames. Gregório de Matos exercia pacificamente os seus misteres profissionais, quando um dia viu entrar por sua casa uma chusma de soldados pertencentes à guarnição da praça, a qual, amotinada e posta em armas fora do povoado, queria forçar o governador, seu general, a uns tantos caprichos de classe. Os arautos da revolta, pois, topando o advogado desprevenido, declararam que o vinham buscar para que ele os aconselhasse e formulasse as capitulações que devia apresentar ao seu superior. A posição era difícil, principalmente tratando-se de um desterrado já tão batido da sorte e a merecer socorro das autoridades da terra. Fossem, porém, quais fossem as razões então oferecidas, os soldados levaram-no até o acampamento, e aí, pondo-o entre a cruz e a caldeirinha, intimaram-no a que redigisse os artigos e proclamasse os direitos

dos desordeiros. Valeram-lhe nesse transe as retentivas de letrado, o sangue-frio e a velhice; e a lembrança talvez de algum recurso histórico, de que a sua memória andava bem provida, forneceu-lhe o meio de subtrair-se ao perigo adiando o seu trabalho.

– Meus amigos – disse-lhes o satírico, – é indispensável que me reconduzam ao domicílio, pois que sem que eu traga para aqui certa coisa de que me esqueci, nada poderei fazer à medida dos vossos desejos.

Os amotinados caíram na cilada e, pensando que o poeta se referia a algum livro de direito, arriscaram-se a penetrar outra vez na praça. Os rústicos e os populares são muito crentes em cartapácios e livros velhos; daí a simplicidade dos revoltosos, os quais tinham a causa por perdida, se o advogado não citasse a ordenação ou o regimento aplicável às suas desenvolturas. Gregório de Matos, porém, chegando à casa, pôs-se a revolver badulaques, e por último apresentou-se aos seus clientes armado da viola com que de ordinário se acompanhava em suas chulas. Com semelhante *provará* era que ele pretendia suplantar a lógica do general. Os amotinados, naturalmente despercebidos do que se passava, e espantados com o epigrama, cujo sentido desconheciam, deram tempo a que o governador operasse contra o movimento e os reduzisse à submissão.

Essa proeza do satírico baiano valeu-lhe as boas graças de Pedro Jacques de Magalhães, o qual não só o aproveitou como vogal no julgamento dos cabeças da revolta, depois arcabuzados, mas também, dando cumprimento às recomendações de D. João de Lencastre, permitiu que ele embarcasse para Pernambuco.

§2

Transportado para a capitania, Gregório de Matos procurou, embora tarde, reconciliar-se com o sossego. E já era tempo de o

fazer. Com efeito, aí foi bem recebido pelo Capitão-Mor Caetano de Melo e Castro, que tratou de dar-lhe bom agasalho. Diz-se que o procedimento desse oficial se pautara pelo que tivera o Governador D. João de Lencastre, quando embarcou o poeta para Angola. Melo e Castro mostrou-se muito sentido pelas desventuras de Matos, que se lhe apresentava então desarvorado e apenas adornado dos farrapos da miséria e do seu estro poético; presenteou-o com uma bolsa recheada de dinheiro e aconselhou-o com palavras calculadamente ásperas a que não exercitasse mais a sátira e vivesse sossegado como exigiam a sua idade e a sua posição. Não sei se Gregório de Matos, com a mão sobre a consciência, pronunciou o clássico – *promitto tibi, pater*. As anedotas do tempo dão a perceber que muito lhe custou manter o silêncio diante dos *açucareiros* de Pernambuco.

Vida gostosa levou ele, entretanto, passando, como já o fizera no Recôncavo, de engenho a engenho, onde o disputavam aqueles roceiros enfatiados, pelo muito que colhiam da sua convivência e inesgotáveis repentes de poeta.

O licenciado Rebelo atribui essa procura ao medo que os fazendeiros tinham das sátiras do autor das *Reprovações*; e acrescenta que esses homens o agradavam e adoravam do mesmo modo que alguns idólatras da antiguidade faziam sacrifícios ao gorgulho para que não lhes destruísse as sementeiras. Ou por ser igual ao gorgulho, ou promover a alegria dos hospedeiros, o que é certo é que Gregório de Matos pôde em Pernambuco atravessar os dias restantes de sua vida e falecer em 1696 sem maiores contratemplos da fortuna.

Pequena devera ter sido sua produção durante esse período, não só em consequência dos avisos salutareos que o capitão-mor lhe dera, como se se tratasse de uma criança travessa e mal-educada, mas também porque o tento não lhe sobriaria para repousar a musa e acender o plectro da sátira. Todavia os povoados de Sergipe e de Recife não escaparam a uma lavagem métrica das do

costume. Os quadros que o poeta fez das duas aglomerações de casas, como topografia cômica, são peças originais e dignas de se ler.

Caricaturas de gente tenho eu visto muitas; mas de povoações inteiras, num só soneto, só conheço essas de Gregório de Matos.

Não podendo o poeta agredir os habitantes, mofava das ruas, ridicularizava as casas, chasqueava das pontes e dos rios. Ainda talvez por isso Matos atirou-se a criticar a procissão de cinzas, que costumava sair em Pernambuco com o caráter de verdadeira mascarada indígena.

*Um negro magro, em sufulé mais justo,
Dois azorraques de um jóá pendentes,
Barbado o Peres; mais dois penitentes;
Seis crianças com asas sem mais custo:*

*De vermelho o mulato mais robusto,
Três meninos fradinhos inocentes;
Dez ou doze brixotes mui agentes,
Vinte ou trinta canelos de ombro onusto.*

*Sem débita reverência, seis andores;
Um pendão de algodão tinto em tijuco;
Em fileira dez pares de menores:*

*Atrás um negro, um cego, um meluco;
Três lotes de rapazes gritadores:
É a procissão de cinza em Pernambuco.*

Querem alguns que Gregório de Matos tenha falecido nos braços do bispo de Pernambuco D. Fr. Francisco de Lima, contrito e reconciliado com a religião. Outros levam o satírico até mesmo além da tumba, atribuindo-lhe uma quatra epigramática, dirigida

ao Cristo, por ocasião de lhe apresentarem, no arranco supremo, a imagem lacrimosa do crucificado.

Tudo isso, porém, carece de autenticidade. Gregório de Matos não era um ateu que necessitasse de reconciliar-se com Deus, pois que as suas desavenças tinham atingido somente os sacerdotes seus adversários; nem tampouco, no espasmo da morte, sucumbido, teria espírito para zombar de uma imagem que o aterrava, salvo caso de delírio. Fosse como fosse, em 1696 apagou-se o estro do primeiro poeta satírico das Américas.

Em 1713, Thomaz Pinto Brandão escreveu uma sátira em que o figurava ressuscitado em Pernambuco.

Parece que o espírito do poeta amorteceu no conjunto da alma brasileira. Entretanto, pode-se afirmar que até então nenhum brasileiro obtivera da natureza dotes literários tão exagerados. Depois disso a flor das nossas glórias emurcheceu.

O Brasil literário no século seguinte reanimou-se já muito tarde com o aparecimento de Santa Rita Durão e de Basílio da Gama. O *Caramuru* e o *Uraguai* deviam marcar nova época às aspirações da musa nacional.

§1

V arnhagen, bem como outros críticos que se têm ocupado com o satírico baiano, atribuem-lhe falta de elevação, e, sem negar-lhe a *vis comica*, consideram-no insulso em grande parte de seus versos, quando não fescenino e imoral. Quanto à última arguição, que se poderia dizer de Gregório de Matos que já se não tivesse dito de Catulo e Marcial? No que toca à primeira, porém, sendo mais graves os reparos, convém saber se a natureza dos assuntos, o gênero da composição e o próprio século, senão o meio, no qual nutriu-se e viveu o poeta, permitiam aquela inculcada elevação.

Não há grandes caracteres sem o apoio de uma grande síntese ou doutrina, insuflada pelo ambiente, ou criada, desenvolvida, pelo mesmo indivíduo que a preconiza. Ora, Gregório de Matos pertencia à raça dos dispersivos. Como a todo satírico, a síntese, a ordem, o amor social, as construções solenes lhe eram antipáticas. De que maneira, pois, podia ele arrebatarse a si mesmo e colocar-se no fuste do pensamento humano para pregar e elevar os outros? Por temperamento, a sua missão era unicamente destruir. E sob tal égide ele trabalhou sempre no Parnaso, apurando o próprio estro, que, segundo afirma, tinha sido criado para “mortal veneno” da Bahia. A isso acresce a influência do século; e o XVII, principalmente na sua última metade, foi um século de pequenos entusiasmos. Se é exato que Descartes no seu começo houvera

revelado o *Método*, indicando uma grande revolução no mundo das ideias, não menos verdadeiro é que a idade imediata viu não só as nações acercarem-se da *Razão d'Estado*, mas também a Igreja, então acomodada, colocar junto aos reis, dos que se reputavam fidelíssimos, a sagacidade dos confessores jesuítas. Essa pacificação dos espíritos e ao mesmo tempo esse abatimento de força coletiva eram a resultante das lutas que durante os séculos anteriores haviam sublevado a mentalidade no Ocidente.

Os reis entravam numa espécie de tranquilidade de conquista terminada, e os padres, mais do que a própria Santa Sé, enfim, os jesuítas, a eles associados pelo confissãoário e pela diplomacia, punham e dispunham do mundo, sem maiores objeções.

“Os costumes”, segundo dizia o grande Condorcet, “tinham-se abrandado pelo definhamento dos preconceitos que lhes mantinham a ferocidade. A influência do gênio comercial e industrial, inimigo das violências e das perturbações que afugentam a riqueza, devido ao horror que inspirava ainda o quadro recente da barbaria da época anterior, fazia-se sentir em uma propagação mais generalizada das ideias filosóficas concernentes à igualdade e à humanidade, infiltrando-se nos povos pelo efeito lento, mas seguro, do processo geral das luzes.”

Todavia, como pondera o mesmo autor, isso não impediu que a intolerância religiosa subsistisse na época a que me refiro. Um fato, porém, se observava, e era que essa intolerância coexistia “como uma invenção da prudência humana, uma homenagem aos preconceitos do povo, ou uma precaução contra seus exageros”. Estabeleceu-se, então, uma média tirada entre os pontos extremos do progresso que atingira o pensamento e a boçalidade do vulgo. Pode-se, portanto, dizer que no século: XVII houve tréguas entre a ciência e o obscurantismo.

A crença era uma coisa que a ninguém assustava, nem feria os ousados, porque estes mesmo quase não existiam. Daí surgiu

aquilo a que se deu nos países latinos o nome de *cultismo*. Nas letras esse fenômeno era um reflexo do estado filosófico: retórica, tranquilidade, aplicação sem iniciativa. Os países onde por mais acentuada debilidade esse fenômeno se tornou característico foram a Espanha e Portugal, porquanto, se lançarmos os olhos para a França, verificaremos que, apesar da trégua filosófica, nessa época, graças ao gênio e ao enorme impulso recebido anteriormente a Luís XIV, homens houve como Racine, Molière, Lafontaine, que conseguiram transparecer com sua individualidade através dos moldes que lhes impunha a retórica universalmente aceita. Em Portugal, entretanto, as academias chegaram a deprimir o espírito a ponto de se discutirem questões da ordem desta: *Se os favores de Nise eram concedidos de graça ou de justiça ao amor de Fábio*. Não chegavam a estas paragens os fogos do incomensurável Molière; nem ao menos as aquecia a inspiração de Calderón. Marini e Góngora, com os trocadilhos e conceitos, faziam todas as despesas de tal cozinha literária.

Nesse meio espiritual fora que Gregório de Matos se formara, e já vimos que ele, em Portugal, com tal ajuda conseguira produzir. A sua vinda para o Brasil, porém, atenuou-lhe essa influência. Liberto do jugo acadêmico, e não o havendo ainda na Bahia, era fatal que seu gênio assumisse inteiramente a sua natural tendência. Era ele talvez o único espírito culto que se exprimiu em português, no século XVII, sob a sugestão dos costumes e da musa popular. O autor do *Marinícolas*, pois, deu o mais que o homem nas suas condições poderia dar. Nisso reside todo seu merecimento. Alegre por índole, egoísta sem sistema, agitando-se numa sociedade relaxada, cheio de talento e não menos *verve*, que devia fazer senão alar-se até ao máximo da irritação satírica que o deleitava? Para ser feliz possuía o estro, e a liberdade lhe sobrava para maldizer. Não muito preocupado com a *Razão de Estado*; e sem amor às especulações de ordem filosófica, para não tropeçar na

pedra de escândalo de melancolia moral, achava perfeitamente boas as quatro regras da *Summa* temperada pelos exegetas e pelos juristas do século anterior. Quanto ao céu – um Cristo atenuado pelo tridentino. Para que mais? E para que aprofundar?

Vivesse Deus nos arcanos e houvesse paz aos homens de boa vontade. O mundo, portanto, e a vida se lhe apresentavam pelo prisma mais alegre e prazenteiro. De onde, pois, lhe vinha o pessimismo, se na alma não lhe pairava uma só névoa?

O pessimismo de Matos, além de ser objetivo, era local. Detestava Portugal; a Bahia não prestava. Nesta era que se concentrava o *punctum saliens* de sua quizília. Esplêndido é o contraste que o seu egoísmo proporciona quando a musa e o espírito se lhe aguçam em redarguir um dia “a doutrina ou máxima do bem viver”. Néscio se denominava ele nesses versos, porque só muito tarde cuidou que o era. “O tempo, a idade, a era” abriram-lhe por fim os olhos, e a experiência venceu a metafísica.

O tempo mostrara-lhe que, por não conformar-se com ele, nem com o lugar, o fizera de “todo arruinado”. “Na política de estado”, dizia ele, “nunca houve princípios certos”, e tudo quanto nesse particular afirmavam os avisados não passava de “acertos contingentes”.

*Muitos por vias erradas
Têm acertos mui perfeitos,
Muitos por meios direitos
Não dão sem erro as passadas,
Coisas tão disparatadas
Obra-as a sorte importuna,
Que de indignos é coluna.
E se me há de ser preciso
Lograr fortuna sem siso,
Eu renuncio à fortuna.*

No meio de tão discretas observações, achou, entretanto,
Gregório de Matos modos de conciliar-se com a Bahia.

Ei-los:

*De diques de água cercaram
Esta nossa cidadela,
Todos se molharam nela
E todos tontos ficaram.
Eu, a quem os céus livraram
Desta água, fonte de asnia,
Fiquei são da fantasia;
Por meu mal, pois nestes tratos
Entre tantos insensatos
Por sisudo eu só perdia.*

• • •

*Considerarei logo então
Os baldões que padecia,
Vagarosamente um dia,
Com toda a circunspeção:
Assentei por conclusão
Ser duro de os corrigir,
E livrar do seu poder,
Dizendo com grande mágoa:
Se me não molho nesta água,
Mal posso entre estes viver.*

• • •

*Alto, pois, com planta presta
Me vou ao dique botar,*

*E ou me hei-de nele afogar,
Ou também hei-de ser besta.
Do bico do pé até a testa
Lavei as carnes e os ossos;
Ei-los vêm com alvoroços
Todos para mim correndo,
Ei-los me abraçam dizendo:
– Agora sim que és dos nossos.*

*Dei pra besta a mais valer,
Um me serve, outro me presta,
Não sou eu de todo besta,
Pois tratei de os parecer.
Assim vim a merecer
Favores e aplausos tantos
Pelos meus néscios encantos,
Que enfim e por derradeiro
Fui galo de seu poleiro,
E lhes dava os dias santos.*

A ironia, contudo, não se traduziu em ato.

Gregório de Matos era hostil à gente besta da Bahia, e hostil permaneceu até morrer.

§2

Querer encontrar em Gregório de Matos o gênio político e social de Juvenal, que tentou levantar o espírito dos romanos; ou a filosofia de Rabelais, que nos seus livros fez a caricatura intencional de toda a sociedade de seu tempo, sob os auspícios de um extraordinário enciclopedismo; ou a moral de La Fontaine, que, traduzindo nas *Fábulas* os vícios humanos, ao mesmo tempo

retratou a corte de Luís XIV metendo o próprio rei na pele do leão, e rebaixando os áulicos, os nobres, os letrados até aos instintos inferiores do macaco, da raposa, do urso e da cegonha: querer, enfim, transformar uma criança maligna de 60 anos, embora genial, num pensador correto seria o mesmo que pedir a Baco e a Sileno que se virassem no Mefistófeles de Goethe. Aqueles exímios críticos de costumes, além de se terem afinado por outro diapasão, encontravam diante de si coletividades muito complexas e capazes de fornecer elementos mais completos para estudos sobre a humanidade e para a produção de obras colossais. O poeta baiano, longe disso, vivia numa sociedade inculta, em via de formação, que nem ao menos tinha o sainete da era que fora de Gil Vicente; para ele, portanto, só havia uma literatura, que era a literatura da chalaça. Essa chalaça Matos elevou à altura do gênio; e fê-lo convertendo-a no único fim da sua existência, sendo ele mesmo a chalaça viva: e de mais nada carecia quem, não desejando arrelhar-se com a vida, antes pretendendo gozá-la sensualmente, vira cedo quão fácil era relaxar-se e eximir-se a esforços de missionário ou de aventureiro, os únicos tipos que, naqueles tempos, podiam estar no Brasil a *quatre pattes*.

Vimos o que ele obrou na política e os desgostos que lhe advieram nesse terreno em razão de sua índole perdulária. Teoricamente o seu gênio foi ainda mais ferino, porque caiu a fundo numa instituição baiana incipiente e de que, como Maquiavel procurando censurá-la, tornou-se o principal fautor. Refiro-me ao capadocismo, cujas origens já foram assinaladas. Antes de tudo é preciso que se saiba que não cogito dessa bilontragem da cidade baixa ou de Bonfim, de violão a tiracolo e descantes à meia-noite, que se tornou clássica e hoje o sul conhece perfeitamente pelas representações do ator Xisto Bahia. O capadocismo de que Gregório de Matos foi o precursor é de maior envergadura, e tem recrutado os seus adeptos em todas as camadas sociais: – um temperamento desenvolvido

pela diuturnidade e adaptado à variedade de elementos que o ambiente ofereceu à conquista da formação primitiva.

O baiano, incontestavelmente, entre os tipos provincianos que se diferenciaram no Brasil, é aquele que apresenta mais atrativos. Nem todo mundo sabe o que é a vida brasileira, nem pode sentir a sua significação íntima. Vive-se aqui na ignorância de como e por que se vive; apesar, porém, da indiferença do maior número, o laboratório da natureza trabalha incessantemente e os tipos nacionais vão-se aos poucos alevantando. Como na maior parte das nações novas, os brasileiros falam uns com os outros, correspondem-se, tratam negócios, associam-se, xingam-se, atassalam-se, sublevam-se, abraçam-se, reconciliam-se, obrando em tudo sem programa assentado, e por isso julgam-se muito semelhantes. E tudo fazem num desabalo de consciência notável e mal percebem que o paraense sestroso não é audaz e paroleiro como o gaúcho do Rio Grande do Sul; nem o irritante cearense mostra-se descuidado à moda do flexível carioca; nem o orgulhoso pernambucano parece-se com o reservado paulista; nem o acessível maranhoto possui a igualdade de ânimo do mineiro rudo. E quando, na insciência das tradições de cada um desses grupos, por não terem perscrutado os vícios íntimos de cada uma dessas combinações étnicas vêm o êxito deste e o caiporismo daqueles, perguntam o porquê de tais acontecimento; e se se lhes diz que há uma razão resultante do momento histórico, mostram-se espantados e relutam em acreditar em qualquer afirmação, persuadidos de que nesta terra tudo até hoje tem sido obra da vontade caprichosa dos imperantes e dos mandões. É assim que se esquecem de que ao gênio afável e maneiroso deveram os baianos em grande parte a sua preponderância na política do Segundo Império.

O último imperador possuía a sagacidade necessária para o desempenho da política de que eram capazes as suas luzes e a

sua índole. Nessas condições não tardou descobrir que os políticos paulistas eram ainda muito aptos para criarem ao filho os mesmo tropeços que haviam oposto ao pai, na Independência e no período que se seguiu. Depois de ensaiados os políticos mais próximos da monarquia e postos à prova o gênio do sul e o do norte, a experiência e o instinto fizeram afinal pousar na antiga capital do Brasil. Os baianos tinham-se a esse tempo *bibianizado*. Marselheses da América, menos a *vis belicosa*, adaptaram-se por tal forma à política imperial que se pode dizer, sem errar, que, durante certo período, governaram o Brasil com exclusão de todos. Quem como eles, quer pela posição topográfica, quer pela promiscuidade de hábitos, estava em condições de fornecer a D. Pedro II a matéria-prima de que se havia de tirar a balança política do Império? Foi com essa balança, entretanto, que se conseguiu o equilíbrio dos partidos; mas foi também por meio dela que se impossibilitou o advento das grandes individualidades. A preocupação do fiel que oscilava, ora para um, ora para outro lado, acabou por sistematizar as explorações das posições, e os brasileiros, então esquecidos das energias que tinham ficado como resíduo do perigo regencial, capitularam diante desse jogo chinês que atacou a política de sensibilidade e por fim a própria individualidade de D. Pedro II – a única que se afirmava. Na duplicidade do alcovitismo ministerial, sobrenadaram unicamente os homens que tinham espírito e que, portanto, guardaram um resto de compostura em termos de ainda interessar o público. São muito conhecidos os perfis dos últimos estadistas brasileiros para que me ocupe de traçá-los e colori-los nestas linhas. Todos se recordam do Sr. Lafayette, do Sr. Ferreira Viana, e das sessões parlamentares picantes de ironias em que esses oradores faziam o reverso de outras solenidades dominadas pelas figuras de Zacarias de Góes e José de Alencar e dos

idiossincrásicos, que no parlamento mantiveram por algum tempo gestos de insurrectos.

Essa obra de decomposição do regime processava-se pacatamente por todo o Brasil, e o gênio da balança, insuflado pelo capadocismo, quando menos se pensou, tinha-se transformado no líquido intersticial dentro do qual se uniam e funcionavam todos os órgãos da política brasileira.

Geralmente se sabe a razão da queda do Barão de Cotegipe no seu penúltimo Ministério: a pouca vigilância exercida por um homem, aliás arguto, sobre si mesmo e sobre o contorno de suas relações particulares. Basta atender às circunstâncias que encenaram esse acidente político para chegar-se à verificação da influência que o temperamento baiano teve no atropelo da corrente despenhada na direção da catástrofe monárquica. Fatos tão vizinhos não precisam ser enumerados.

O espírito conservador abalou-se; os interesse de ordem econômica que o sustentavam, logo depois, com o advento da questão do trabalho, desagregaram-se. Viu-se então um fato contrastador: muitos homens ímpolutos saltaram como carneiros de Panúrgio por cima de todas as conveniências no intuito único de justificar o erro de um chefe; o que importava o mesmo que dizer que o partido conservador terminara a sua função, completamente aniquilado pelo parlamentarismo baiano. E desse modo feriu-se de morte a política daquele regime, que voltou ao poder exangue, apenas para predispor as complicações militares que teriam de determinar a proclamação da República.

Vê-se, portanto, que essa afeição especial, que tão grandemente concorreu para prejudicar a vida parlamentar no Brasil, não foi um produto do capricho. A Bahia teve parte nela como um dos seus mais importantes fatores, e assim puderam se compor os acontecimentos graças àquele meio híbrido, que descrevi, e do qual Gregório de Matos, há duzentos anos, fez a ilustração.

É verdade que em 1681 ninguém podia pensar em vida parlamentar, nem muito menos na sua expressão de decadência; mas não menos certo parece que, embora sem órgãos legais, essa função viciosa se ensaiava na índole de uma nação e na educação de um grupo.

Quem se lembrava lá do que então se estava constituindo na Inglaterra? Quem podia adivinhar que no princípio do século XIX apareceria um Benjamin Constant para doutrinar o pastel do parlamentarismo? Entretanto, o poeta das *Reprovações* presentiu no povo da Bahia o gênio do sofisma e teve uma inspiração profética.

A sátira dos *Gatos*, que ele escreveu como alegoria para fustigar “os ladrões da República”, parece uma obra feita por Laurindo Rabelo, em qualquer decênio posterior a 1865.

O poeta começa figurando sobre o telhado de Nize uma reunião de gatos, assentados em cabido, ao cair de uma noite muito clara, e de “luar galhardo”. O deão, um gato macilento, barbirruço e de cara chata, postado na cumeeira, preside a sessão; os demais em boa ordem.

*Pela cumeeira abaixo,
Lavandeiros de si mesmos,
Lavam punhos e rabos.*

Reina profundo silêncio; não se escuta nem um miau. O deão tosse dando um miau acatarrado. Um gatinho reinol pede a palavra “muito estico e mui magro, relambido de feições, e de tom afalsetado”. Quer falar, mas não pode, porque lhe põe embargos à loquela um outro gato casquiduro, um gato muito entendido em regimentos:

*– Eu sou gato de meirinho,
Disse, que pelos telhados
Vim fugindo a todo o trote
Do poder de um saibam quantos,*

*Com que venho a concluir
Que servindo a tais dois amos,
Hei de falar por primeiro
Porque sou gato de gatos.*

O presidente dá-lhe a palavra sob fundamento de que se trata de um gato mais prático – provavelmente de grande utilidade para os momentos difíceis.

Como se tem ouvido a muitos parlamentares, o orador começa por alegar, sob a capa de serviços, e a anunciar aos clientes as suas excelsas qualidades de velhaco e *vence tudo*. Criado em casa de um escrivão, reduzira a simples bichanos os gatos que aí tinham regalo. Crescera e aborrecera-se do dono para que se cumprisse o ditado do que o teu maior inimigo é o oficial do teu ofício; e por fim esse seu dono tomara-se de tal ódio que chegara a julgar o orador capaz de “dar-lhe até no ofício um gatázio”. Esbordado no entreferro da casa, fugiu um dia e acolheu-se “ao sagrado de uma vara de justiça, que é valhacouto de gatos”; o meirinho que o acolhera tinha no cartório e nos armários a quaresma toda a vida. Faleceram-lhe, pois, as forças para comer os ratinhos da casa que eram todos ou parentes do amo ou paisanos, e quanto aos do Douro, inútil presa, porque, grandíssimos velhacos, ratinhos em Portugal, no Brasil se fizeram gatos. As suas qualidades deviam, portanto, ser reconhecidas; e acrescenta:

*Eu sou gato virtuoso.
Que a puro jejum sou magro:*

*Não como por não ter quê,
Não furto por não ter quando.
E como sobra isto hoje
Para me terem por santo,
Venho pedir que me ponham
No calendário dos gatos.*

À elocução desse orador oportunista, de envergadura jurídica, cético, sofredor e ao mesmo tempo gracioso, segue-se a parlenda de um outro, “muito ético de espinhaço”, que se levanta sobre as muletas das pernas. Gato de boticário, tratado a récipe de pancadas, acusado mais de uma vez pelo amo, por ter comido boiões de unguento branco e bebido canjirões de ruibarbo, perdido o humor, solicita do cabido providências contra o mandão, e poderia acrescentar hoje – da sua província, por ter-lhe feito perder a fatia ou a eleição. A este *speech* de orador fértil em recriminações provincianas acode o gato dum alfaiate entoando o *jube domine*, humilde, e medidor de frases. De fraca procedência, “gerado sobre um telhado, alcoviteiro de gatos”:

*É pardo rajado em preto,
Ou preto embutido em pardo,
Malhado ou já malhadiço.
Do tempo em que fora escravo:
Tão caçador das ourelas,
Tão murador dos retalhos,
Que com onças de retrós
Brinca qual gato com rato.*

O orador que assim fala seria na atualidade um ótimo enrolador de eleições. Jesuíta e manhoso, a se lhe dar crédito, não há quem mais tenha sofrido e com tanta paciência. Uma vez sobre

o retrós, com as patas mansas, fez tal meada que, agarrado pelo rabo, foi atirado da varanda em cima do empedrado, como quem diria, em tempos clássicos de eleições – posto para fora da igreja a cacete e a pedradas. Entretanto, por tamanhos sacrifícios nada cobra, nem pede coisa alguma, como outros menos escrupulosos.

*Pelo menos quando eu corto,
Nunca dobro a tela em quatro,
Por dar um corte a seu dono,
E outro a mim pelo trabalho.
Nem menos peço dinheiro
Para retrós, e não gasto,
Porque o gavetão do cisco
Me dá o retrós necessário.*

O que requer finalmente esse gato? Que lhe deem outro amo; porque um cão não pode “ser dono de um gato”.

Um alfaiate que corta largo, ou um chefe político, que tem como secretário um artista, acaba por destruí-lo ou por meter-se nos seus retroses.

E assim pensa o cabido, que, espantado, declara à vista de tamanha sapiência que todos os presentes não passam de gatos mirins, que ainda andam engatinhando; e decreta que:

*O gato tome amo novo
Em qualquer convento honrado,
Seja fundador barbônio,
Ou sacristão-mor do Carmo.*

Nesse ponto vai-se erguendo outro gato, que, “amortalhado de mãos e os ombros em arco”, se põe prostrado em terra. Vendo-o, o poeta exclama logo: “me matem, se não é dos franciscanos”.

Com efeito, é um frequentador de refeitórios, criado de despenseiro, “custódio de cozinha”. Esse dialeto diz que dera má conta do cargo porque sisando rações estivera como guardião de tassalhos. Mui gordo e anafado em outros tempos, em razão de que os sacos das esmolas se iam então despejar em casa, via agora do refeitório reduzido a uma Tebaida de gatos, porque os bolsos chegavam ocos. A política dos enganos d’alma não produzia chelpa. Se estas coisas, porém, o entisicavam e esburgavam o espinhaço, não era tanto por fome, como pela indignação que lhe produziam. Um escândalo! Novo Alceste, esse gato não podia mais viver entre os homens. Como diriam hoje muitos descrentes da política, a fé desertara da terra, as instituições estavam perdidas; só uma nova ressurreição do Cristo conseguiria encaminhar a sociedade depravada para as sacolas cheias e para gordura antiga. *Laudator temporis acti!* Os gatos de pedra e cal eram os que mais duravam; esses é que se chamavam gatos!

Todavia, apesar de tantas exibições pessoais, apesar de tantas retaliações mesquinhas, não se sabe com que fim se reúne tão venerando cabido; os seus membros miam, tornam a miar, sem que cheguem a provar o que com tais parlendas tem de comum a República. Nisso troa no ar um tiro de bacamarte, que de um quintal dispara um soldado malfazejo. Susto geral; decompõe-se a audiência, e cada qual, aos saltos e aos pinchos, pelo vento fora, vai, de telhado em telhado, procurando o seu esconderijo. Passam-se minutos, quando alguns se lembram de olhar para trás, atônitos e assustados, e como se encontram “desunidos, confusos, *desarranchados*”, usam de uma contrassenha, “miau aqui, miau ali”, e aos poucos vão-se depois juntando. Quem os dissolvera? Um desalmado, que não compreendia talvez as sutilezas da palavra. E se outra vez se reunissem? Se fossem fazer conciliábulo em lugar mais reservado?

Um prudente, porém, aconselha:

*Cada qual para a sua cabana
Que hoje de boa escapamos.*

Outros relutam e pretendem reconstituir-se. Os altos destinos, porém, tinham determinado que o cabido de gatos nada era. Chuvisca naquela hora e os meliantes safam-se de um salto,

*Porque de água fria
Há medo o gato escaldado.*

Não sei que melhor pintura se poderia hoje fazer do parlamentarismo transacto.

Gregório de Matos profetizou-o; e deve-se dizer até que antecipou a história da nossa primeira constituição nos dois fatos culminantes, um accidental e outro permanente. A constituinte de 1822 sabemos que se deixou dissolver por um soldado malfazejo, embora rei, mas amigo das armas e cavaleiro. No Segundo Império tivemos muitas ocasiões de verificar efeitos dos chuviscos imperiais – as chamadas dissoluções para consulta da nação.

A sátira dos *Gatos*, portanto, parece-me completa; e não sei o que mais admirar nesse trecho de boa poesia, se a antecipação genial do autor, que há duzentos anos se encarregava de fazer obra para este fim de século, se a analogia dos caracteres, dos tipos, dos indivíduos, enfim, que tomaram atitude em sua oficina de poeta como modelos para que ele os retratasse tão eloquentemente. É mais provável, contudo, que seja a analogia dos clérigos, dos políticos, dos capadócijs daquele tempo, com os de hoje, o que mais tenha concorrido para esse efeito: porque, em verdade direi, não há um só dos aludidos gatos que não nos recorde um parlamentar ou um rábula do Segundo Império.

Os elementos simples do capadocismo já em 1681 existiam vivos na sociedade baiana; depois disso apenas cultivaram-se,

tornaram-se mais complicados, travaram relações com os outros centros do país e, generalizando-se, pela simpatia natural da raça fizeram o Brasil todo miar.

Miou-se por muito tempo nesta terra, em bemol e em bequadro; a pata aveludada do felino tirou por largos anos a brasa para a sua sardinha; e a esse coro presidiu um deão de qualidades excel-sas, que nem sempre soube bater-lhes com a vara do poder dizendo – *sape*. Afinal, felinos, mais decididos e acostumados à caça, se levantaram, e um dia fizeram debandar a raça.

IN EXCELSIS AINDA — O AUTOR DAS REPROVAÇÕES
E O PADRE ANTÔNIO VIEIRA — POÉTICA — O GÊNIO DE
LUNDU — A LÍNGUA DE GREGÓRIO DE MATOS

§1

É incontestável que, apesar de dispersivo, Gregório de Matos foi a mentalidade mais alevantada do seu tempo, no Brasil.

Se é verdade que ele não compreendeu, como filósofo, a vida brasileira, é certíssimo que a sentiu agudamente e a traduziu em suas sátiras de um feitio admirável. Ninguém competia com o autor das *Reprovações* na propriedade da representação do meio no qual viveu; ninguém ungiu-se tanto da acrimônia do ambiente brasileiro; ninguém deu tão crua caça aos defeitos, vícios e misérias da Bahia; ninguém teve tão grande faro para perseguir ridículos triunfantes, durante o período da história brasileira colonial, o mais ardente em apetites. Os tribofes e os sindicatos, que naquela época se preparavam no Cabido e no palácio do governador, sofreram desacatos terríveis da sátira; o poeta, incorruptível nesse departamento da moral, excluiu-se, entretanto, de todos eles e denunciou-os perante a posteridade que não perdoa. Felizmente o fez com talento: porque, depois de dois séculos, temos a fortuna de estabelecer a filiação dos vícios propriamente nacionais, para melhor conhecê-los e eliminá-los.

O único vulto que se avantajou a Gregório de Matos foi o do Padre Vieira. Brasileiro pela educação, esse jesuíta assimilou muita coisa da terra que o adotara; o cultismo do tempo, porém, pervertera-o até a medula. Orador, teólogo, político, girando na

esfera áulica onde o poeta baiano nunca conseguira penetrar, Vieira, que sabia quanto pesava o seu talento literário, teve a desventura de não conseguir separar as diversas artes em que se propôs ser grande. Já houve quem o comparasse, por causa do uso frequente das antíteses, ao poeta francês Victor Hugo. Não duvido aceitar a comparação, por verificar em ambos a existência do mesmo erro de perspectiva: ambos levaram para a política e para a vida prática sínteses poéticas inexequíveis, que fariam dizer a qualquer aprendiz de patifarias políticas: – aqui tem dois grandes toleirões! Gregório de Matos, ao contrário, logo que enxergou mulatas, meteu os pés no cultismo e entrou na posse plena de sua originalidade. Entretanto, o autor da *Arte de furtar* possuía veia bem satírica; mas cada um sacrificou à sátira o que lhe pareceu menos importante e fê-lo a seu modo: Vieira às agudezas antepôs a seriedade política e a diplomacia, e daí passou a ser hipócrita, céptico, ladino; Matos pospôs à veia cômica família, amigos e dignidade pessoal, demoliu o sossego e criou o inferno na própria vida social. Um e outro, por essas mesmas considerações, são as chaves históricas do século XVII. Por eles é que podemos conhecer todo os segredos da época.

O pregador e conselheiro de D. João IV revelar-me-á, mais tarde, por queixas particulares e cartas de conforto, posteriores a sua queda, enfim, por indiscrições e leviandades, o que se fez atrás dos bastidores do teatro da vida daqueles dias.

Qual a razão por que o satírico, contudo, não ofendeu esse filho ridículo da política?, pergunto de novo. Creio explicá-lo, em primeiro lugar, com a posição eminente de Vieira que se não cansava do o elogiar; em segundo, com o fato de que os dois grandes homens só tiveram contato na época em que o pregador, alquebrado, recolhia-se à vida silenciosa do claustro para reeditar o seus últimos livros e corrigir os seus sermões. Acresce que o jesuíta, embora nascido em Lisboa, se fizera um brasileiro dos

quatro costados. Filho espiritual da Bahia, onde estudara e recebera ordens sacras, a sua imaginação trabalhava sem tréguas sobre essa massa informe a que então se dava o nome de Brasil, como se dissesse o ideal da construção de um país novo, uma *utopia*; essa utopia, com toda certeza, desenfurecera e desarmara ao autor caipora das *Reprovações*. Sendo a utopia de Vieira, em último caso, a ruína dos reinóis, vulgo *unhates*, dos clérigos mulatos, do cabido, dos governadores *et commitante caterva*, a sátira com ela fez as pazes e ambas abraçaram-se. Desse contubérnio nada de positivo gerou-se, porque a primeira se dissipou com o tempo e até se deixou esquecer profundamente, e a segunda afundou-se na tempestade do luxo de D. João V, que soube reduzir o Brasil à mais explorada das feitorias, logo depois de morto Vieira, o qual, aliás, perdendo antes as boas graças de D. João IV e de D. Teodósio, vira subir a onda do materialismo prático do *ganha dinheiro* e do chicote do negro até ao misticismo dos conventos de Portugal.

§2

A estética de Gregório de Matos, à maneira da de todos os grandes autores, era muito simples. Parece que na factura dos seus versos ele dava impulso à máquina e não se ocupava em meditar, cingindo-se à regra de Quintiliano *detrahere, adjicere et mutare*.

Como vimos anteriormente, o seu regresso ao Brasil equivalia a uma completa libertação de qualquer influência literária. Observar, agitar-se e compor: eis tudo. Essa circunstância bastou para o *fiat* do mundo estético que convinha à natureza resoluta e intransigente do poeta. Invenção, não se pode dizer em rigor que a cultivasse, porque o círculo percorrido pela sua fantasia, pouco complicado, não se prestava às combinações que se encontram em escritores do outro lado do Atlântico. A imaginação, todavia, mostra uma pujança extraordinária, porquanto Gregório

de Matos conseguiu descobrir e tornar visível o colorido da vida tropical baiana, que ninguém percebia naquela época e que somente nós agora, após tantos anos, podemos apreciar, classificar e enaltecer como um tipo digno da arte, da literatura. Engenho, argúcia, são qualidades que a cada passo se manifestam nas obras do autor do *Marinícolas*; não é preciso estudá-lo a fundo para verificar que ninguém no seu tempo teve mais sagacidade do que ele para agravar situações cômicas e arrancar malignamente os biocos dos palermas. Há versos de Gregório de Matos, infelizmente intraduzíveis, nos quais se topam situações e analogias de que só se lembraria um diabo, mas um diabo peçado por crivo de fios aristofanescos tramados com luxúria por mão de uma feiticeira. De ordinário nessas composições o cômico resulta da personificação de funções fisiológicas do mais difícil metaforismo. Gregório de Matos manejava esses elementos com uma felicidade genial. Foi assim que o sacrílego poeta, enamorado de uma freira bem pouco honesta, após longos meses de requestos, conseguindo uma entrevista, se mostrou surpreendido por encontrar a gruta do amor embarçada pela impertinência de um cardeal. Já era a quarta ou quinta vez que esse cardeal se interpunha aos seus haustos de baiano velho e amoroso; o que determinou que o poeta, cheio de indignação, acusasse a pobre sóror de andar em toneira de púrpuras indiscretas. Como estas milhares de perversas metaforizações só comparáveis às do Aretino.

O sentimento do pitoresco, entretanto, foi-lhe escasso, no que toca a grandeza regional. Não há um só verso de Gregório de Matos em que se pressinta um pequeno entusiasmo. Dir-me-ão que esse sentimento da natureza, como pretendeu explicar a crítica moderna, só apareceu depois de Rousseau e de Bernardin de Saint-Pierre; mas essa razão não é suficiente, porque, sem pedir meças aos futuros Rousseaux, todos os viajantes do século XVI que escreveram cartas ou relatórios para o velho mundo, como bem

o mostrou Humboldt no *Cosmos*, inclusive o próprio Cristóvão Colombo, deram grandes brados de admiração e por instantes se fizeram verdadeiros precursores da poesia chamada descritiva. A razão de não haver o poeta do *Marinícolas* deixado vestígios das suas impressões de naturalista encontra-se na sua inaptidão para exercícios contemplativos. O rumor do seu espírito de fauno espancava o silêncio das florestas e a pacatez dos campos; de sorte que não havia lugar nos seus versos para o esplendor da paisagem dos trópicos. Outro tanto, porém, não sucedia com o que se reportava à vida crioula. Aí o seu realismo chegou até a ser sobre-agudo; ninguém hauriu o Brasil tão fortemente.

Gregório de Matos apoderou-se de todos os tipos e personagens que lhe afrontaram o olhar perscrutador e maligno. A galeria que produziu é talvez uma das mais completas relativamente ao meio gerador: ele não cingiu-se como Boileau a esboçar croquis de personagens abstratos, generalizações de vícios observados no seu meio social; as figuras, ao contrário disso, aparecem inteiras, vertendo sangue, vociferando, e, no conjunto da obra, formam um quadro da vida baiana extraordinário de luz e de verdade.

Pode-se até dizer que nas décimas e estâncias contidas nos códices que ficaram o poeta deportou para a posteridade a Bahia inteira, com os seus sórdidos *unhates*, mulatas petulantes, primitivos capadócijs, cônegos abestruzes, frades reinóis, freiras enganadas, governadores brigões e até moleques alcoviteiros.

§3

A influência que Gregório de Matos exerceu no Brasil é difícil de determinar por via documentária. Tendo sido esquecido, como foi, no mundo literário, raras são as referências à sua pessoa até a época do Romantismo; parece incontestável, entretanto, que essa influência se produziu na massa popular pela reprodução

automática, pela imitação contínua do seu modo de poetar. Uma das provas mais convincentes desse asserto nasce do fato de que em toda a zona que se estende do centro do Ceará até aos limites da Bahia ao sul toda a poesia popular picaresca se ressentia do estilo especial do poeta. Há centenas de versos por aí além, mais ou menos truncados, que são visíveis superfetações dos *Retratos* compostos por Gregório de Matos. As descalçadeiras em padres irregulares e pelo mesmo feitio da do Padre Damaso topam-se às dezenas na boca dos violeiros do sertão; e se se atender ao lirismo do mulatame, então os rapsodas tornam-se infinitos. Não só rapsodas, mas também filhos legítimos do autor do *Marinícolas*, e particularmente os que são hoje reconhecidos como tais, Moniz Barreto, Laurindo Rabelo e Armando de Castro, baianos que beberam as suas principais inspirações pornográficas na corrente intensificada pelo grande satírico.

Não se deve negar a Gregório de Matos a paternidade do lirismo que desliza em licença a cada passo; o autor dos versos a *Duas moças pardas* é o Homero do lundu; dando-lhe direito de cidade, ele aperfeiçoou-o nos engenhos do Recôncavo, ao som da célebre viola fabricada por suas próprias mãos.

Em capítulo anterior mostrei como o poeta extraiu essa forma literária do folclore brasileiro, pondo-se em contato com a muçama dos engenhos, que constituía o tipo intermédio da graça, da brejeirice, do catitismo, ao lado da preta quituteira e da sinhá-moça. Resta dizer o que em essência essa criação significa. O lundu, que é tudo que pode haver de mais dengoso em matéria de canto e coreografia, excede a seguidilha espanhola, com a qual guarda parentesco, e a dança voluptuária do ventre das orientais. Não é tão ideal como a primeira, nem tão bruta carnal como a segunda; é, porém, mais quente do que ambas, sem desabrochar na lubricidade descabelada das falotomias antigas. No lundu há uma leveza de pisar, um airoso de porte e uma meiguice de voz que não

se encontram em nenhuma das manifestações similares de outros povos mestiçados: e a sua maior originalidade consiste no ritmo resultante da luta entre o compasso quaternário rudemente sincopado dos africanos e a amplificação da serranilha portuguesa, Essa fusão de ritmos na península deu cabimento à *caninha verde* e à *chula*, cuja grosseria diariamente observamos. A mulata, entretanto, vibrátil, ciosa, por vezes lânguida, pondo os incitamentos desses dois ritmos nos quadris, como expressão da sexualidade, subordinados ao canto apaixonado, estuoso e ao mesmo tempo grácil, começou a sincopá-lo a capricho, produzindo flexuosidades quase inexprimíveis e de um erotismo refinado.

Gregório de Matos compreendeu perfeitamente essa espécie de dialeto opugnado pelo automatismo étnico, e apoderou-se dele como se fosse a melhor coisa do Brasil. Afinado e temperado por mãos tão hábeis, o lundu subiu as escadas da casa-grande do engenho e depois entrou nas salas da cidade. As sinhazinhas, porém, por natural recato religioso, abandonaram o requebro do corpo e passaram-no para os olhos mimosos; e no canto, ao som da viola ou da guitarra, o lundu perdeu a vivacidade, tomou o tom da saudade, e melancolizando-se deu origem à modinha.

É sabido como no século XVIII a modinha impressionou Portugal. O Padre Caldas Barbosa, mulato como o Padre Damaso, fez época em Lisboa, e a doçura brasileira pôs nesse tempo os corações de rudes épicos em grande agonia. Depois no Brasil, tornaram-se célebres os descantes do Padre Marinho, que foi o Petrarca do violão, até que, passando a modinha para o piano, se deixou explorar por franceses e italianos. Ainda não há muitos anos que eram praga as modinhas de Fachinetti e de Amat, compostas sobre letras de G. Dias, de Bonifácio de Abreu e de outros trovadores menos conhecidos.

Operada essa separação do lundu e da modinha, sucedeu que, especialmente na Bahia, os capadóciolos voltaram à forma primitiva e firmaram o lundu baiano, que hoje nos é familiar. Mas quem

quiser conhecer essa forma em sua pureza há-de ir à terra em que continua viva a corrente gregoriana. Só na Bahia se pode obter uma sensação completa do lundu moderno, sem mescla de chibas, sambas e de outros sapateados pervertidos pela preguiça do tupi, nos quais as pernas e não os quadris fazem a maior despesa da coreografia. O Bonfim e o Rio Vermelho são as novas Tessálias onde se se encontram os ritos verdadeiros dessas feitiçarias. É nesses sítios amenos que se podem ouvir o canto e a dança daquelas mulatinhas que são “os pecados” do célebre “senhor Pereira de Moraes” da trova popular; é nas festas adicionais ao culto demótico do catolicismo, nos ritos eróticos da Vênus infusa de todas as raças celebrados nas adjacências do Bonfim, que se pode ver a força do estro que criou todas essas lendas crepitantes de amor, onde se observam ainda os novos Pereiras de Moraes.

*Falando baixo
Para meter palavreado.*

Depois virá a expressão poética da guloseima dos apaixonados:

*Bravos os dengos
Da minha iaiá,
Moqueca de coco,
Molho de fubá;
Tudo benfeitinho
Por mão de sinhá;
Tudo mexidinho
Por mão de iaiá.
Qual será o ladrão
Que não gostará?
Qual o domônio
Que não comerá?*

§4

Gregório de Matos usou também de uma língua sua. As liberdades lexicológicas e sintáticas que vão hoje penetrando no idioma português, em ameaça flagrante de transformá-lo em língua brasileira, encontram-se quase todas nos versos nacionais do autor do *Marinícolas*. O seu vocabulário rico, variado, cheio de termos tropicais, contém dois terços, pelo menos, dos vocábulos de origem africana e tupi, que foram coligidos no dicionário de Moraes.

Barbarismos e solecismos foram por ele introduzidos com uma graça nativa só comparável ao encanto dos escritores da chamada decadência romana, como Petrônio e Apuleu. O fulgor, o esquisito e o capitoso das descrições de Gregório de Matos nasceram precisamente da adaptação desse exotismo na língua materna, censurável em outros, mas admirável no poeta, pelo modo e talento como o fez.

A sintaxe nos versos de Gregório de Matos da última fase nada tem em comum com a que usavam os poetas do tempo; a regência é direta; o hipérbato, pouco empregado; e as ideias têm uma clareza que não se acha nos cultistas do seu tempo.

Rara é a idiosincrasia citada pelos dialetistas da atualidade que não tivesse sido registrada na língua do poeta baiano.

A redondilha menor, que foi tão guerreada por Bocage, firmou o seu domínio na poesia popular; e Matos tirou desse metro tais recursos que não sei o que mais admire, se a sua audácia, se as ilusões rítmicas que produzem os seus versos petulantes.

Aqui terminam a história da vida e a crítica do talento de Gregório de Matos. Outros terão subido mais na sublimidade do estro; nenhum, porém, representou tão originalmente o gênio do Brasil inteligente.

I

Gregório de Matos – Da biografia escrita pelo licenciado Rebelo e do trabalho de Vale Cabral publicado como introdução ao 1º volume das *Obras poéticas* de Gregório de Matos, verifica-se que o poeta, nascido, segundo o *códice* mais aceito, em 7 de abril de 1623, foi remetido para Portugal aos 14 anos, a fim de estudar em Coimbra para jurista. Filho de fidalgo português Pedro Gonçalves de Matos e de sua mulher Maria Guerra, o poeta herdou do lado materno as agudezas que o tornaram célebre. Era o mais moço de três filhos que procederam do casal, o que fazia a ilustre matrona declarar que “Deus lhe dera três filhos como três sovelas sem cabos”. Uma dessas três sovelas sem cabo foi Euzébio de Matos, notável poeta sacro e pregador não menos ilustre.

II

Retrato de Gregório de Matos – Conheci pessoalmente no Ceará um padre de nome Alexandre Cerbelon Verdeixa, o qual, tanto pela figura como pelo estro satírico, se transfigurou diante de mim no poeta baiano. Esse olhar por cima dos óculos, a que os biógrafos de Matos se referem, o padre também possuía, e era sempre o seu gesto inicial quando a sátira partia. O Padre Verdeixa foi na vida e na morte em tudo parecido com o autor do *Marinícolas*. Finou-se no hospital da Misericórdia do Ceará, após uma vida

diabólica e cheia de inesperadas anedotas. O povo chamava-o *seu Padre Alexandre*, e ele alcunhava-se de *Padre Deixa-ver*. Com efeito, deixou a vida brigando com Deus e todo mundo: nem a batina e o breviário escaparam à sua sanha picaresca, pois foram por ele queimados antes de falecer.

Existe atualmente naquele estado uma sociedade literária que nos respectivos estatutos consignou um artigo no qual se impõe como trabalho dos associados a organização da biografia e a coleta das lendas espalhadas entre o povo a respeito do dito sacerdote.

III

Obnubilção – Num artigo que publiquei na *Semana* (1887) sob título de *Introdução à história da litteratura brasileira* declarei que na crítica dos materiais da história nacional tinha-me deixado impressionar profundamente pelos que se referem à lei assim pitorescamente denominada. Essa lei constitui o eixo dos meus trabalhos sobre o Brasil, e é por essa tendências que me tenho afastado de outros críticos. Fortíssima nos dois primeiros séculos de nossa vida colonial, ela atenuou-se no terceiro e transformou-se no último.

No intuito de desenvolvê-la, planejei uma série de perfis de que o de José de Alencar foi o primeiro, e o de Dirceu o segundo, e a que se seguirão os de Anchieta, Bento Teixeira Pinto, Frei Vicente Salvador, Gandavo, Cardim, Gabriel Soares, Padre Antônio Vieira, Ravasco, Rocha Pitta, Euzébio de Matos, Durão, Basílio da Gama, os Inconfidentes, Magalhães, Gonçalves Dias, Porto-Alegre e de outros vultos complementares da nossa literatura.

A influência a que me refiro e sobre a qual tenho muito refletido decompõe-se nos seguintes teoremas:

Considerando-se todo homem centro do universo, verifica-se que toda força individual tende a transformar-se em coletiva: assim como toda força coletiva tende a buscar um órgão uno de expressão.

A força política, regularmente, antecede às outras forças, porque lhe é mais fácil a utilização da força física. Essa gradação, porém, às vezes trunca-se; e é assim que hoje nos Estados Unidos vemos no Grande Oeste começarem cidades por onde outras acabaram.

No Brasil, as forças individuais, desamparadas na vastidão da terra novamente descoberta, aniquilavam-se, quase perdidas as origens e esquecidas de si mesmas. Nessas condições, o colono e o aventureiro, quanto mais se afastavam da costa e dos pequenos núcleos de segurança, mais se animalizavam, descendo a escala do progresso psicológico. Durante os primeiros séculos essas forças dispersas, não encontrando vida social em que a sua superioridade os ativasse por vitórias que deveriam ser certas, entraram em luta com as próprias feras. Os selvagens, superiores no seu meio pelos hábitos, os venceram muitas vezes. Foi necessário, portanto, que, alijando a bagagem de homem civilizado, os mais inteligentes para a situação se adaptassem ao novo *terrier* e se habilitassem para concorrer com os primitivos índios. Essa transformação, porém, não se fazia sem deformação moral, e foi o que sucedeu aos trugimões, aos língua, e na geração seguinte aos pais dos mameucos, aqueles que se uniram às mulheres tupis.

À proporção, pois, que esses tipos de obnubilados se foram condensando, por outro lado também se foi tornando possível a transplantação dos elementos de civilização. Sem eles nem Villegaignon teria permanecido no Brasil dois dias, nem os jesuítas teriam fundado o colégio de Piratini.

A influência daquela lei tinha, entretanto, gradações, sofria modificações. Dessas intercorrências diversas nascia o que era natural no encontro da civilização com a barbárie em um país inóspito e separado da metrópole por 2.000 léguas de oceano; o nível resultante das resistências oferecidas por um meio inferior às forças que vinham de um meio superior abaixava ou se elevava conforme o indivíduo dispunha de um caráter e de uma educação mais fortes.

É assim que no próprio Anchieta vemos o misticismo diluir-se em um curioso naturalismo e a sua teologia transformar-se genialmente em fetichismo para realizar a obra da catequese dos índios.

Partindo de Anchieta também se pode observar a marcha que tomou esse fenômeno através da história do Brasil; de sorte que este, pelo menos no que diz respeito ao desenvolvimento estético, reduziu-se ao levantamento daquele nível segundo a maior ou menor subordinação da civilização à TERRA.

IV

Vícios – “Visitando os povos vizinhos desta terra, confessei a muitos e grande fruto se fez, porque muitos deixaram os pecados e tomaram por mulheres as concubinas ou as abandonaram, posto que entre estes se veem muitos cristãos que estão aqui no Brasil. Os quais têm não só uma concubina, mas muitas em casa, fazendo batizar muitas escravas sob pretexto de bom zelo e para se amancebarem com elas, cuidando que por isso não seja pecado, e de par com estes estão alguns religiosos que caem no mesmo erro, de modo que podemos dizer: *Omnes commixti sunt inter gentes et didicerunt opera eorum*” – M. da Nóbrega, *Cartas do Brasil* (1549-1560).

V

Rábulas e bacharéis – “... pondo o sentido e o coração na pátria, tratam de se acolher, tanto que da província confusa tem esfolado alguma coisa com que se fazer possam: daqui nascem tanto trocar, tanto mentir, tanta trapaça, que as novas delas não fazem senão *acarretar bacharéis* à pobre província, a qual com os... religiosos e com a multidão de letras do Reino vão, etc., etc.” – Diogo de Campos, *Razão d’Estado*. Apud Varnhagen, *História geral do Brasil*.

VI

Erotismo crioulo e corrupção colonial – Não inventei o que ficou descrito no texto; reconstituí a vida da colônia sugestionado pelas relações que deixaram escritas alguns profundos observadores daquele tempo. No que toca ao regime dos engenhos, basta ler a obra de Antonil para reconhecer a verdade das minhas descrições.

“Melhores ainda são para qualquer ofício os mulatos; porém muitos destes, usando mal dos favores dos senhores, são soberbos e viciosos e prezam-se de valentes, aparelhados para qualquer desafio. E contudo eles, e elas da mesma cor, ordinariamente levam no Brasil a melhor sorte; porque com aquela parte de sangue branco, que têm nas veias, e talvez dos seus mesmos senhores, os enfeitam de tal maneira que alguns tudo lhes sofrem, tudo lhes perdoam; e parece que se não atrevem a repreendê-los, antes todos os mimos são seus. E não é fácil decidir se nesta parte são mais remissos os senhores, ou as senhoras; pois não falta entre eles e elas quem se deixe governar por mulatos, que não são os melhores; para que se verifique o provérbio, que diz: – Que o Brasil é inferno dos negros, purgatório dos brancos, e paraíso dos mulatos e das mulatas –; salvo quando por alguma desconfiança, ou ciúme, o amor se muda em ódio, e sai armado de todo gênero de crueldade e rigor. Bom é valer-se de suas habilidades, quando quiserem usar bem delas, como assim fazem alguns, porém não se lhes há-de dar tanto a mão, que peguem no braço, e de escravos se façam senhores. Forrar mulatas desinquieta é perdição manifesta: porque o dinheiro, que dão para as livrarem, raras vezes sai de outras minas, que dos seus mesmos corpos, com repetidos pecados; e depois de forras continuam a ser ruínas de muitos.” – *Cultura e opulência do Brasil*, Cap. IX.

O autor desse escrito original era um espírito arguto e astuto. A leitura do exemplar dessa obra curiosa, que possuo e que me foi oferecido pelo bibliófilo Luiz Antônio de Carvalho,

proporcionou-me uma das maiores surpresas que tenho experimentado no estudo da história do Brasil, não só pelo naturalismo das observações contidas no livro, como pelo profundo conhecimento da psicologia política e aplicação à colônia do Brasil. Esta surpresa traduzi-a, em conversa, ao citado bibliófilo, o qual mostrou-se muito intrigado por dizer-lhe eu que Antonil pretendia ensinar os fazendeiros do Brasil a governarem-se pelos princípios do *Príncipe* de Maquiavel, e que seguramente fora essa a causa de ter o governo português abafado livro tão extraordinário.

A corrupção antes da conquista holandesa é atestada pelo autor do *Valeroso Lucideno* (p. 9) nestes termos:

“Os ministros da justiça em Olinda como traziam-nas mui delgadas, como lhe punham os delinquentes nas pontas quatro caixas de açúcar, logo dobravam; e assim era a justiça de compadres.”

A civilização da Bahia em 1685 teve admiradores picarescos em Dampier e Frezier, que a descrevem com um luxo de cores singularíssimo. – Southey, IV, 426, 446.

Todavia, justiça se faça aos colonos e aos baianos: repeliram a inquisição que pretendia abafar os brasileiros sob a forma de cristãos-novos, judeus ou cafinfins, como se dizia na linguagem popular.

VII

Papel forte e Parecer sobre as coisas do Brasil – Estes dois documentos dão uma ideia muito triste não só da moral política de Vieira, que se apadrinhava com a célebre *Razão de Estado*, mas também da sua perspicácia diplomática, muito semelhante à de qualquer Júlio Verne do tempo. Vieira enganou a si mesmo julgando que os fatos e as leis históricas se podiam iludir com pouca-vergonha, ironias e calemburgos. D. João IV teve o bom senso de não aceitar conselhos tão pouco filosóficos e tão pouco cristãos, como eram os que se referiam à venda a retro de Pernambuco aos holandeses

com a cláusula encoberta. São curiosas as palavras do jesuíta: “mas como naquela república (Holanda) tudo é venal, entendemos que maior conhecimento de seus ministros e alguns deles chegaram a significar que o caminho que se pode ter nesse negócio é comprar a mesma compra, e assim o primeiro e principal fundamento sobre o que se há-de obrar é ter V.M. em Holanda quatrocentos ou quinhentos mil cruzados com que comprar as vontades e juízos dos ministros mais interessados e poderosos.” *Rev. Trim. do Inst. Hist. et Geogr.*, vol. 56.

VIII

Frei Cosme de São Damião – Não pude verificar se este santo da Bahia chegou a ser canonizado, pois devia tê-lo sido à vista do que refere Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, o qual no seu *Novo orbe seráfico brasílico*, 2ª parte, liv. 1º, transcreve, entre muitos outros documentos relativos à santidade daquele venerável custódio, um onde o médico André Rodrigues e o físico-mor Francisco Vaz Cabral declaram que, ao dar-se sepultura ao corpo, “tocando-lhe narizes, boca, orelhas, cabelos, e os emunctórios, não acharam sinal algum de mau cheiro, ou corrupção”, apesar de decorridas vinte e sete horas agravadas pelo calor, depois de falecimento.

IX

Vida íntima de Gregório de Matos – Os fatos narrados no decurso da obra relativamente ao poeta são extraídos dos versos publicado por Vale Cabral e dos inéditos de Gregório de Matos. Para reconstituir a sua vida durante o período dos *engenhos* foi indispensável recorrer aos dois códices, hoje existentes na Biblioteca Nacional, e que pertenceram, um à coleção de manuscritos ex-imperador e outro à coleção Carvalho. Com auxílio

deles fez Vale Cabral a bela edição que temos das *Satíricas*. Entre os inéditos encontram-se ainda glosas, sonetos e poesias escabrosas, de mui difícil vulgarização, mas que no entanto constituem uma mina biográfica inesgotável, tantos são os nomes de pessoas, as indicações de lugares e referências feitas pelo poeta aos sucessos de sua acidentada carreira. É pena que se não possam analisar a maior parte das poesias dedicadas ao Padre Damaso da Silva e ao vigário de Passé, Lourenço de Souza, as quais forneceriam uma série enorme de anedotas íntimas. Muito grandes deviam ter sido as ofensas recebidas pelo poeta destes dois clérigos soezes, porque raro é o verso em que o satírico não os fira com ferocidade, misto de ódio, desprezo e nojo inextinguível.

Talvez essas e outras agressões em verso chulo levassem D. Pedro II a escrever a lápis, na primeira página do 1º volume do códice que lhe pertencera, o seguinte dístico: “*video meliora proboque, deteriora sequor*”.

X

Mulatos – Frei M. Calado, no *Valeroso Lucideno*, descreve o tipo de um mulato livre, chamado Domingos Fagundes, filho de pai nobre e rico, o qual chegou a ser nomeado capitão na Ipojuca em Pernambuco. Desse homem contavam-se anedotas, que, conquanto exageradas, definem perfeitamente a audácia característica dos mestiços sertanejos. Entre outras citarei esta. Sabendo Domingos Fagundes que um holandês pusera em dúvida o seu valor e dissera que ele não passava de um assassino incapaz de matar ninguém de frente em campo aberto, procurou-o para desforçar-se da injúria, e com efeito logo adiante topou o flamengo, que corria pela estrada acompanhado de um compatriota. Todos iam armados de bacamartes e pistolas. Apenas Fagundes descobriu o inimigo, picou o cavalo, e atravessando-se na frente fê-lo

parar e disse: “Sois mestre Jan, e eu sou Domingos; se sois mais homem do que eu, matai-me, vós que sois flamengo.” O holandês não fez um movimento; porque antes que pudesse armar o bacamarte, o adversário o tinha varado com uma bala certa no coração.

A mais de uma pessoa Fagundes acolhera com o mesmo tratamento por insignificantes ofensas. A um soldado, porque lhe dera um murro na rua, esperou ele um dia fora de Recife e barbaramente o esfaqueou.

Frei M. Calado, contando as façanhas de Fagundes, não sabia talvez que iniciava a história da *capangagem* brasileira.

Apesar dessas informações dadas por quem assistira a tudo, Frei Raphaël de Jesus, nos *Castrioto lusitano*, chama Fagundes de “moço generoso”. Como todos sabem, esse frade foi apenas um panegirista exagerado de Fernandes Vieira, e entre os mais defeitos tinha o de achar magníficos e superlativamente heroicos todos aqueles que massacravam flamengos, ainda mesmo a traição. Domingos Fagundes estava nessa lista; os holandeses que assassinou não se contavam. Daí a apologia do capelão de João Fernandes.

XI

Prodigalidade de D. João V – Oliveira Martins, na *História de Portugal*, escreveu a epopeia das loucuras desse rei freirático. No capítulo em que o autor se refere ao Brasil, parece que o novo Aladino não teria encontrado nas *Mil e uma noites* tesouros tão opulentos em surpresa. Está por fazer ainda o romance do Brasil dos Descobertos. Nas *Minas de prata* José de Alencar tentou maravilhar-nos com as lendas de Robério Dias; resta, porém, documentar uma narração condensada dos fatos verdadeiros que se realizaram no período aludido e que não será menos maravilhosa.

XII

Força propulsiva – O poder de crescimento, devido à TERRA, tem sido a salvação do Brasil, em todos os tempos. Todos os erros econômicos são compensados pela fartura; todos os dislates políticos, remediados pela índole do povo bem-humorado, graças à vastidão do país e à influência sedativa da variedade de recursos. A natureza aqui tem tanta força curativa como nas crianças sadias.

Em 1852, o nosso hóspede Ribeyrolles, vítima de Napoleão III e falecido em Niterói, escreveu que no Brasil “todos mandavam, ninguém obedecia e tudo ia bem”. O que mais admira é que essa frase reproduz exatamente o mesmo pensamento externado sobre o país pelo bispo de Tucumã no século XVI.

XIII

B. Ravasco – Era um dos membros efetivos da tropilha poética de G. de Matos. O último verso da décima transcrita no texto é um mote desse poeta.

XIV

Glosa – Quarta décima da glosa escrita por G. de Matos. O poeta das *Reprovações* não era muito apreciador do gênero. A glosa foi, entretanto, uma praga da época.

XV

A viola de Gregório de Matos – Provavelmente a viola que salvou o poeta em Angola era a mesma que ele, quando fora preso, deixara na Madre Deus, e que o vigário Manuel Rodrigues, muito condoído, lhe mandou entregar, antes da partida, com um donativo de dinheiro destinado às cordas do instrumento.

Dizem que o autor do *Marinícolas* fizera grande alarido para que não o embarcassem sem essa viola: e o licenciado Rabelo afirma que esse curioso instrumento tinha sido fabricado pelo próprio Matos, servindo-se ele de uma cabaça para a construção da caixa de ressonância.

XVI

Procissão de cinzas – Ainda alcancei esta tradicional procissão em Pernambuco. A esse tempo, porém, o cerimonial tinha evoluído. Em vez de seis andores, viam-se trinta e dois, representando quase todo o *Flos Sanctorum*. Alguns desses andores eram complicadíssimos, porque neles figuravam diversos personagens sacros em ação. Recordo-me de um em que havia uma santa martirizada pelo azorrague. As carnes das nádegas lanhadas pendiam em farrapos e o sangue esguichava como de uma fonte de carmim. Não se pode dizer que tal exibição fosse destituída de interesse. Ao contrário, era instrutiva e de uma instrução pitoresca. A isto acrescia o instrumental da penitência, conduzido por farricocos e por outros auxiliares da representação religiosa. Quando nada, o espectador adquiria o conhecimento de que, em outra época, houvera gente bastante simples, que, para buscar a salvação ou a tranquilidade eterna, sublevava a carne com a tortura e a dor excruciante.

Criança era eu ainda nessa época. Uma vez, levado pela curiosidade, finda a cerimônia e recolhidos os andores ao depósito do Convento de Santo Antônio, ousei penetrar nesse recinto. Os santos tinham sido despojados de suas ricas vestimentas; e como a maior parte deles não era destinada senão a servir no ato da Quarta-feira de Cinzas, o imaginário encarnara apenas a cabeça, as mãos, os pés e aqueles membros do corpo que não apareciam desnudados; de sorte que o resto existia em forma de

sarrafos. Esse espetáculo horrorizou-me. Não haveria em tudo aquilo uma grande profanação?, pensei eu, recordando-me dos bastidores do teatro de Santa Isabel. Nesse instante convergiam para mim os olhos de todas aquelas caras macilentas e terríveis, aparelhadas como cabeças de guilhotinados em sarrafos de pinho. Não pude por longo tempo suportar os olhares inquisitoriais que me seguiam, e fugi do claustro para nunca mais voltar ao depósito dos santos.

XVII

Razão de Estado – *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain*; 8^o époque.

Augusto Comte, no *Curso de filosofia positiva*, vol. V, apreciando essa mesma época explica a sua formação e descreve maravilhosamente a atitude hipócrita dos dois poderes rivais, a Igreja e o rei.

XVIII

Cultismo – Th. Braga, *Teoria da história da literatura portuguesa*.

XIX

Capadocismo parlamentar. – Os capadócius que Gregório de Matos mais ridicularizou foram os chamados *Caramurus* “descendentes do sangue de tatu”.

Não se deve esquecer o soneto em que o poeta os celebrou:

*Há coisa como ver um paiaiaí,
Mui prezado de ser caramuru,
Descendente do sangue de tatu,
Cujo torpe idioma é copebá!...*

*A linha feminina é carimá,
Moqueca, petitinga, carinu,
Mingau de puba, vinho de caju,
Pisado num pilão de Pirajá:*

*A masculina é uma aricobé,
Cuja filha cobé c'um branco paí,
Dormiu no promontório de Pacé;*

*O branco era um marau que veio aqui;
Ela era uma índia de Maré;
Copebá, Aricobé, Cobé, Paí.*

Na complicação sempre crescente do tipo, cuja fórmula literária foi criada por Gregório de Matos, e que justiça se lhe faça, concorreu algumas vezes para a unidade do Brasil, neutralizando os dois pontos de vista, *norte* e *sul*, as variantes podem ser, a cada momento, concretizadas em vultos célebres: oradores abundantes como Rui Barbosa; apartistas agudos como Aprígio; políticos astuciosos como Dantas; estadistas flexuosos como Rio Branco; áulicos como Zumalacarregui; políticos cartagineses como Montezuma; chefes de partido graciosos como Cotegipe; poetas pornográficos como Moniz Barreto; mentirosos como Laurindo; jornalistas intangíveis como Cássio; todos, porém, antes de tudo, brilhantes e escorregadios nas mãos dos adversários. Muito honrados uns pelo sangue de tatu, outros pelo do mestiço, todos eles se mostram insóbrios no delírio da eloquência e muito pouco executivos. Os baianos de raça pura, vacinados, porém, moralmente pelo hibridismo do meio, foram os que mais concorreram para elaborar a obra de que a monarquia incumbiu a grande Bahia. Assim, se vemos um São Lourenço organizando a força de sua terra, e um Rio Branco incorporando o movimento

abolicionista à alta política, achamos logo um Cotegeipe, que, apesar das agudezas e do seu talento oratório, não consegue realizar um só programa.

Pela maior parte muito alegres, muito vivos, muito argutos, muito ferinos; mas um tanto inconscientes e algumas vezes teatrais.

XX

Padre Antônio Vieira – O autor da *Arte de furta*r, um dos homens que mais encheu o século com o seu nome, principalmente nas coisas do Brasil, por desventura não sabia filosofar. Muito superior a ele foi D. Francisco Manuel de Melo, o nunca assaz lembrado escritor das *Epanáforas* e da *Carta de guia de casados*.

Se Vieira fosse espírito filosófico e não uma simples imaginação paradoxal, teria reunido todos os homens do Brasil em torno de si; e outra teria sido sua obra. As grandes ideias feriram-no; mas o orador, embevecido de si mesmo, não soube objetivá-las para dar-lhes condigno desenvolvimento. Pensando ser arguto, forte da proteção de D. João IV, ele fez-se brasileiro por paixão do novo; acreditou embaçar a todos e deixou-se iludir de um modo miserável pelos maraus. A ladroíce dos governadores do seu tempo, que ele confrontara com a pureza de André Vidal de Negreiros, levou-o a escrever a *Arte de furta*r, no mesmo pensamento de Maquiavel; mas o jesuíta fê-lo com inabilidade, mais retórica do que psicologia, e as suas lições não impediram que ele mesmo se deixasse envolver pelos tratantes de companhias, constituindo-se advogado da impureza.

Que serviços, entretanto, esse homem não teria prestado ao Brasil, se a ideia, que lhe despontou no espírito diante desse Vidal de Negreiros, não se houvesse afogado no oceano da sua descomunal vaidade?

Vidal, dizia ele em carta a D. João IV, era “muito executivo, muito amigo da justiça e da razão e sobretudo muito desembaraçado e entendendo mui bem todas as matérias, posto que não falasse em verso”. E, todavia, esse varão brasileiro não se constituiu o árbitro da colônia; do que o padre teve muita culpa, consentindo que o desonesto João Fernandes Vieira sub-rogasse em si os enormes serviços desse paraibano; – João Fernandes, que se foi *Castrioto e valeroso*, nunca soube o que era proibidade nacional.

XXI

O lundu – “As danças populares portuguesas condenadas pela Inquisição e pela educação jesuítica conservaram-se nas colônias da América: o Bispo do Grão-Pará fala de uma prática que fez “em louvor do canto honesto e ao mesmo tempo invectiva contra o lascivo das sarabandas e modas do tempo”. – Th. Braga, *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*, I, 396.

O caráter lascivo das danças do século XVIII deve atribuir-se à influência africana e brasileira; o *lundu* e o *batuque* só se conhecem bem seguindo as persistências brasileiras; lê-se nas *Cartas chilenas*:

*A ligeira mulata em traje de homem,
Dança o quente lundu e o batuque.
Fingindo a moça que levanta a saia,
E voando na ponta dos dedinhos,
Prega no machacaz de quem mais gosta
A lasciva embigada, abrido os braços...
Então o machacaz torcendo o corpo,
Pondo uma mão na testa, outra na ilharga,
Ou dando algum estalo com os dedos,
Seguindo das violas o compasso
Lhe diz: Eu pago! eu pago! e de repente,*

*Sobre a torpe michela atira o salto...,
Oh dança venturosa, tu entravas
Nas humildes choupanas, aonde as negras,
Aonde as vis mulatas apertando
Por baixo do bandulho a larga cinta
Te honravam com marotos e brejeiros,
Batendo sobre o chão o pé descalço.
Agora já consegues ter entrada
Nas casas mais honestas e palácios.*

– Obr. e vol. cit., 400.

XXII

A modinha – “As Liras de Gonzaga tornaram-se mais belas com a triste realidade dos seus amores desgraçados; o *mulato* Caldas encantava a aristocracia lisbonense com os requebros melódiosos das *Modinhas*, contra as quais reagiam Filinto Elísio, que embirrava com os versos de redondilha menor, e Bocage, que invejava a celebridade do padre mulato. A modinha trazida do Brasil deslumbrava em Lisboa esse pitoresco observador Beckford, Strafford e Kinsey, e perpetuava-se entre o povo. Ainda hoje se canta a *Marcia bella*, da qual diz o Marquês de Resende: “o surdíssimo Conde de Soure... casado com a excelente filha do Marquês de Marialva D. Maria José do Santos e Meneses, cuja engraçada formosura foi com o nome de *Marcia bella* celebrada nas primeiras *modinhas finas* portuguesas, que por esse tempo compôs e depois publicou sob o pseudônimo de Lereno o douto Caldas Barbosa.” Uma igual assimilação popular se observa no Brasil. Escreve Sílvio Romero: “O poeta teve a consagração da popularidade. Não falo dessa que adquiriu em Lisboa, assistindo a festas e improvisando à viola. Refiro-me a uma popularidade mais vasta e

mais justa. Quase todas as cantigas de Lerenó correm na boca do povo, nas classes plebeias truncadas ou ampliadas. Tenho desse fato uma prova direta, quando em algumas províncias do norte coligi grande cópia de canções populares, repetidas vezes recolhi cantigas de Caldas Barbosa como anônimas, repetidas por analfabetos.” O entusiasmo pelas *Modinhas* brasileiras em Portugal, no meado do século XVIII, além dos traços magistras de Tolentino, acha-se aludido em um entremez que 1786, *A rabugem das velhas*: “Pois minha riquinha avó, esta *modinha* nova que agora se inventou é um mimo; a todos deve paixão.” A velha desespera-se e começa a exaltar o seu tempo passado: “não torne outra vez a cantar *Cegos amores*, *Laços quebrados* e outras semelhantes asneiras; parece-lhes que tem muita graça mas enganam-se. Valiam mais duas palavras das cantigas do meu tempo. Ah! mana... quando nós cantávamos o *Minuete nas praias*, *Bellerma misera*, a engraçada *Filhota* e a *modinha do Senhor Francisco Bandalho!* isso é que era deixar todos com a boca aberta; mas hoje não se ouve mais nada do que Amores e outras semelhantes nicas, que me aborrecem, e digo que não quero ouvi-las v. m. cantar, tem-me percebido.” Tolentino alude à *modinha do Senhor Francisco Bandalho*, assim pelo estilo da do *Senhor Pereira de Moraes* dos bailes desenvoltos; em um outro entremez do *Figurão da peraltice*, vêm intercaladas duas estrofes de *Belerma misera*, com que as antigas reagiam contra as modas novas de 1786.”

– Th. Braga, Introdução aos *Cantos populares* de Sílvio Romero.

XXIII

A língua de Gregório de Matos – Não é aqui lugar próprio para tratar desse assunto, que será objeto de uma monografia especial tendo por limites o século XVII e a influência exercida pelo poeta baiano nas modificações do português no Brasil. Nesta

monografia ocupar-me-ei não só do fenômeno linguístico, tomando por ponto de partida os trabalhos de Batista Caetano e de Paranhos da Silva Júnior, mas também farei uma tentativa sobre os ritmos populares e sobre a sua influência na sintaxe, servindo-me, pela primeira vez, das leis descobertas por Pierson relativamente à métrica da linguagem.

Devo, entretanto, notar que Varnhagen é o pai de todas as ideias sugestivas que hoje circulam na história da nossa literatura. Foi ele o primeiro que lembrou a inclusão dos cronistas nessa história; foi ele ainda quem levantou a questão do acento nacional e do dialeto brasileiro.



© 2012, Fundação Darcy Ribeiro
Direitos desta edição pertencentes à Fundação Darcy Ribeiro
Rua Almirante Alexandrino, 1991
20241-263 - Rio de Janeiro – RJ
www.fundar.org.br

1ª Edição. 1ª Impressão. 2014.

BIBLIOTECA BÁSICA BRASILEIRA – CULTIVE UM LIVRO

Curadoria

Paulo de F. Ribeiro – Coordenação Geral
Godofredo de Oliveira Neto
Antonio Edmilson Martins Rodrigues

Comitê Editorial

Eric Nepomuceno – Fundação Darcy Ribeiro
Oscar Gonçalves – Fundação Biblioteca Nacional
Norberto Abreu e Silva Neto – Editora Universidade de Brasília
Anibal Bragança – Fundação Biblioteca Nacional
Lucia Pulino – Editora Universidade de Brasília

Produção

Editora Batel

Coordenação editorial

Carlos Barbosa

Projeto gráfico

Solange Trevisan zc

Diagramação

Solange Trevisan zc

Ilustrarte Design e Produção Editorial

Tratamento de textos da coleção

Clara Diament

Edmilson Carneiro

Cerise Gurgel C. da Silveira

Carina Lessa

Léia Elias Coelho

Maria Edite Freire Rocha

Projeto de capa

Leonardo Viana

Assessoria de Comunicação Fundar

Laura Murta

Texto estabelecido segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

A662g

Araripe Junior, T. A. (Tristão de Alencar), 1848-1911
Gregório de Matos / Araripe Júnior. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 460 p.;
21 cm. – (Coleção biblioteca básica brasileira; 49).

ISBN 978-85-635-7462-6

1. Matos, Gregório de, 1633?-1696 – Crítica e interpretação. 2. Poesia brasileira – História e crítica.
I. Fundação Darcy Ribeiro II. Título. III. Série.

CDD-B869.1

Roberta Maria de O. V. da Costa – Bibliotecária CRB7 5587



Patrocínio:



Realização:

Ministério da
Cultura



Impressão e acabamento :





FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO

Instituidor

Darcy Ribeiro

Conselho Curador

Alberto Venâncio Filho

Antonio Risério

Daniel Corrêa Homem de Carvalho

Elizabeth Versiani Formaggini

Eric Nepomuceno

Fernando Otávio de Freitas Peregrino

Gisele Jacon de Araújo Moreira

Haroldo Costa

Haydée Ribeiro Coelho

Irene Figueira Ferraz

Isa Grinspum Ferraz

Leonel Kaz

Lucia Velloso Maurício

Luzia de Maria Rodrigues Reis

Maria de Nazareth Gama e Silva

Maria Elizabeth Brêa Monteiro

Maria José Latgé Kwamme

Maria Stella Faria de Amorim

Maria Vera Teixeira Brant

Mércio Pereira Gomes

Paulo de F. Ribeiro

Paulo Sergio Duarte

Sergio Pereira da Silva

Wilson Mirza

Yolanda Lima Lobo

Conselho Curador – In Memoriam

Antonio Callado

Carlos de Araujo Moreira Neto

Leonel de Moura Brizola

Moacir Werneck de Castro

Oscar Niemeyer

Tatiana Chagas Memória

Conselho Fiscal

Eduardo Chuahy

Lauro Mário Perdigão Schuch

Trajano Ricardo Monteiro Ribeiro

Alexandre Gomes Nordskog

Diretoria Executiva

Paulo de F. Ribeiro – Presidente

Haroldo Costa – Vice-Presidente

Maria José Latgé Kwamme – Diretora Administrativo-Financeira

Isa Grinspum Ferraz – Diretora Cultural

Maria Stella Faria de Amorim – Diretora Técnica

